

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**RAISA MONTEIRO CAPELA**

**O PAPEL DAS FOTOGRAFIAS NO PROCESSO DE  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSIQUIATRIA (1906-1930)**

**Rio de Janeiro**

**2021**

**RAISA MONTEIRO CAPELA**

**O PAPEL DAS FOTOGRAFIAS NO PROCESSO DE  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSIQUIATRIA (1906-1930)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro

2021

**RAISA MONTEIRO CAPELA**

**O PAPEL DAS FOTOGRAFIAS NO PROCESSO DE  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSIQUIATRIA (1906-1930)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) – Orientadora

---

Prof. Dra. Ana Maria Mauad (Departamento de História da Universidade Federal Fluminense)

---

Prof. Dr. Flavio Coelho Edler (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

**Suplentes:**

---

Prof. Dra. Dilene Raimundo do Nascimento (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

---

Prof. Dr. Pedro Felipe Neves de Muñoz (Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio)

Rio de Janeiro

2021

---

Ficha Catalográfica

---

C991p Capela, Raisal Monteiro.

O papel das fotografias no processo de institucionalização da  
Psiquiatria (1906-1930) / Raisal Monteiro Capela ; orientada por Cristiana  
Facchinetti. – Rio de Janeiro : s.n., 2021.  
97 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –  
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2021.  
Bibliografia: 88-97f.

1. Psiquiatria. 2. Fotografia. 3. História do Século XX. 4. Brasil.

CDD 362.1

---

Catologação na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

À minha filha Kalindi.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Cristiana Facchinetti pelas orientações, conversas, reuniões e todo tempo dedicado a esta pesquisa.

Aos professores e professoras da Casa de Oswaldo Cruz (COC), que de muitas formas colaboraram para o meu crescimento intelectual e forneceram um apoio emocional no qual sou profundamente grata, como Ana Venancio, Flávio Edler, Simone Kropf, Gilberto Hocchman e Magali Romero Sá.

Agradeço aos funcionários (as) da secretaria do PPGHCS, aos funcionários (as) da Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz que sempre foram solícitos e amistosos com minhas demandas.

Aos amigos que conheci no mestrado e que me enriqueceram através das trocas, das parcerias e, sobretudo, do afeto nos momentos de angústia. Em especial para os amigos Ygor Martins, Eliza Toledo, Luana Bonnachi, Anna Paula Santos e Carolina Rabelo.

Ao meu companheiro de vida Marcos, pelo incentivo quando eu me encontrava desmotivada e desesperançosa. E à minha prima Camilla, que foi tão fundamental na reta final de pesquisa me ajudando com seu tempo e olhar atencioso à leitura do texto.

Agradeço sobretudo aos meus pais, que estão sempre ao meu lado me apoiando em minhas decisões e sendo um braço fundamental na minha vida. E minha filha Kalindi, que precisou lidar com minhas ausências, meus prazos, meu desespero para concluir esta etapa tão significativa da minha vida acadêmica.

## RESUMO

Esta pesquisa busca refletir o papel da fotografia na construção do capital simbólico dos médicos psiquiatras, no momento em que o campo se consolidava. Nosso objetivo foi compreender de que modo essas imagens foram mobilizadas em diferentes suportes para reforçar a autoridade e o ethos científico e social desses personagens, no momento em que o campo se institucionalizava. Analisando diferentes tipos de imagens por meio de três categorias: o uso da fotografia para demonstrar a *objetividade* científica; como *atestado de presença*, realçando a sua força probatória para certificar acontecimentos e mudanças; e a fotografia como fortalecedora do *capital simbólico* e prestígio científico e social desses profissionais. As fotografias se apresentaram como uma ferramenta eficiente na promoção das atividades dos médicos psiquiatras, tornando suas pautas, agendas e discussões tema de interesse e curiosidade popular, e que acabavam permitindo a inserção desses saberes nas mais diversas esferas e temáticas da vida cotidiana. Para pensar este tema, buscamos analisar quais elementos semiológicos e escolhas estéticas esses médicos mobilizavam para reforçar a mensagem que estavam passando e como elas foram instrumentos significativos para posicionar o campo psiquiátrico no cenário científico e social, e reforçar a autoridade da imagem em construção. Sobretudo por esta pesquisa estar localizada num período histórico onde o ato de fotografar ainda não era acessível às massas. Cerca de 90 imagens passaram pelo crivo desta pesquisa, mas selecionamos àquelas que melhor poderiam colaborar para a chave analítica desta pesquisa e trazer novas perspectivas para refletir o papel das fotografias neste momento histórico tão significativo à institucionalização da psiquiatria, onde o ser visto e como ser visto foi de fundamental importância para a formação do seu capital simbólico.

**Palavras-chave:** psiquiatria, fotografia, capital simbólico

## ABSTRACT

This research seeks to reflect the role of photography in the construction of the symbolic capital of psychiatrists, at a time when the field was consolidating. Our objective was to understand how these images were mobilized in different supports to reinforce the authority and the scientific and social ethos of these characters, at the moment when the field was institutionalized. Analyzing different types of images through three categories: the use of photography to demonstrate scientific objectivity; as a certificate of attendance, highlighting its probative force to certify events and changes; and photography as strengthening the symbolic capital and scientific and social prestige of these professionals. The photographs presented themselves as an efficient tool in promoting the activities of psychiatrists, making their agendas, agendas and discussions a topic of popular interest and curiosity, and which ended up allowing the insertion of this knowledge in the most diverse spheres and themes of everyday life. To think about this theme, we sought to analyze which semiological elements and aesthetic choices these doctors mobilized to reinforce the message they were passing on and how they were significant instruments to position the psychiatric field in the scientific and social scenario, and reinforce the authority of the image under construction. Mainly because this research is located in a historical period where the act of photographing was not yet accessible to the masses. About 90 images went through the sieve of this research, but we selected those that could best contribute to the analytical key of this research and bring new perspectives to reflect the role of photographs in this historical moment so significant to the institutionalization of psychiatry, where to be seen and how to be seen was of fundamental importance for the formation of its symbolic capital.

**Keywords:** psychiatry, photography, symbolic capital

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Fotografias sinaléticas de Carleto.....	20
<b>Imagem 2</b> – Reprodução da fotografia localizada no peito de Carleto.....	20
<b>Imagem 3</b> – Pacientes do Hospício Nacional de Alienados.....	24
<b>Imagem 4</b> – Paciente do HNA que apresenta diversos tipos de estereotípias.....	26
<b>Imagem 5</b> – A posição do paciente tem por objetivo demonstrar visualmente a redução do tônus muscular.....	27
<b>Imagem 6</b> – Paciente com dificuldade na marcha.....	28
<b>Imagem 7</b> – Evolução do tratamento da criança que em seis dias consegue sustentar a cabeça.....	29
<b>Imagem 8</b> – Três fotografias que demonstram a evolução do tratamento de uma adolescente.....	30
<b>Imagem 9</b> – Fotografia onde os médicos ressaltam a "atitude prédicta" do paciente com delírio místico.....	31
<b>Imagem 10</b> – Pacientes mulheres com paralisia geral.....	32
<b>Imagem 11</b> – Gêmeas esquizofrênicas.....	33
<b>Imagem 12</b> – Microfotografias.....	34
<b>Imagem 13</b> – Gabinete de eletricidade médica do HNA.....	40
<b>Imagem 14</b> – Sala de Eletroterapia do HNA.....	41
<b>Imagem 15</b> – Fotografia dos leitos dos pacientes do HNA.....	41
<b>Imagem 16</b> – Sala de diversões dos enfermos do HNA.....	42
<b>Imagem 17</b> – Pátio Sessão Pinel.....	43
<b>Imagem 18</b> – Sala de costura do HNA.....	43
<b>Imagem 19</b> – Vista parcial da sala de cirurgia do HNA.....	44
<b>Imagem 20</b> – Frontispício da cozinha do HNA.....	45

<b>Imagem 21</b> – Interior da cozinha do HNA.....	45
<b>Imagem 22</b> – Pavilhão de epiléticos.....	46
<b>Imagem 23</b> – Pavilhão Di Simoni.....	48
<b>Imagem 24</b> – Pavilhão Sigaud HNA reformado.....	48
<b>Imagem 25</b> – O Natal dos infelizes.....	51
<b>Imagem 26</b> – Interior do Pavilhão Bourneville.....	52
<b>Imagem 27</b> – Sessão com fonógrafo no Pavilhão Bourneville.....	53
<b>Imagem 28</b> – Meninas do Bourneville com Tia Anna.....	54
<b>Imagem 29</b> – Paciente na camisa de força.....	55
<b>Imagem 30</b> – O hospício prisão.....	55
<b>Imagem 31</b> – O hospício atual.....	56
<b>Imagem 32</b> – Dia do Alienado celebrado no Hospício Nacional de Alienados.....	57
<b>Imagem 33</b> – Dia do Alienado com exibição de filme.....	57
<b>Imagem 34</b> – Festa do Dia do Alienado.....	58
<b>Imagem 35</b> – Pacientes no pátio do HNA.....	59
<b>Imagem 36</b> – Salão nobre e sala de cirurgia do HNA.....	59
<b>Imagem 37</b> – Fotografia da fachada do Hospício, sua entrada principal.....	60
<b>Imagem 38</b> – Outra fotografia da fachada do hospício.....	61
<b>Imagem 39</b> – Fotografia da enfermaria do HNA.....	61
<b>Imagem 40</b> – Fotografia do Prof. Dr. Diogenes Sampaio.....	64
<b>Imagem 41</b> – Prof. Dr. Marcio Nery.....	65
<b>Imagem 42</b> – Aula ao ar livre e Dr. Plínio e sua esposa.....	66
<b>Imagem 43</b> – Figuras e factos.....	66
<b>Imagem 44</b> – Médicos e autoridades se reúnem no Copacabana Palace.....	68
<b>Imagem 45</b> – Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1916).....	71
<b>Imagem 46</b> – Participantes do I Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1916).....	71
<b>Imagem 47</b> – Presidente Washington Luis e Juliano Moreira.....	73
<b>Imagem 48</b> – Médicos e autoridades em visita ao HNA.....	73
<b>Imagem 49</b> – Matéria destacando a chegada dos profs. Max Nonne, Fedor Krause e Fritz Ruppert no Brasil.....	74
<b>Imagem 50</b> – Conferência do Prof. Max Nonne na Academia Nacional de Medicina.....	76
<b>Imagem 51</b> – Recepção de Einstein no Brasil.....	77
<b>Imagem 52</b> – Einstein e Juliano Moreira na Sede da Academia Brasileira de Ciências .....	78

<b>Imagem 53</b> – Funeral Juliano Moreira.....	79
<b>Imagem 54</b> – Velório de Juliano Moreira.....	79
<b>Imagem 55</b> – Enterro de Juliano Moreira.....	80

### **LISTA DE SIGLAS**

HNA – Hospital Nacional de Alienados

FMRJ – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

MJNI – Ministério da Justiça e Negócios Interiores

SNDM – Serviço Nacional de Doenças Mentais

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 – Fotografias na História da Psiquiatria - ou em Prol da Objetividade Científica (Brasil, 1906-1938) .....</b>	<b>9</b>
1.1 Criando uma nova especialidade médica .....	9
1.2 Ares de objetividade.....	13
1.3 O valor da objetividade científica para efeito de legitimação .....	15
1.4 A objetividade das fotografias no HNA e os arquivos da psiquiatria .....	21
<b>Capítulo 2 – Fotografias como prova dos acontecimentos.....</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo 3 – O Ethos da Psiquiatria Brasileira: A Construção de um capital simbólico</b>	<b>63</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>82</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>85</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>85</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>88</b>



## INTRODUÇÃO

"o olho que vê é órgão da tradição."  
(Franz Boas, 1986, *apud* SCHWARZ, 1997: 45).

Esta dissertação explora a relação entre o processo de acumulação do capital simbólico da psiquiatria no Brasil e o uso de fotografias, entre os anos de 1906 e 1938. A pesquisa dá continuidade e complexifica os primeiros passos de investigações estabelecidas quando eu era bolsista graduada na COC/Fiocruz entre os anos de 2017 e 2019, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiana Facchinetti, no projeto “Do Hospício de Pedro II a Hospital Nacional de Alienados: cem anos de história (1841-1944)<sup>1</sup> e que resultaram também na minha monografia de final de curso em história (CAPELA, 2018).

Esta investigação visa discutir de que forma as fotografias foram utilizadas pela psiquiatria local no início do século XX, com vistas a produzir e realçar seu capital simbólico. Considerando que as relações de poder não se restringem ao cabedal econômico, Pierre Bourdieu (1974) estabelece uma complexa relação de elementos simbólicos que apoiam a noção de poder em meio a trocas simbólicas, ao mesmo tempo em que promovem a distinção e o prestígio de determinados grupos sociais.

De que modo essas fotografias tratam os determinantes associados ao capital escolar e científico, buscam sublinhar o desenvolvimento da tecnologia médico-mental apoiada em laboratórios e em experimentação, ou, ainda, dão visibilidade a princípios de legitimação e hierarquização decorrentes de certa posição social frente à cultura dominante? Buscamos responder a tal indagação mais geral por meio da demonstração aprofundada dos usos e funções das fotografias no âmbito do Hospital Nacional de Alienados<sup>2</sup> e também fora dele, no estabelecimento de diálogos entre a psiquiatria brasileira e o campo mais amplo da sociedade e discutindo em que medida essas imagens conferiram de fato legitimidade à psiquiatria.

De um modo geral, consideramos que, para elucidar os processos de pesquisa bem como seus resultados, a ciência do século XIX passou a se valer daquilo que Bruno Latour (2000) chamou de *inscrições*, mecanismos que materializam os processos e etapas dos objetos da ciência em gráficos, mapas e fotografias, formalizando os enunciados científicos e facilitando

---

1 Apoio: CNPq /PROEP / FIOCRUZ. Para mais informação sobre essa pesquisa ver, por exemplo, a nota de pesquisa que resultou do trabalho nesse período (DIAS; CAPELA 2020).

2 Este asilo foi denominado de Hospício de Pedro II e com a proclamação da República passa a se chamar Hospício Nacional de Alienados. Em 1911, passa por outra transformação e intitula-se Hospital Nacional de Alienados. Em 1927, mais uma vez é renomeado como Hospital Nacional de Psicopatas. (FACCHINETTI, CUPELLO, EVANGELISTA, 2010). Em 1937 ganhou o nome de Hospital Psiquiátrico (LEI Nº 378, DE 13 DE JANEIRO DE 1937).

a comunicação acerca de uma compreensão particular da dimensão visual dos objetos. Em suas próprias palavras, o dispositivo de *inscrição* seria “qualquer estrutura (sejam quais forem seu tamanho, sua natureza e seu custo) que possibilite uma exposição visual de qualquer tipo num texto científico” (LATOURE, 2000: 112). Vale ainda sublinhar que, para o autor, a inscrição possui uma dimensão política e visa fortalecer uma posição dentro do texto. Latour (2015: 3) considera que a conjunção da escrita com as inscrições permite explicações mais concisas e menos complexas. É a transformação dos enunciados científicos em inscrições que possibilitam maior entendimento das pessoas. Entretanto, o autor chama atenção para o fato de que são ferramentas que viabilizam a explicação de quase tudo, também há o risco de não explicarem quase nada, estando condicionadas a forma como se as utiliza (LATOURE, 2015: 17). O que mais nos interessa nas reflexões latourianas sobre as inscrições é o percurso que o autor faz para a demonstração de como a criação de imagens ajuda a garantir novos e fiéis aliados na comunidade científica, já que para o autor, as inscrições tornam-se instrumentos de mobilização e convencimento por sua consistência ótica (LATOURE, 2015: 7).

No caso da psiquiatria, como em outros campos científicos, é o caso de verificar se os profissionais se utilizaram da fotografia para conferir legitimidade à produção de seus saberes. Nem sempre é possível, para a maioria dos indivíduos, acessar o local onde os fatos são construídos ou apresentados (sejam esses o laboratório, a clínica ou a beira do leito); participar de congressos e conferências; e muito menos lhes é dado acompanhar detalhadamente as etapas que o compõem. Por este motivo, os dispositivos de inscrição passaram a exercer papel relevante como auxílio textual, servindo de aparato para a palavra do autor (LATOURE, 2000: 83-106), e/ ou adicionando referências externas que acabaram por configurar maior autoridade ao texto na construção dos fatos. A importância das imagens é que elas possibilitam a oferta da evidência, da força comprobatória em detrimento ao suporte escrito e retórico. Nas palavras de Latour: “Você duvida do que eu digo? Vou lhe mostrar” (2015: 14). Como ocorreu com o resto das ciências, a psiquiatria ganhou um aliado importante: as imagens. E elas colaboraram – e colaboram ainda hoje - não só para maior compreensão dos diagnósticos, mas também o fortalecimento nosológico dos transtornos mentais e no convencimento dos pares dentro da comunidade científica acerca dos quadros patológicos.

Para refletir sobre o papel desse apoio visual para a consolidação da psiquiatria no Brasil e considerar os diferentes tipos de imagens e suportes que colaboraram para a construção do seu capital simbólico, analisamos nessa dissertação os clichês que circularam em revistas científicas e leigas, e que foram coletados por meio de três categorias, tomadas como vetores

importantes de leitura de imagem: o uso da fotografia para conferir *objetividade* ao campo, como *atestado de presença* e para fazer circular e fortalecer seu *capital simbólico*.

Neste sentido, ao analisarmos a *objetividade* que as imagens forneceram à ciência psiquiátrica, tomamos a objetividade não como uma virtude epistemológica *per se*, mas como um valor que teve a função de aumentar a autoridade moral do discurso que interpreta a natureza do mental e que foi compreendida como uma dimensão bastante significativa na produção do conhecimento científico.

A categoria *atestado de presença* ofereceu-nos uma outra mirada nas fotografias, dessa vez a partir de interesses que mobilizavam o grupo de psiquiatras que circulavam entre os pavilhões do HNA e na clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina (FMRJ), o Pavilhão de Observação do próprio asilo. São imagens que sugerem respaldar certos acontecimentos, inserindo-os no plano da prova, do veredicto, da força probatória, onde sua autenticidade se sobrepõe a sua capacidade de representação e que não exatamente conversa com seus pares, como na categoria de objetividade, mas que buscam em outros públicos a demonstração de seus feitos (TAGG, 1993).

Além dessa perspectiva, analisamos o modo pelo qual esse repertório imagético reforçou o *ethos* científico da psiquiatria local. Além dele, buscamos demonstrar que as imagens também contribuíram para produzir o *ethos* cultural e a produção de capital simbólico dos psiquiatras que se reuniram na FMRJ e no HNA, fornecendo a eles, inclusive, autoridade para discursar sobre temáticas variadas que iam além da loucura propriamente dita. Assim, através da noção de *ethos*, refletimos sobre o papel dessas fotografias como moeda de fomento na construção do prestígio científico e social que esses profissionais desfrutavam no período.

A escolha dessas três categorias para análise das fotografias foi tomada por considerarmos que elas funcionam como boa ferramenta para a compreensão dos usos e funções dessas imagens. Desta forma, o presente estudo defende a hipótese de que as fotografias foram instrumentos importantes na consolidação da psiquiatria e na construção do seu capital simbólico, que pode ser visualizado através do reconhecimento científico e do prestígio social que esses profissionais exerciam neste período. As diferentes imagens que circulavam no período retratam não só o exercício da profissão e suas conquistas, no que tange à assistência, mas também a circulação desses médicos, as vinculações que teciam com outros grupos – nacionais e internacionais –, que colaborou para a consolidação dessa autoridade médica.

No que tange à psiquiatria brasileira propriamente, apesar de o processo profissionalização poder ser buscado desde a inauguração do Hospício de Pedro II (RIBEIRO, 2016) ou da fundação da primeira cátedra de psiquiatria e moléstias mentais, em 1881

(MATHIAS, 2017), mas foi no período republicano que os psiquiatras conseguiram tirar o hospício de responsabilidade da Santa Casa (ENGEL, 2001), ganhando autoridade exclusiva para tratar da loucura. Trazer o asilo para a tutela da medicina mental significou a intensificação do processo de medicalização e de laicização da instituição, ao mesmo tempo em que tornou o então Hospício Nacional de Alienados (HNA) e seu Pavilhão de Observação (dirigido pela Cátedra de Psiquiatria e Moléstias Mentais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) palco central do processo de institucionalização da psiquiatria local e de suas práticas (MATHIAS, 2017).

Apesar do alcance nacional dos saberes e práticas veiculados pela FMRJ e pelo asilo para toda a assistência aos alienados da Federação, nosso recorte geográfico está centrado no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O Hospício Nacional de Alienados (BRASIL, 1890)<sup>3</sup>, junto com a cadeira de Psiquiatria e Moléstias Mentais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>4</sup>, foram centrais para que os saberes médico-psicológicos se institucionalizassem. Consideramos, ainda, que o Rio de Janeiro se tornou referência, ainda que de forma relativa, para os demais estados no início da República por seu capital social e político de capital da república (ALVES, 2010: 46; FABRÍCIO, 2009; FACCHINETTI, 2004). Outro fator que corrobora com a relevância do Distrito Federal enquanto palco da psiquiatria neste período, é o fato da primeira revista especializada, o *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*<sup>5</sup>, ter sido produzida no Hospício de Pedro II, o que atraiu a atenção dos médicos que queriam se especializar neste campo (FACCHINETTI; RIBEIRO; CHAGAS; REIS, 2010). A revista foi um projeto bem-sucedido de difusão e circulação dos saberes médicos-psicológicos, já que manteve uma razoável regularidade durante cinquenta anos, circulando por todas as instituições médicas e estados brasileiros, o que ressalta sua relevância.

Em consequência dessa importância, múltiplos atores participaram do HNA e estiveram retratados nessa revista, como alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro advindos de todas as regiões do país, catedráticos, enfermeiros, médicos de diferentes especialidades, técnicos de laboratório, fotografia, farmácia, professores de educação especial e, claro, pacientes. A interação e a troca entre esses grupos foram cruciais para que a psiquiatria se

---

<sup>3</sup> Este asilo foi denominado de Hospício de Pedro II e com a Proclamação da República passa a se chamar Hospício Nacional de Alienados. Em 1911, passa por outra transformação e intitula-se Hospital Nacional de Alienados. Em 1927, mais uma vez é renomeado como Hospital Nacional de Psicopatas. (Facchinetti, Cupello, Evangelista, 2010)

<sup>4</sup> Decreto nº 8.024, de 12 de março de 1891 que cria a cadeira de Doenças Nervosas e Mentais nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Em 1908 os *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Saberes Affins* passa a se chamar *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Aproximadamente dez anos depois, em 1919, passa por mais uma mudança, sendo então denominada *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*. Para fins de normatização, optou-se por utilizar as grafias modernas dos títulos dos periódicos médicos.

consolidasse no Distrito Federal, tendo no HNA um *locus* privilegiado da pesquisa e da *práxis* psiquiátrica no país.

Já o início do recorte temporal se justifica pelo aparecimento da primeira publicação de fotografias de identificação de pacientes nos *Livros de Observação Clínica do Pavilhão de Observação do Hospício Nacional de Alienados*, o que ocorreu a partir do ano de 1906<sup>6</sup>. Além da presença da fotografia em documentos clínicos, foi naquele mesmo ano que a primeira publicação especializada em psiquiatria no país o periódico *Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, fundado pelos psiquiatras Juliano Moreira<sup>7</sup> e Afrânio Peixoto<sup>8</sup>, (FACCHINETTI; CUPELLO; EVANGELISTA, 2010), contou pela primeira vez com a presença de fotografias, cujo repertório variavam entre pacientes, suas patologias<sup>9</sup>, imagens de alguns espaços asilares, retratos de médicos e imagens de instrumentos médico-mentais. Cabe destacar que a gráfica da revista se localizava no Pavilhão de laborterapia do próprio hospício, o Pavilhão Seabra (FACCHINETTI; CUPELLO; EVANGELISTA, 2010).

O recorte desta pesquisa termina em 1938<sup>10</sup>, quando, sob a direção de Waldemiro Pires Ferreira, “previa-se a transferência dos pacientes do Hospital Psiquiátrico (e de seu desmonte) para as Colônias de Jacarepaguá e, também, para a de Engenho de Dentro. Apesar de proposta de transferência e de fechamento para novas internações, à espera da construção de dois novos pavilhões na Colônia de Jacarepaguá teria atrasado os planos, piorando a situação já precária dos que ali viviam” (PIRES, 1937 *apud* FACCHINETTI, 2021, s/p).

---

<sup>6</sup> Livro de Observação Clínica nº 131 de 04/01/1906 a 26/10/1906 (sob a guarda do IPUB/ UFRJ).

<sup>7</sup> Juliano Moreira foi um médico baiano, entrou na Faculdade de Medicina da Bahia aos treze anos e formou-se aos 18, em 1891. Foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e dirigiu o Hospício Nacional de Alienados até 1930, onde foi aposentado compulsoriamente pelo governo de Getúlio Vargas (ODA; DALGALARRONDO, 2000).

<sup>8</sup> Afrânio Peixoto foi um médico, formado na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1907, assumiu a direção do Hospital Nacional de Alienados e em 1907 foi nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (EDLER, 2012).

<sup>9</sup> A primeira fotografia se encontra em: AUSTREGÉSILO, Antônio. Mimetismo nos imbecis e nos idiotas. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, [s.l.], ano II, n.1, 1906, pp. 3-13.

<sup>10</sup> O processo de encerramento do Hospital Nacional de Psicopatas foi feito de forma paulatina de 1938 até 1944 (BRAGA, 2013). O golpe de 1930 e a constituição de uma nova ordem instituída, com Getúlio Vargas como chefe de Executivo, trouxe como uma de suas consequências o fato de que Juliano Moreira fosse “compulsoriamente aposentado” (PACHECO E SILVA, 2009: 230). Com sua aposentadoria e em seguida a sua morte (1933), o todo poderoso Juliano Moreira e a sua instituição de referência perderam lugar para outros modelos de assistência (FACCHINETTI, 2021: 27). A perda de capital simbólico de Juliano Moreira é visível no período subsequente a sua morte pela perda de investimento no HNA e a hegemonia conquistada pela Colônia Gustavo Riedel, que acabou por suplantá-lo como modelo e se constituiu como referência do progresso científico no campo, acabando por substituí-lo como Centro Psiquiátrico Nacional, em 1944 (FABRICIO, 2009, s/p). O desinvestimento no HNA é passível de ser vislumbrado também nas fotografias feitas do HNA no fim da década de 1930 (IPUB, s/d): enquanto a Colônia Gustavo Riedel tornava-se referência para a Liga Brasileira de Higiene Mental e para o modo “mais científico” de formular as políticas de assistência, com seus laboratórios e assistência de portas abertas, o antigo hospital foi se tornando um lugar desprovido de qualquer capital simbólico e relegado a segundo plano (FACCHINETTI et al., 2018: 338).

Ao assumir a direção do Hospício Nacional de Alienados, Juliano Moreira empreendeu um conjunto de reformas com o objetivo de modernizar e promover maior cientificidade ao tratamento psiquiátrico. Novas instalações e laboratórios foram criados, tendo por base e referência a agenda *kraepeliana* que propunha a transição do modelo alienista, de cunho moral, para uma abordagem organicista que, por meio de incursões laboratoriais, estabelecimento de estatísticas, gráficos e imagens, bem como amplas discussões sobre as relações entre a clínica e o laboratório, dava nova roupagem e estatuto científico à psiquiatria (MUÑOZ, 2018) e se compatibilizavam com o que estava sendo realizado internacionalmente (VENANCIO; CARVALHAL, 2005). As microfotografias de células, que começam a aparecer nas revistas científicas especializada ainda na década de 1920 são um bom exemplo desta aplicação que conferia objetividade ao saber psiquiátrico (ARAÚJO, 2020).

A medicina mental local e internacional buscava alcançar os mesmos critérios de cientificidade da medicina geral, em um cenário em que o modelo asilar alienista francês encontrava-se em franca decadência, em grande parte devido aos baixos índices de curabilidade (COFFIN, 2007). Os fundamentos do alienismo francês e as ideias italianas que muito haviam influenciado a teoria e prática psiquiátrica no Brasil foram, desse modo, perdendo certo espaço para a psiquiatria organicista alemã, como nos informa o médico Carlos Penafiel (1913) em um artigo sobre Juliano Moreira:

O professor Juliano e a escola de psiquiatras brasileiros que o acompanharam, no início de sua tarefa, trouxeram a Escola de Kraepelin e dos alienistas alemães modernos para a Praia da Saudade: as ideias do célebre professor de München deslocaram a corrente francesa e um pouco as teorias da escola italiana, que imperavam entre nós, depois que déramos os primeiros passos em psiquiatria (PENAFIEL, 1913: 128).

É neste ambiente que floresceu a articulação de clichês e o aumento de prestígio da disciplina, assim como a afirmação de seu esforço por acompanhar valores universais neutros e positivos da ciência médica geral que lhe garantissem fidedignidade. E foi nesta conjuntura de reformas que surgiu o primeiro laboratório fotográfico<sup>11</sup> da instituição, em 1904, cujo responsável era o Sr. Durand<sup>12</sup> e tinha por objetivo registrar os enfermos que ingressavam na instituição<sup>13</sup>. Não apenas a fotografia de identificação que compõe esse repertório, mas também

---

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado pelo Ministro J.J Seabra. Distrito Federal, 1904: 326.

<sup>12</sup> Buscamos mais informações sobre esse responsável pelo laboratório fotográfico, cujo nome sabemos porque foi citado em relatórios ministeriais. Ver: BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado pelo Ministro J.J Seabra. Distrito Federal, 1904: 326.

<sup>13</sup> Em 1896, o jornal *O País* menciona um outro atelier fotográfico no HNA, que estaria sob o comando do médico

os pacientes que manifestavam o tipo ideal de determinadas patologias e que serviam para respaldar diagnósticos. É importante destacar que a apesar da indústria fotográfica surgir no século XX, o ato de fotografar não era uma atividade acessível e popularmente difundida tal como concebemos hoje (LIBÉRIO, 2013), de modo que ter um laboratório fotográfico no início do XX ganha especial significado.

No que diz respeito à operação mesma de organização das fontes e de sua sistematização, com o objetivo de construir chaves interpretativas das fotos com melhor desempenho, recorreremos ao modelo de fichas propostos por Ana Maria Mauad (2005: 133) e James Silva (2003), com apoio de quem pudemos organizar as imagens por tipos e subtipos, observando padrões e elementos sógnicos, criando categorias e códigos de leitura que permitam uma análise substancial das fotografias. Buscamos problematizar como as fotos foram aplicadas à psiquiatria local, centrando a pesquisa em torno do Hospital Nacional de Alienados, mas indo também além de seus muros. O repertório de fotografias selecionado como conjunto documental é variado e é constituído por imagens de pacientes, fotografias da arquitetura e organização do espaço asilar, bem como registros de congressos e atividades médicas, clichês anexados aos relatórios anuais e instantâneos que circulavam em revistas semanais e jornais diários. São inscrições que auxiliaram a consolidar a imagem da loucura como doença mental e demonstrar a cientificidade de seu tratamento, objetificando e classificando indivíduos, comprovando os avanços da medicina mental e angariando capital social para dar aos psiquiatras a aura de autoridade necessária para garantir o fortalecimento da psiquiatria local.

Finalmente, vale ainda dizer que a escolha de trabalhar com imagens constituiu um grande desafio metodológico, pois isso implicou estabelecer uma investigação historiográfica que conseguisse ir além do caráter meramente ilustrativo das fotografias. Nesse sentido, o esforço foi o de detectar os seus elementos, articular os clichês com outras fontes documentais para que pudéssemos compreender seu circuito social e o impacto que tal tecnologia empreendia nas ciências naquele período. Trabalhar com uma história pouco difundida e analisada certamente poderá contribuir para os estudos da cultura visual, de maneira a colaborar com a historiografia que buscam compreender como essas imagens fortaleceram o discurso médico e a prática psiquiátrica. Em especial, permitiu problematizar a visualidade na atividade

---

Marcio Nery, mas ainda não encontramos qualquer clichê deste período e deste laboratório. Ainda sobre ele, na tese de doutoramento “No canto do isolamento: Loucura e tuberculose no Hospício Nacional de Alienados (1890-1930)” defendida por Mônica Moraes, tivemos notícia que Julio Trajano de Moura, de 1892 a 1895 foi subdiretor da 4ª Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional, e que instalou um laboratório de fotografia na referida instituição. E que ficou na direção do Museu Anatomopatológico do HNA até 1897 (MORAES, 2020).

médico-mental e na loucura, buscando relacionar a circulação dessas imagens, os diferentes grupos que consumiam esses clichês e as intenções que estão condensadas nessas tomadas. Desse modo, nosso esforço esteve também voltado a demonstrar como essas fotografias contribuíram para construir uma determinada perspectiva acerca da cientificidade do saber médico-psiquiátrico e seus modos de pensar e atuar em suas práticas, o que participou da difusão do imaginário científico, social e cultural da psiquiatria local.

## CAPÍTULO 1 – FOTOGRAFIAS NA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA - OU EM PROL DA OBJETIVIDADE CIENTÍFICA (BRASIL, 1906-1938)

O capítulo se dedica ao contexto em que as imagens passaram a contribuir para apoiar trabalhos acadêmicos psiquiátricos no Brasil no início do século XX. Mais especificamente, percorremos a historiografia e fontes primárias sobre o tema dando especial destaque às disputas entre diferentes grupos, interesses e escolas que trouxeram novos modelos de *objetividade* para a psiquiatria local. Assim, o capítulo visa demonstrar *como* a fotografia foi empregada na psiquiatria local, elencando os elementos visuais que foram mobilizados a fim de denotar objetividade e conferir-lhe cientificidade.

### 1.1 Criando uma nova especialidade médica

Na segunda metade do século XIX, os dirigentes do Império do Brasil estavam entusiasmados e comprometidos em desenvolver a civilização nos trópicos. Ainda que fosse necessário conviver com a dialética de um país considerado ainda arcaico (GOUVÊA, 2008), o olhar voltava-se para a Europa e para as ideias que ali circulavam. Civilizar o Brasil, naquele momento, significava implementar os padrões erigidos pelo modelo europeu: suas instituições, seus costumes e o ideal positivista como modelo de organização da nação (OLIVEN, 2001).

Foi nesse cenário também que a medicina local passou a buscar a exercer mais força junto ao Estado (KURY, 1994; FERREIRA et al., 2008). A profissão médica no Brasil ganhou fôlego em 1832, quando as Academias Médico-Cirúrgica se tornam as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, seguindo o modelo francês de medicina (EDLER, 2003) e passam a contar com uma disciplina de higiene e de medicina legal nas quais a loucura passou a ser enquadrada como moléstia mental, objeto do alienismo, passando a ser tratada em termos médicos (FACCHINETTI, 2021).

Não por acaso, foi nesse mesmo contexto que a medicina iniciou uma campanha pelo tratamento especializado para os loucos da cidade. Tornou-se consenso entre os médicos de que era preciso gerenciar o contingente de insanos que haviam se tornado um fardo social para a cidade, seja perambulando pelas ruas ou enclausurados em locais inadequados (ENGEL, 2001: 125). Assim, a mesma campanha passou a dirigir contundentes críticas à administração da Santa Casa de Misericórdia, para onde os loucos eram encaminhados sob os cuidados das irmãs

vicentinas (OLIVEIRA, 2013: 16). Tal espaço recolhia os loucos dentro da lógica caritativa, fornecendo cuidados básicos e emergenciais e cuidados religiosos. Ainda que houvesse alguma assistência médica, faltava aos loucos uma prática médica especializada (ODA; DALGALARRONDO, 2005).

No período, os médicos da capital do Império passaram a se engajar numa disputa pela autoridade sobre a moléstia mental em um momento em que diferentes grupos competiam e negociavam para controlar o território dessa doença. A trajetória de lutas foi bem-sucedida. Em 1841, D. Pedro II assinou o decreto que criava o Hospício de Pedro II, o primeiro asilo especializado para alienados no Brasil, o primeiro da América Latina, sediado no Rio de Janeiro, sede da Corte, como parte de ações do novo Estado Imperial em busca de modernização do Brasil (SCHWARCZ; STARLING, 2016).

Desta forma, o Hospício de Pedro II funciona como um farol simbólico que anuncia ao Ocidente a participação do Brasil no mundo civilizado da época. Uma nação suficientemente evoluída, tanto na sua capacidade de produzir loucos, quanto na sua capacidade de tratá-los com os recursos da ciência moderna (TEIXEIRA; RAMOS, 2013: 367).

A inauguração ocorreu somente em 1852 e o Hospício de Pedro II manteve-se vinculado administrativamente aos cuidados da Santa Casa de Misericórdia, uma vez que o projeto do asilo foi apresentado por José Clemente Pereira, provedor desta instituição (GONÇALVES; EDLER, 2009). Deste modo, o HPII ainda estava vinculado aos ideais caritativos da cristandade, mas passou a disputar espaço como local privilegiado de aprendizado e produção de conhecimento alienista.

Mas o cenário do asilo, até a década de 1870, era de médicos com uma formação generalista e o alienismo continuava como um ramo mais enfraquecido da medicina (TEIXEIRA, 1998: 153). Os altos índices de pedidos de internamento oriundos de diversas províncias e a crescente demanda por vagas constituíam outro empecilho para o funcionamento médico do asilo, e os médicos pediam reiteradamente que a admissão se restringisse a pacientes que fossem passíveis de cura (GONÇALVES; EDLER, 2009: 402). Os impasses não cessavam e a crise do império fortaleceu essas reclamações.

O processo de institucionalização do alienismo local ganhou um novo passo crucial com a criação da Cadeira de Psiquiatria e Moléstias Mentais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, instituída em 1881, dando maior domínio e autoridade médica à loucura. O primeiro médico a ocupar esta cadeira foi Nuno de Andrade (1881 -1882) e sua permanência na cadeira foi marcada por conflitos com a administração da Santa Casa, pois defendia a total separação

entre as duas instituições. Nuno denunciou o tratamento aos loucos dado pelos religiosos, e acabou sendo afastado da cadeira na Faculdade e do asilo, sendo substituído por Souza Lima (TEIXEIRA; RAMOS, 2012: 371). Em 1883, aprovado por concurso público, Teixeira Brandão (1883) assumiu a cadeira e tornou-se também facultativo clínico do Hospício até 1887, quando se estabeleceu como chefe sanitário da referida instituição.

Nessa posição, ele resgatou as críticas feitas por Nuno de Andrade e passou a arregimentá-las, exigindo reformas e laicização do asilo (FACCHINETTI; REIS, 2014). No papel de chefe sanitário e professor da cátedra da psiquiatria e moléstias mentais da FMRJ, Brandão tratou também de articular as reflexões teóricas da Faculdade de Medicina com a prática cotidiana do Hospício, em busca de fortalecer ali a autoridade dos alienistas.

O contexto político de passagem para a República (1889) foi propício para que as demandas trazidas por Brandão fossem atendidas e se constituiu como oportunidade: logo em 1890 o HPII foi desanexado da Santa Casa e a Assistência Médica e Legal de Alienados foi criada, constituída pelo asilo, agora chamado de Hospício Nacional de Alienados e por duas colônias: São Bento e Conde de Mesquita (SAIOL, 2018), com o objetivo de resolver o problema da superlotação do Hospício, além das clínicas particulares, que se ampliaram com o advento da república (GONÇALVES, 2013).

A psiquiatria recém-constituída corroborava esse fortalecimento sob a influência do alienismo francês, defendido e difundido por Teixeira Brandão, caracterizando-se tanto pelo comprometimento com a formulação de uma política assistencial asilar, quanto pela adesão às teorias alienistas do tratamento moral (VENANCIO, 2003: 888).

No bojo dessas mudanças, em 1892, foi criado o Pavilhão de Observações, local de triagem dos pacientes que chegavam no Hospício e vinculado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se um lugar de exercício da prática pelos alunos da cadeira de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas (MATHIAS, 2017). O Pavilhão de Observações foi, neste sentido, uma peça importante de aproximação do espaço asilar com a academia, bem como para o desenvolvimento da medicina mental como especialidade, visto que sua criação respondia aos anseios por maior cientificidade deste saber.

Mas as mudanças e conquistas encabeçadas por Teixeira Brandão não foram suficientes para blindar o asilo de críticas e denúncias. A falta de recursos, os constantes impasses com a Igreja, superlotação, altas taxas de mortalidade, baixos índices de curabilidade persistiam entre diferentes vozes da sociedade, e em 1897 ele deixou a cátedra e a direção do hospício, dedicando-se à carreira política, sendo substituído interinamente por Henrique Roxo e Márcio

Nery no Pavilhão e na Faculdade, enquanto a assistência se debatia com seus sucessivos diretores em conflitos ecoados nas páginas dos jornais diários (MATHIAS, 2017: 14; MORAES, 2020). Segundo Venancio (2003), essas constantes mudanças nos cargos indicam uma reestruturação entre assistência e ciência psiquiátrica, colocando de um lado o modelo francês, já um tanto desgastado pela cronificação dos pacientes e o modelo alemão, ancorado em laboratórios, institutos de pesquisa, instrumentos e tecnologias já disponíveis para o aperfeiçoamento do saber psiquiátrico. Assinalam também como às mudanças teóricas, estabeleceram-se também embates políticos de que a instituição foi palco (DIAS, 2010; MORAES, 2020).

Assim, os ventos políticos oriundos da transição para a república colaboraram para o processo de maior institucionalização da psiquiatria local, o que se coaduna ao interesse que o campo vinha despertando nos estudantes de medicina: prova disso está o fato de que a cada dia mais teses de doutoramento abordavam as questões da alienação (CERQUEIRA, 2014: 17). Aqui já podemos observar o esforço de demarcação do campo, não apenas de forma institucional, mas também dentro do corpo de conhecimento partilhado entre esses médicos: o mundo patológico mental fora construído e reconhecido.

A autoridade e o prestígio construídos pela psiquiatria e absorvidos pelos médicos brasileiros no período colaboraram para que ganhasse cada vez maior autoridade para discutir não somente a loucura e políticas de assistência, mas também preceitos morais modelares: os psiquiatras passaram a opinar sobre bons hábitos e costumes, práticas de higiene etc., articulando medicina e comportamento através do físico e o moral.

Para ganhar maior autoridade e garantir o monopólio da verdade científica, foi necessário deixar para trás, de maneira enfática, práticas terapêuticas - como sangrias, exorcismos, prisão domiciliar, etc., que naquele momento eram vistas em desacordo à psiquiatria moderna e às ciências médicas em geral (MOREIRA, 1905: 730). A medicina mental precisou romper também com os princípios cosmológicos que haviam organizado a compreensão da loucura (ENGEL, 2003: 60). Se o modelo francês fora o pilar da educação médica no início do século XIX, com a anatomoclínica, o modelo alemão e o experimentalismo foram ganhando mais adeptos a partir do último quartel do XIX. Laboratórios, especializações e articulações com outras áreas de pesquisa tornaram-se marca da formação médico-mental de influência germânica (KEMP; EDLER, 2004: 571), ainda que esta não fosse aceita de forma hegemônica por parte de todo o coletivo psiquiátrico<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> A corrente degeneracionista se articulou a psiquiatria experimental no Brasil para fazer frente às exigências da medicina moderna, mas marcada por diferenças na interpretação do que provocaria tal anomalia: raça, clima,

## 1.2 Ares de objetividade

Foi no contexto de mudanças do modelo psiquiátrico que Juliano Moreira, assumiu a direção do HNA em 1903 e, também, da Assistência (a partir de 1911), onde permaneceu até 1930. Sua passagem por esses cargos foi marcada por reformas inspiradas na psiquiatria alemã, principalmente. Como Kraepelin, Juliano concebia a doença mental como um estado de exceção que deveria ser compreendido em sua dimensão físico-orgânica. Tendo ido tratar de uma tuberculose na Europa entre 1892 a 1902 (VENANCIO; CARVALHAL, 2005: 67), Juliano Moreira participou de aulas com Krafft-Ebing, Emil Kraepelin, entre outros, em um período em que a psiquiatria alemã ganhava notoriedade pela aproximação do campo com laboratórios e exames que buscavam essas causas orgânicas da doença mental (RUSSO, 2002: 14).

Na gestão encabeçada por Moreira, é possível observar o esforço em introduzir a tradição da psiquiatria kraepeliana no interior do hospício, para que assim as doenças mentais pudessem ser estudadas e tratadas em moldes mais adequados à cientificidade da medicina geral, tal como praticados em outros lugares da Europa. No processo das reformas, Moreira foi responsável pela instalação das salas de clinoterapia e balneoterapia, como veremos com mais profundidade no segundo capítulo, outros pavilhões especializados, como o pavilhão Guislain e Griesinger (ENGEL, 2001: 287) e inspirado em Kraepelin, o HNA passou a aceitar admissões voluntárias (MUÑOZ, 2015: 87). Nota-se que a administração empreendida por Juliano Moreira se dedicou a trazer maior reconhecimento científico para o campo da psiquiatria, o que é visível tanto pela instalação de novos laboratórios, oficinas e pavilhões, quanto no seu empenho de coletar o maior número possível de informações uniformizadas sobre os pacientes a fim de produzir estatísticas (MUÑOZ, 2015: 89). Neste movimento, observa-se também o empenho desses profissionais em participar de eventos científicos internacionais, realizar intercâmbios e trocas com coletivos de outros países e criar periódicos especializados, que corroboravam para a divulgação dessas atividades e práticas médicas em todo o território nacional (SILVA, 2013: 187).

A miscigenação do povo brasileiro e a teoria da degeneração<sup>15</sup> eram pautas que continuavam na ordem do dia e permeavam os debates médicos num contexto em que o país buscava posicionar-se enquanto nação moderna. Juliano Moreira salientava sua discordância

---

condições de vida e ausência de saneamento eram algumas das perspectivas analisadas pelos médicos brasileiros (FACCHINETTI, 2021).

<sup>15</sup>A Teoria da Degenerescência foi desenvolvida por Benedict-Augustin Morel no *Traité des Dégénérescences*, em 1857 e que teve forte influência no saber psiquiátrico. Para Morel, a degeneração consistia numa transmissão hereditária de aspectos físicos e morais que afetam órgãos e sistemas e poderiam levar a desnaturação de uma linhagem (PEREIRA, 2008).

em situar a miscigenação enquanto obstáculo para o desenvolvimento da nação e das doenças mentais típicas dos países tropicais (ODA; DALGALARRONDO, 2000: 178). Para Moreira, a moral dos indivíduos estava relacionada também às condições de saúde e educação, não sendo possível descartar a dimensão física da doença (VENANCIO, 2003: 891). Neste sentido, as ideias da psiquiatria alemã permitiram a Juliano Moreira e a sua rede de aliados novos cabedais teóricos e práticos para a loucura que permitiam pensar destinos mais otimistas para o país.<sup>16</sup>

Foi nesse cenário que a psiquiatria brasileira buscou se posicionar no conjunto das tendências modernizantes que se desenhava e Juliano Moreira teve um papel relevante nesse processo. Suas viagens pela Europa o tornou um grande divulgador da psiquiatria alemã no Brasil e entusiasta dos laboratórios na ciência psiquiátrica (MUÑOZ, 2018: 74), valorizando as contribuições da bacteriologia para os estudos das patologias e as conquistas que este espaço – o laboratório – proporcionava para a medicina e que deveria também ser uma ferramenta para a psiquiatria articular suas práticas ao experimentalismo alemão (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013).

Como diretor do HNA ao longo desses 27 anos, Juliano Moreira inaugurou novos pavilhões, instalou serviços fotográficos, oftalmológicos, odontológicos, gabinete antropométrico, introdução da clinoterapia e balneoterapia (FACCHINETTI; RIBEIRO; CHAGAS; REIS, 2010: 746), entre outros, ferramentas que buscavam fazer a psiquiatria transitar do modelo alienista, de cunho moral, para uma abordagem experimental que, por meio de incursões laboratoriais, estabelecimento de estatísticas, gráficos e imagens, bem como amplas discussões sobre as relações entre a clínica e o laboratório, buscava dar nova roupagem e estatuto científico à psiquiatria (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013: 246). É possível perceber também que desde as primeiras reformas empreendidas por Moreira, entre 1904 e 1905 a aproximação da psiquiatria com o laboratório já estava presente, se compatibilizando-se com as reformas urbanas e sanitárias conduzidas pelo então prefeito Pereira Passos<sup>17</sup> (VENANCIO; CARVALHAL, 2005: 67) e pelo projeto de saneamento e higienização conduzido por Oswaldo Cruz para combater as epidemias que atormentavam o Distrito Federal (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013: 254). Assim, tais procedimentos foram também tomados pelo campo da

---

<sup>16</sup> Em 1929, em viagem à Alemanha, Moreira participou do Prêmio Kraepelin como membro do comitê julgador internacional ao lado de outros médicos de grande reconhecimento em medicina mental de diversos países, e recebeu uma medalha Instituto Marítimo de Doenças Tropicais, da Universidade de Hamburgo (MUÑOZ, 2015: 211). A premiação ressalta o prestígio e o reconhecimento dos pares que Juliano Moreira ganhou ao longo dos anos pelo seu trabalho. Para mais informações sobre o período do JM ver (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013: 254).

<sup>17</sup> Pereira Passos foi prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906 e conduziu reformas inspiradas no urbanismo europeu visando combater a desordem do espaço público numa cidade que tentava se mostrar civilizada nos padrões das metrópoles europeias. Ver: (SARMENTO, 2001).

psiquiatria, indicando a adesão aos valores normativos da objetividade científica e incorporação de dispositivos tecnológicos a ela associados. A medicina, desta forma, dentro de suas especializações, como diz Latour (2001: 117), passou a partilhar de um destino comum dentro de um coletivo.

Ainda que o referencial do que é canônico em ciência seja variável e objeto de disputas para cada coletivo, a ciência e a medicina alemã tiveram grande protagonismo na América-Latina (MUÑOZ, 2018: 141). Há sempre uma disputa e negociação entre os pares na classificação, mediação e racionalização das doenças; os cânones científicos se alteram no decorrer do tempo de acordo com as novas produções de conhecimento acompanhados de novos dispositivos tecnológicos que possibilitam transições e rupturas de paradigmas. A produção acadêmica na área da psiquiatria, fomentada por Juliano Moreira e seu grupo, através de revistas especializadas, redes científicas, associações e congressos demonstram como esses médicos discutiam, negociavam, divergiam, divulgavam as descobertas, avanços, experiências, classificações.

Um exemplo destes embates são os arranjos nosográficos e a tentativa encabeçada por Antônio Austregésilo, em 1908, de constituir uma comissão com Dr. F. Eiras, Afranio Peixoto, Austregésilo, H. Roxo e Juliano Moreira para realizarem uma classificação local de categorias diagnósticas. O objetivo era estabelecer padrões e trazer consensualidade as patologias mentais a fim de diluir as divergências conceituais entre os psiquiatras (DE OLIVEIRA et al., 2003) e permitir a informação estatística de maior qualidade.

Como aponta Thomas Kuhn (1978), a ciência vista como uma prática de uma comunidade concreta se define pela adesão a um paradigma: a partir do momento em que uma comunidade científica compartilha dos mesmos valores, normas e modelos, inaugura-se a etapa da ciência normal. Um ponto importante ressaltado por Kuhn, é a comparação da ciência normal como quebra-cabeça, onde os cientistas buscam soluções modelares para um determinado campo (KUHN, 1978: 13). Neste sentido, identificamos neste momento da história da psiquiatria o processo de construção de modelos e consensualidade de sua prática científica, o que possibilita sua maturidade e desenvolvimento.

### 1.3 O valor da objetividade científica para efeito de legitimação

Tratamos acima do fomento de novas tecnologias e instrumentos que modificaram a prática e o conhecimento médico-mental na virada para o século XX. Neste contexto, a fotografia estava sendo absorvida pelas especialidades médicas como uma nova ferramenta de

representação da realidade, sobretudo por atender as expectativas da ciência positivista em voga, que conduzia à mistificação de um saber neutro e objetivo. Vimos os esforços empreendidos por Juliano Moreira para dar cientificidade, uniformidade e consensualidade na psiquiatria brasileira. Ao lado dos novos pavilhões e laboratórios criados é que a fotografia se inseriu como instrumento para dar corpo, significado e materialidade ao que se discutia, sobretudo nas revistas especializadas, no qual nos debruçaremos mais à frente.

O advento da fotografia colocou em evidência não apenas as qualidades intrínsecas do instrumento, que possibilitava a reprodução “fidedigna” do real, considerada o “lápiz da natureza” (TALBOT, 1969 *apud* FABRIS, 1993: 10), mas a mentalidade de um período, e no caso desta pesquisa, um tempo em que se passava acreditar ser possível alcançar um estado de neutralidade, de ausência de subjetividade do observador através da máquina fotográfica. Deste modo, a fotografia passou a ser sustentada na concepção de objetividade mecânica e os cientistas passaram a ambicionar atingir com ela “a visão objetiva”, sem interferências, livre de interpretações (DASTON; GALISON, 2007: 18).

Os textos científicos passaram a usufruir das imagens técnicas, “deixam fluir e passam a circular nelas” (FLUSSER, 1985: 12). Entretanto, isso não significou que outras formas de registros visuais tenham sido descartadas<sup>18</sup>, as ilustrações científicas, sobretudo nos campos da botânica e anatomia continuam sendo produzidas sobretudo pela incapacidade técnica da fotografia de captar detalhes minuciosos:

Um exemplo é que a fotografia de uma planta em floração ou de um inseto não contempla todos os planos ao mesmo tempo, ficando certos caracteres em foco em detrimento de outros (e.g. Bowen, 1984). Não se sabe se as partes que aparecem justapostas estão unidas ou sobrepostas; reflexos de luz podem criar volumes enganosos; ou sombras em certas estruturas interferem eventualmente na interpretação do seu colorido. (OLIVEIRA; CONDURU, 2004: 371).

Ainda que as ilustrações científicas fornecessem um detalhamento que muitas vezes a fotografia, por suas limitações técnicas, não alcançassem, pesquisadores discorrem sobre a carga subjetiva que tais imagens possuíam, seja por conciliar ciência e arte (CORREIA, 2011), seja por tais ilustrações representarem uma totalidade mais próxima do ideal do que do real

---

<sup>18</sup> Há de refletir também sobre as estratégias pré-fotografia para conferir objetividade aos trabalhos científicos. Na tese de Oswaldo Cruz disponibilizado no Acervo de Obras Raras Fiocruz, vemos a forma detalhada sua descrição dos aparelhos de coleta de água, no esforço de garantir maior inteligibilidade visual possível para seus leitores. Não propomos aqui que a fotografia foi o único instrumento capaz de garantir o valor de objetividade, mas é inegável que a partir de seu advento há uma mudança paradigmática nas formas de representação. Ver em: Oswaldo Gonçalves Cruz (1892).

(OLIVEIRA; CONDURU, 2004). A disputa entre ilustração e fotografia a colocou como instrumento de representação mais preciso da realidade, apagando supostas subjetividades envolvidas no processo de produção da imagem. “O ato quase místico e totalizador da criação manual da imagem cede lugar a uma sucessão de gestos mecânicos e químicos parcelados (FABRIS, 1991: 13).

Ao historicizar a objetividade, Daston (2007) nos permite compreender de que forma esta categoria se tornou tão relevante para o século XIX e XX, chamando atenção para suas apropriações pelos cientistas dos mais variados campos de conhecimento. As contribuições de Daston dizem respeito ao incremento da relevância da objetividade nos campos da ciência. A objetividade mecânica enquanto preocupação científica no final do século XIX e início do XX, ganhou um caráter normativo, e por meio dessa modalidade, buscava-se estabelecer um padrão e um rigor que exigia dos cientistas um afastamento do “eu” e das motivações subjetivas.

Já bastante utilizada em outros campos da ciência, a entrada da fotografia na medicina provocou entusiasmo, traduzindo experiências em imagens e inaugurando novos modos de olhar o mundo e representá-lo. A evolução técnica do daguerreotipo possibilitou que muitos ramos da medicina fizessem uso da fotografia como suporte especial de conhecimento, sobretudo por sua capacidade de precisão. Rapidamente, essas imagens tornaram-se recorrentes em revistas especializadas, onde médicos estampavam estudos das moléstias, evoluções de tratamento, sintomas e lesões, explicações para categorias diagnósticas que serviam não só para o debate entre a comunidade médica, mas como recurso didático para o ensino da medicina (CLODE, 2010).

No caso da psiquiatria, os trabalhos desenvolvidos na França, no Hospital de Salpêtrière, na França, por Duchenne de Boulogne<sup>19</sup> e Albert Londe<sup>20</sup>, em 1870, influenciaram as experiências posteriores com fotografias (SILVA, 2003: 22)<sup>21</sup>. Eles desenvolveram uma série de estudos com vistas a capturar os sinais da insanidade nas expressões corporais e faciais de

---

<sup>19</sup> Duchenne de Boulogne (1806-1875) foi um médico francês que desenvolveu estudos pioneiros sobre estimulação elétrica nos músculos e na fotografia médica. Duchenne deixou seu trabalho resumido em duas obras: *De l'électrisation localisée* (1855) e *Physiologie des mouvements* (PARENT, 2005).

<sup>20</sup> Albert Londe (1858-1917) foi fotógrafo e cientista. Contratado por Charcot para atuar como fotógrafo no hospital de Salpêtrière. Lá se desenvolveu um laboratório fotográfico cujas imagens resultaram na publicação da obra *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*. (JARDIM; PERES, 2010).

<sup>21</sup> O Hospital de Salpêtrière, localizado em Paris, era exclusivo para pacientes do sexo feminino. Foi lá que Jean Martin Charcot atuou como chefe do serviço de Medicina Interna, quando estudou e pesquisou as pacientes histéricas e produziu junto com Albert Londe – responsável pelo departamento de fotografia da Salpêtrière – retratos de cada movimento executado pelas pacientes. A fotografia foi utilizada por Charcot como instrumento de laboratório para captar os movimentos musculares e para finalidades didáticas junto a seus alunos nas suas famosas aulas de terças-feiras (FLORSHEIM, 2016).

seus pacientes nos asilos (GONÇALVES, 2012: 3). Com o apoio deles, Charcot criou um conceito nosológico de histeria e lhe atribuiu uma identidade visual dentro de uma estetização da patologia. Esse estudo, “Iconographie Photographique de la Salpêtrière” (1876), foi considerado uma das maiores realizações da fotografia médica da sua época (CLODE, 2010: 11). Essas práticas pioneiras da utilização psiquiátrica da fotografia na psiquiatria trouxeram novas concepções epistemológicas da loucura e marcaram as pesquisas que visavam buscar respostas fisiológicas e fisicalistas que pudessem trazer maior compreensão das doenças mentais, respaldando o que vinha sendo sustentado nas obras desses profissionais e professores.

As máquinas eram tidas como modelos aperfeiçoados daquilo que escapava a habilidade visual humana e os homens da ciência começaram a se preocupar abertamente com um novo tipo de obstáculo ao conhecimento: eles mesmos. Tomou lugar uma preocupação constante de que a subjetividade fizesse com que o pesquisador estivesse sempre ameaçado a fingir, idealizar e, no pior dos casos, regularizar as observações de acordo com as suas expectativas teóricas: ver o que queria ver (DASTON; GALISON, 2007: 34, tradução nossa). As imagens técnicas passaram a ser tomadas por seu caráter objetivo e pela percepção do coletivo médico da época como garantidora de um dado puro da realidade, não atravessado por interpretações. (FLUSSER, 1985).

No caso específico da medicina mental, em que a loucura tornada moléstia mental ganhou ao longo do século XIX cada vez maior invisibilidade e sutileza, necessitando do olhar do especialista para ser verificada (BIRMAN, 1978), a questão da objetividade ganhou centralidade nos debates sobre a sua cientificidade. Os doentes mentais da virada para o século XX não correspondiam mais aos estereótipos antigos dos loucos da cidade, em que delírios e comportamentos extravagantes os tornavam facilmente identificáveis até mesmo pelos leigos. A cientificização da loucura foi sofisticando e complexificando suas formas conforme a ampliação de categorias diagnósticas. Na virada para o século XX, ela era passível de existir sem delírios e sem alucinações, aumentando os protocolos para apreendê-la e ensiná-la.

É no contexto das “taras degenerativas” especialmente aquelas psíquicas (Lombroso<sup>22</sup>, Magnan<sup>23</sup>) e as da loucura moral (Krafft-Ebing<sup>24</sup>) que a fotografias de pacientes ganha especial

---

<sup>22</sup> Cesare Lombroso (1835-1909) foi médico psiquiatra italiano e considerado o fundador da antropologia criminal e dedicou-se nos estudos da correlação entre demência e delinquência, investigando crimes, delitos e loucura (LOMBROSO, 2007).

<sup>23</sup> Magnan (1835-1916) foi um psiquiatra francês e dedicou-se a fundamentar a teoria da degeneração na anatomia patológica pelo prisma do evolucionismo (CAPONI, 2012).

<sup>24</sup> Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) foi um psiquiatra alemão que se debruçou nos estudos dos comportamentos sexuais, instituindo a autoridade médica sobre as consideradas perversões sexuais (PEREIRA, 2009).

importância para corroborar com o discurso médico e trazer fragmentos da loucura: tatuagens, desenhos e escritos do paciente, qualquer sinal de desarmonia facial ou desequilíbrio no movimento corporal passam a corroborar com o discurso médico-mental.

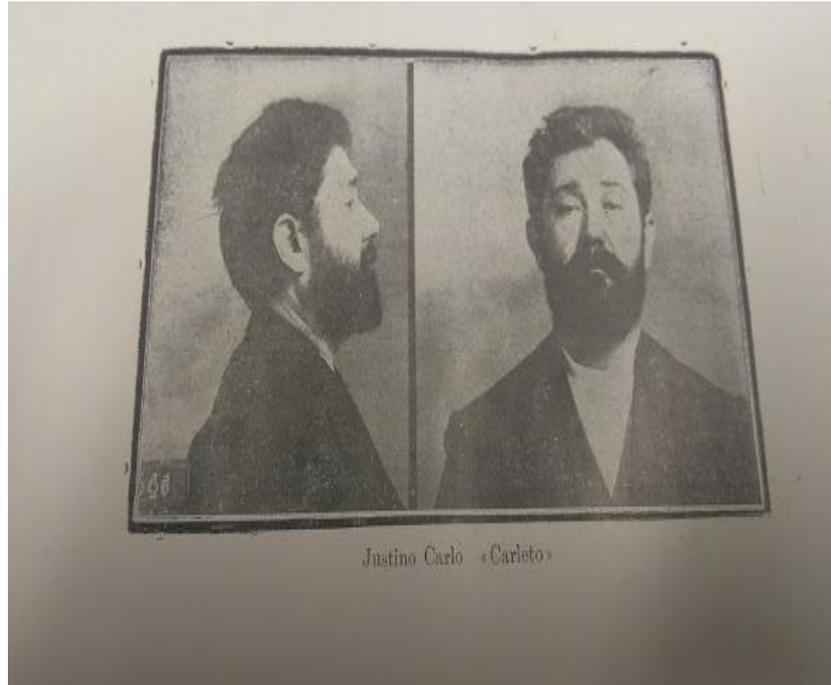
As fotografias abaixo são um bom exemplo das novas doenças enquadradas pela psiquiatria e que passavam a se beneficiar daquilo que se propunha que seria possível alcançar com apoio da fotografia. Foram publicadas nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* pelo médico Miguel Salles, num artigo intitulado “Contribuição do estudo da simulação da loucura”. O artigo tratava de Carletto, um criminoso bastante conhecido no Rio de Janeiro<sup>25</sup> que, segundo o autor, simulara loucura a fim de escapar das penas oriundas de seus crimes. Além da tomada sinalética<sup>26</sup>, muito comum em registros policiais, há no artigo outras imagens, como fotografias da tatuagem<sup>27</sup> de Carletto, elemento considerado pela psiquiatria degeneracionista como estigma de degenerados e delinquentes (ENGEL, 1999).

---

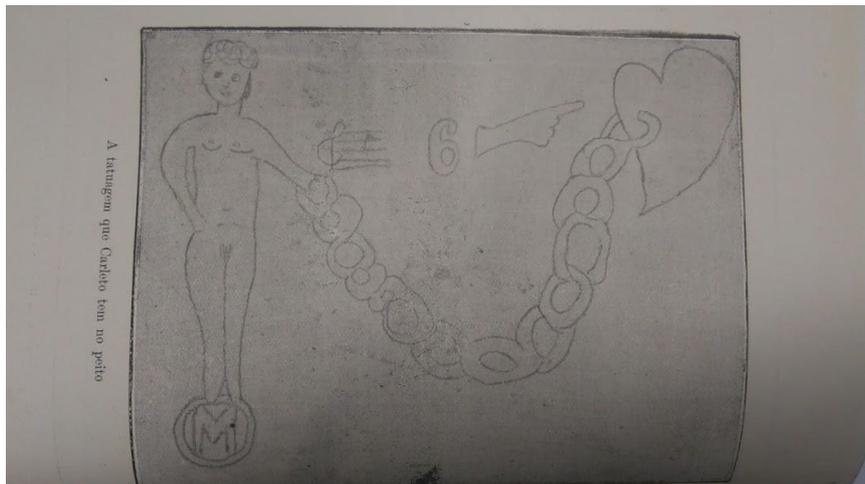
<sup>25</sup> Allister Dias dedica um capítulo da sua dissertação para analisar a história de Carletto, que antes do seu julgamento foi considerado um suspeito de alienação mental e seu caso teve ampla repercussão popular. Ver mais em: DIAS, 2010.

<sup>26</sup> A fotografia sinalética foi preconizada por Alphonse Bertillon cujo método foca na tomada do rosto e de perfil que poderia fornecer detalhes precisos dos indivíduos, contribuindo para a identificação dos mesmos. Ver: SCORSATO, Helen. O uso da fotografia em processos de identificação e o método Bertillon–século XIX. *Estudios Historicos*, v. 9, 2012).

<sup>27</sup> Cesare Lombroso, em *O homem delinquente*, vincula a tatuagem à marginalidade econômica e social, afirmando ser tal “estigma do atavismo” majoritariamente observada em criminosos, prostitutas e homens primitivos e em estágio de selvageria (LOMBROSO, 2007:43).



**Imagem 1** - Fotografias sinaléticas de Carloto, um dos criminosos de maior notoriedade da Primeira República.  
 Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano VII, n 1 e 2, 1911, p.23.]



**Imagem 2** – Reprodução da fotografia localizada no peito de Carloto. Que além de ser fonte de investigação, carrega o estereótipo criminal. Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, ano VII, n 1 e 2, 1911, pp.24. |

As fotografias deste caso (Imagens 1 e 2) traziam os elementos que reforçavam o discurso médico: a tatuagem como estigma de degeneração e a foto sinalética, típica das tomadas criminais, tornaram-se indicativos que corroboravam com o “diagnóstico” de simulação da loucura, no qual participaram distintas vozes, como juristas e psiquiatras mobilizados no caso (DIAS, 2010: 138).

É a ideia da fotografia como mero registro do real, um dado fragmento da realidade, que funcionou como grande apelo que a fotografia trazia para a classe médica e as ciências no

período em que estamos trabalhando. Seu caráter de indício documental gerou múltiplas funcionalidades que foram exploradas ao máximo para forjar o capital simbólico da psiquiatria. Não só as imagens de pacientes eram alvo dos médicos, mas seus congressos, reuniões, viagens, espaços asilares como modelo, homenagens etc. passaram a constituir o *arquivo* da psiquiatria local.

#### 1.4 A objetividade das fotografias no HNA e os arquivos da psiquiatria

A primeira notícia que aparece sobre as fotografias no campo da psiquiatria remete a um atelier fotográfico dentro do Hospício Nacional de Alienados. A reportagem é de 1896, publicada no jornal *O Paiz*:

Além de uma sala clínica, onde vimos várias peças anatômicas servindo para estudo e confirmação de diagnósticos, notámos também junto deste pavilhão um atelier de fotografia cuidadosamente mantido pelo Dr. Marcio Nery, o que reconhecemos da mais alta importância, não só para o estudo comparativo das diferentes fases da moléstia que acomete o indivíduo como também para o estabelecimento da identidade dos doentes que muitas vezes ali chegam sem informações por parte da autoridade policial que os remete (O PAIZ, 1896: 2).<sup>28</sup>

Percebemos as diferentes funcionalidades que a fotografia já exercia dentro do asilo antes mesmo da virada para o século XX, seja como instrumento de identificação, seja como ferramenta de pesquisa para os alienistas. Entretanto, não encontramos nenhum clichê referente ao período, o que impossibilita analisarmos o papel desse atelier no hospício<sup>29</sup>. A informação seguinte acerca da presença da fotografia que encontramos ocorre em um relatório anual enviado pelo diretor do HNA ao MJNI, no ano de 1904. Segundo o relatório, que se refere ao ano anterior, havia sido criado um laboratório fotográfico nas instalações do Hospício Nacional de Alienados<sup>30</sup>, cujo responsável era o Sr. Durand<sup>31</sup> e tinha por objetivo registrar os enfermos que ingressavam na instituição. Também não localizamos a identidade do Sr. Durand em nenhuma documentação pesquisada, mas sabemos que muitas fotos publicadas nos *Arquivos Brasileiros de Ciências Afins e nos Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria* certamente

<sup>28</sup> *O Paiz*, 13/06/1896, pp. 2.

<sup>29</sup> Não foram encontradas fotografias referentes a este período nos Livros de Observação Clínica do Hospício Nacional de Alienados.

<sup>30</sup> BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado pelo Ministro J.J Seabra. Distrito Federal, 1904: 326.

<sup>31</sup> BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado pelo Ministro J.J Seabra. Distrito Federal, 1904: 326.

eram oriundas deste laboratório, visto que grande parte das fotografias são de pacientes do HNA.

Assim, consideramos que as fotografias entram na psiquiatria brasileira – pelo menos de modo mais sistemático - no início do século XX. Outro indício para isso decorre do fato de que, em 1906, elas passam a circular nos periódicos médicos mais amplos, já na gestão de Juliano Moreira, e que, em 1908, começam a fazer parte dos dossiês médicos dos pacientes que constam nos Livros de Observação do Pavilhão de Observações do HNA, sob a responsabilidade de Henrique Roxo (hoje sob a guarda do IPUB/UFRJ). Neste contexto, as fotografias passaram a ser produzidas e a circular para consumo da própria classe médica, se tornando, assim, testemunhas das verdades informadas pelos autores, contribuindo para a credibilidade científica por meio das evidências materiais que traziam.

Como foi dito anteriormente, sabemos da nomeação de um responsável pelo atelier fotográfico dentro do HNA, no entanto, não encontramos mais registros ou documentos que elucidem o cotidiano desse espaço. Apesar da grande dificuldade em localizar os fotógrafos responsáveis por estes clichês identificamos algumas assinaturas presentes em determinadas fotografias: Brun e J. Pinto. Quanto ao primeiro nome, também não encontramos nenhuma referência ou informação. Mas é possível afirmar que Joaquim Pinto da Silva, que também assinava a autoria de algumas microfotografias publicadas nos *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, foi responsável pelo serviço fotográfico no Instituto Oswaldo Cruz de 1903 a 1946 (ARAÚJO, 2020: 44). Assim, as fotografias tratam também da circulação desses médicos e de suas redes pelos diversos institutos de saúde da Capital Federal. Além disso, com apoio em informações dos artigos nas revistas especializadas é possível afirmar que muitas tomadas fotográficas eram realizadas pelos próprios médicos dentro do espaço asilar.

No que concerne ao campo psiquiátrico, observamos que os pacientes e suas moléstias são os protagonistas das tomadas fotográficas e correspondem a 42,63% dos temas retratados nas revistas especializadas consultadas nesta pesquisa. As imagens forneciam aos médicos múltiplas funcionalidades: registro de pacientes, acompanhamento da evolução/involução das moléstias, demonstração, registro de congressos e eventos, homenagens aos pares, divulgação, didática, etc. Dentro do período no qual nos debruçamos, o experimentalismo era o motor que impulsionava laboratórios, inclusive o de fotografia, que proporcionou a medicina novos regimes de observação do corpo doente.

Na ausência de lesões e de marcas materiais no interior do organismo, as fotografias auxiliavam a medicina mental a dar materialidade científica à doença mental por meio do desenvolvimento de diferentes códigos fisionômicos e de comportamento capazes de ser

fotografados e eternizados, com o objetivo de permitir interpretar visualmente as moléstias. A utilização da fotografia no diagnóstico das patologias mentais, respondendo ao anseio de surpreender diferentes códigos fisionômicos e comportamentais, pretendiam estabelecer os sinais próprios e indubitáveis da psicopatologia.

Para conferir objetividade ao saber psiquiátrico, os profissionais operavam no mesmo modelo que médicos de outras especialidades utilizavam nas outras revistas médicas. Mobilizavam seus pacientes enquadrando deles aquilo que melhor demonstrasse suas patologias. Por exemplo, se para os dermatologistas o registro das enfermidades na pele eram o foco das fotografias, buscava-se na psiquiatria elementos corporais que expressassem a desordem mental e coadunassem com as patologias e diagnósticos propostos pelos médicos. Expressões faciais e corporais e deformidades conferiam a objetividade necessária para a psiquiatria e a doença adquiriu uma significação, ainda que as imagens viessem acompanhadas de legendas e explicações ao longo dos artigos escritos pelos médicos.

As primeiras fotografias dos *Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* surgiram um ano após o início de sua circulação, em 1906, com cinco fotografias presentes nos artigos dos médicos Antônio Austregésilo<sup>32</sup>, Ulysses Vianna Filho<sup>33</sup>, Luis de Rezende Puech<sup>34</sup> e Humberto Gotuzzo<sup>35</sup>.

Na Imagem 3, vemos dois pacientes: um, cujo título da foto informa que o indivíduo estaria “imitando um cachorro”, e outro, com a imagem de um homem estampando uma careta. Ambos vinham no artigo diagnosticados como “imbecis”, ressaltando como sintoma-chave do diagnóstico e da imagem o mimetismo<sup>36</sup>. Nas fotografias dos pacientes, observamos a preponderância de uma estética do exagero e do mórbido. “Sabemos que os indivíduos superiores imitam pouco, são originais. [...] Imitar muito, sempre, exageradamente é forma

<sup>32</sup> Antônio Austregésilo (1885-1963) foi um médico pernambucano e o primeiro professor da Cátedra de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912. Também foi chefe da Seção Pinel no Hospício Nacional de Alienados. Austregésilo teve uma ampla produção acadêmica. Ver: Martins, Ygor. “Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima”. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde, 2018. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>.

<sup>33</sup> Ulysses Vianna Filho (1880-1939) foi psiquiatra e neurologista, atuou no Hospício Nacional de Alienados como alienista adjunto, chefe da seção Pinel e Alienista da Assistência aos Alienados. Também foi professor livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1911-1935) e Diretor do Sanatório Botafogo (1921-1935). Ver: Muñoz, Pedro Felipe Neves de. “Ulysses Machado Pereira Vianna Filho”. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde, 2018. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberespsi/medicos/>.

<sup>34</sup> Luis de Rezende Puech foi médico e interno do Hospício Nacional de Alienados e em 1910 foi 2º secretário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (TEIXEIRA, 2007).

<sup>35</sup> Humberto Gotuzzo foi médico e alienista adjunto do Hospício Nacional de Alienados (MOREIRA, 1905).

<sup>36</sup> Segundo a compreensão médico-psiquiátrica do período, o comportamento de imitar seria próprio da infância e que com a entrada da adolescência isso tenderia a desaparecer. Logo, a persistência intensa da imitação demonstraria a anormalidade do indivíduo (PRUDÊNCIO, 2008: 73).

mórbida da personalidade, é apanágio dos degenerados” (AUSTREGÉSILO, 1906: 8). No caso da primeira fotografia, do paciente Machadinho, Dr. Austregésilo reclama que ela não ficou tão precisa quanto ele desejava e traça as características da imitação: “A fotografia indica um instantâneo em que o paciente imitava um cachorro cansado, com a língua de fora, babando e coçando a orelha” (AUSTREGÉSILO, 1906: 15). A tomada fotográfica privilegiava todo o corpo do paciente para que o observador pudesse ter um olhar abrangente do comportamento proposto pela imagem.

Já o paciente seguinte, registrado na fotografia e denominado como Pedro, é caracterizado como um “imbecil epiléptico”. De acordo com o autor, “Este mesmo imbecil, sempre que pode, imita os médicos na linguagem técnica, mas já sabemos, eivando-a, de absurdos e disparates. Quer ser médico, quer receitar, e de vez em quando quer dar opinião sobre o meu receituário e sobre os meus diagnósticos” (AUSTREGÉSILO, 1906: 16). O rosto é o foco da fotografia, para que toda as expressões envolvidas na sua imitação fossem captadas. O rosto é o cartão de visita, é um espaço privilegiado por tornar visível as emoções – uma paisagem humana. Em seu artigo, Austregésilo reforça a limitação da fotografia em captar de forma precisa a sofisticação das imitações realizadas pelos pacientes, mas, ainda assim, as imagens são utilizadas para representar visualmente os elementos sintomáticos apresentados no texto, fortalecendo o discurso médico, e criando um “tipo” ideal, onde determinadas características são combinadas a fim de construir um todo idealizado.



**Imagem 3:** Pacientes do Hospício Nacional de Alienados. O primeiro imita um cachorro e o segundo imita um macaco. Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, v. 2, n. 1, 1906, pp. 3.]

Um constructo de tipo ideal cumpre duas funções básicas: i) fornece um caso limitativo com o qual os fenômenos concretos podem ser contrastados; um conceito inequívoco que facilita a classificação e a comparação; ii) assim, serve de esquema para generalizações de tipo (...) que, por sua vez, servem ao objetivo final da análise do tipo ideal: a explicação causal dos acontecimentos históricos (MONTEIRO; CARDOSO, 2002: 37).

Os tipos organizados e classificados pelos psiquiatras demonstram o esforço destes profissionais de se equipararem das mesmas práticas e linguagens das demais especialidades médicas. Buscava-se as sinalizações da loucura nos gestos, nas expressões faciais, nas anomalias corporais e em toda sorte de elementos que pudessem unir a visualidade ao saber científico: as expressões e movimentos patológicos que só a fotografia, naquele momento, poderia conferir. Assim, a expressão dos movimentos e as gestualidades tornaram-se sinais e sintomas significativos para o estabelecimento de diagnósticos e estudos de casos, com tomadas realistas capazes de capturar as mínimas emoções com mais rapidez e maior capacidade de verificação. Nesse processo, também os registros de “tipos” e de “raças” humanas passaram a conduzir diversos experimentos (PICHEL, 2016). Não havia ilustração ou malabarismo textual que pudesse representar de forma tão fidedigna os rastros da loucura nos corpos dos alienados. Mas, para que isso pudesse se concretizar de forma uma científica, era necessário absorver as práticas fotográficas já desenvolvidas em outras especialidades da medicina. Era necessário enquadrar àquilo que pudesse legitimar diagnósticos e sintomas e que fornecesse visualidade a loucura, o objeto da psiquiatria.

Há muitas leituras possíveis de serem feitas das fotografias psiquiátricas, sobretudo quando elas mobilizam seus pacientes para respaldar uma discussão do campo e fortalecer o discurso médico, do estigma à objetividade. Entretanto, para refletir em como a objetividade científica atravessa essas fotografias, é preciso compreender os usos e as funções que os médicos deram a essas imagens. Circunscritas para um público especializado, as fotografias inseridas nas revistas correspondiam ao mesmo padrão realizado nas demais revistas médicas: artigos de médicos que traziam imagens com o objetivo de dar visualidade ao campo de conhecimento e a uma finalidade didática, na qual as patologias estivessem expostas e compreensíveis para o seu público.

Na mesma plasticidade corporal envolvida nas duas primeiras fotos, Ullyses Vianna Filho, na Imagem 4, disserta sobre a estereotipia – ações repetitivas – e utiliza a fotografia de um paciente em pose estatuária constante e automática. Em seu artigo, ele aponta que a estereotipia pode se apresentar de forma verbal, através da repetição incessante de uma determinada palavra ou através de gestos. Obviamente que a única forma de representar esse

comportamento na fotografia seria através da movimentação corporal. E a fotografia, por sua capacidade intrínseca de capturar a imobilidade da pose e o seu momento exato, acaba por ser um instrumento eficaz para a demonstração da veracidade do discurso médico, que acompanhada da legenda conduz de forma discreta o nosso olhar à interpretação que eles desejam dar àquela imagem.

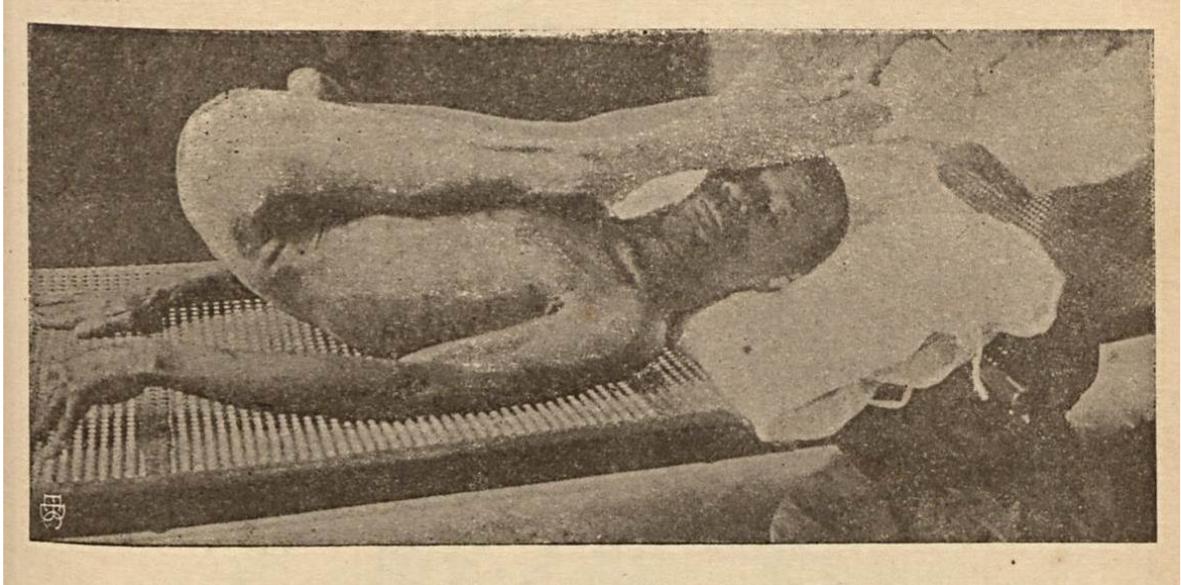


**Imagem 4:** Paciente do HNA que apresenta diversos tipos de estereotípias. Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, v. 2, n.1, 1906, pp. 31.]

A Imagem 5 foi inserida no artigo do Dr. Luis de Rezende Puech, “Tabes dorsalis e tabes associada” que trata da ataxia, transtorno neurológico que progressivamente impede a coordenação dos movimentos musculares. O paciente encontra-se deitado e nu, sendo possível observar as mãos de um médico ou enfermeiro que seguram suas pernas, de forma a figurar a plasticidade do corpo.

Outra perturbação notável da motilidade que o paciente apresenta é hypotonia muscular que, como sabemos, é caracterizada por um exagerado estado de flacidez ou moleza dos músculos permitindo aos membros tomarem certas posições que seriam absolutamente impossíveis de se obter de um homem são. Melhor do que qualquer descrição do estado hypotonico observado no nosso

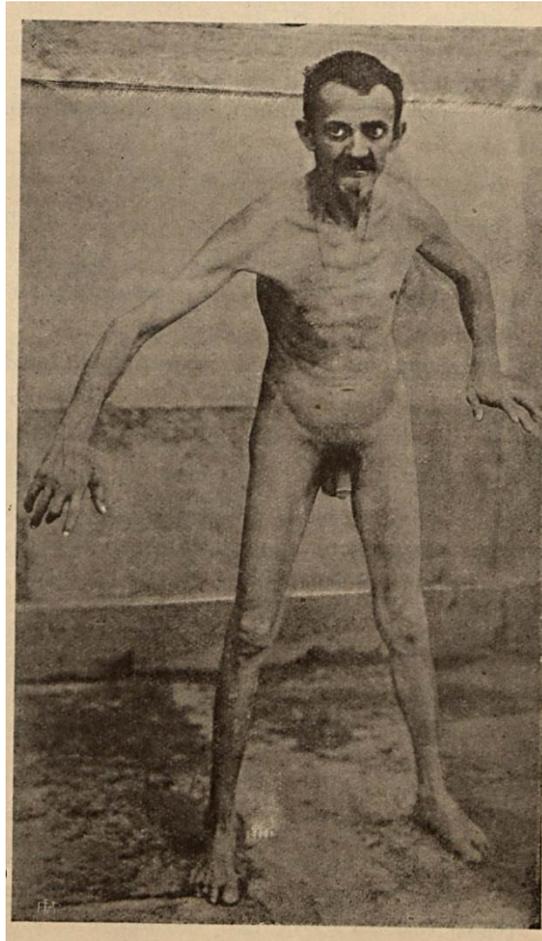
paciente, o indica a gravura que acompanha o trabalho. As posições ahi apresentadas eram tomadas sem a menor dificuldade ou resistencia, sem sensação de dôr alguma (PUECH, 1906: 69).



**Imagem 5:** A posição do paciente tem por objetivo demonstrar visualmente a redução do tônus muscular. Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, v. 2, n.1, 1906, pp. 69. |

Ainda no que concerne ao primeiro ano do periódico, a Imagem 6 figura o artigo dos médicos Dr. Austregésilo e Dr. Gotuzzo e apresenta um paciente com esclerose em placas (equivalente hoje à esclerose múltipla), no qual o sistema imunológico destrói a cobertura protetora de nervos ocasionando uma série de lesões e produzindo o desequilíbrio da marcha, por causa de espasmos que dificultam o andar. Na fotografia, o paciente está nu, e é posto de pé:

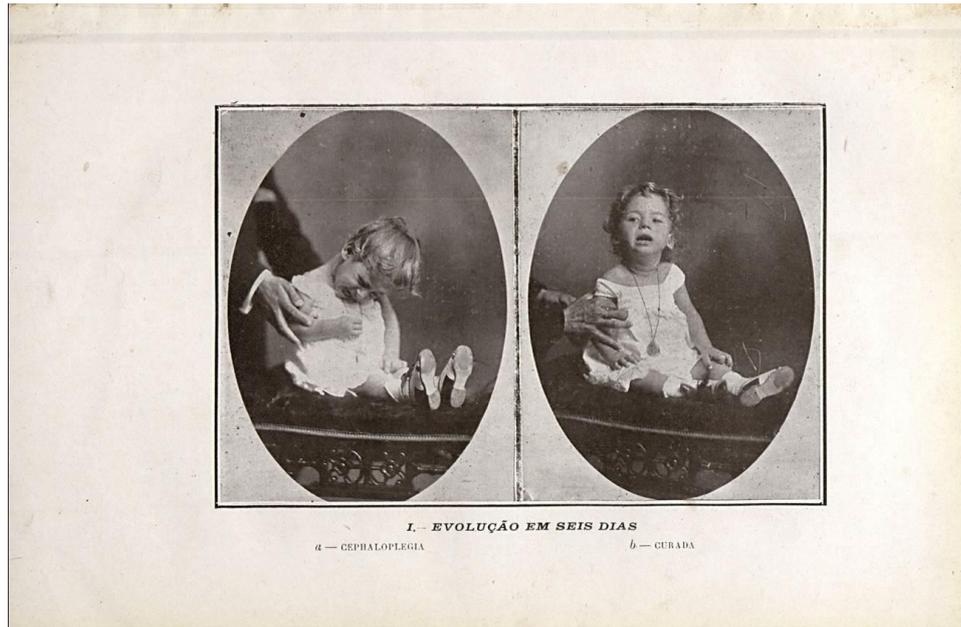
Os pés estão afastados um do outro; este afastamento dos pés, bem como dos membros torácicos, tem evidentemente pôr fim a conservação do equilíbrio. Se fizermos sair dessa atitude de repouso, ordenando que marche, verificaremos o quanto lhe custa vencer o espasmo e destacar os pés do solo (AUSTREGÉSILO; GOTUZZO, 1906: 137).



**Imagem 6:** Paciente com dificuldade na marcha, numa posição em que destaca visualmente o que os médicos ressaltam "a atitude de uma ave, em que aberta as asas, se acha preparada para desferir o voo". Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, v.2, n.1, 1906, pp. 136.

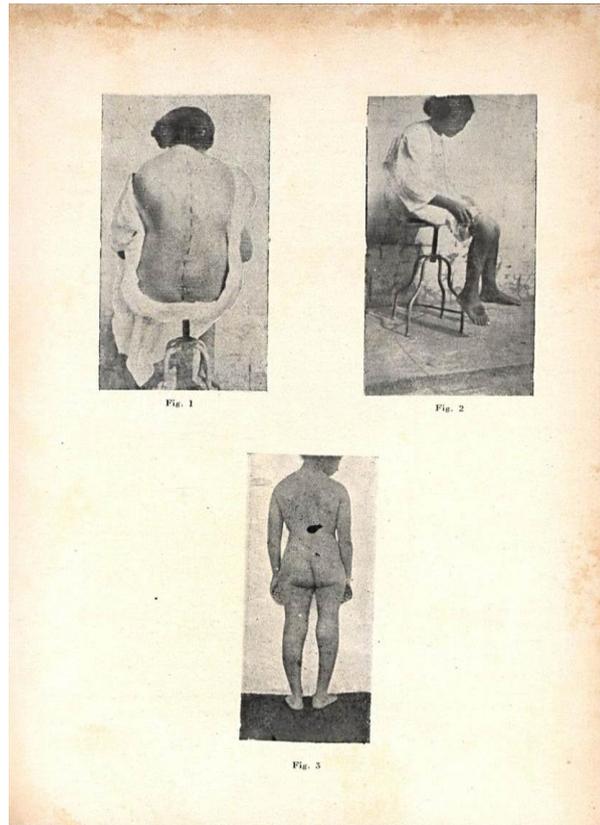
Na fotografia conseguimos visualizar de forma muito clara o desequilíbrio, a dificuldade em manter-se de pé, a correlação precisa entre a tomada fotográfica e a descrição dos sintomas do paciente. Entretanto, ainda que os médicos operassem a fotografia de modo técnico e que o corpo do paciente seja uma representação científica, percebemos como não há uma preocupação com a nudez do paciente, para a medicina é só mais um corpo, o que não deixa de individualizar e dessubjetivar o que resiste ali enquanto ser humano.

Um outro padrão de fotografia bastante utilizado pelos psiquiatras era o registro que retratava a) o paciente doente e/ou b) o paciente em tratamento ou curado, conforme podemos ver na Imagem 7, que ilustra o artigo "Doença de Heine-Medin no Rio de Janeiro", de Fernandes Figueira. A foto apresenta uma criança incapacitada de sustentar a cabeça por uma flacidez nos músculos do pescoço em decorrência da doença. Na foto seguinte, apresenta-a já curada.



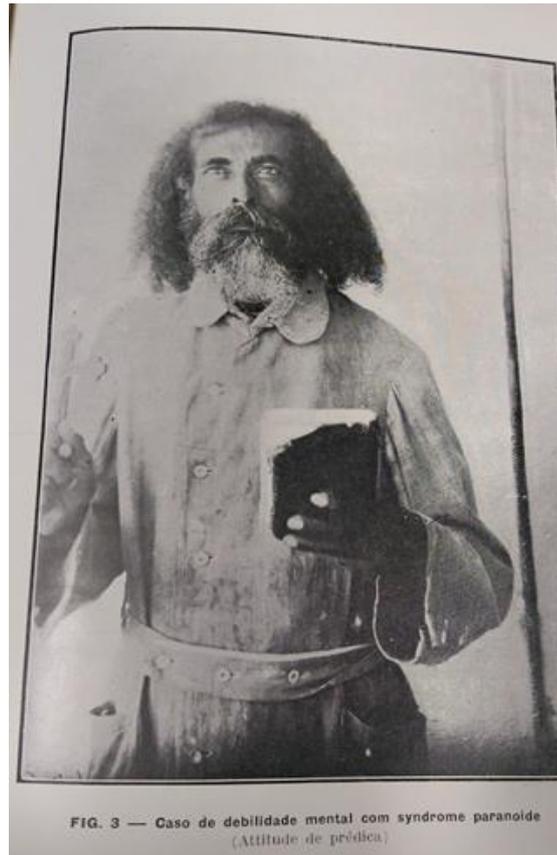
**Imagem 7:** As fotografias demonstram a evolução do tratamento da criança que em seis dias consegue sustentar a cabeça. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, v.1, III Trimestre, 1919, pp. 247. |

A Imagem 8 ilustra o artigo da Dra. Eurydice de Magalhães, intitulado “Sobre um caso de doença de Heine-Medin na juventude” também atesta a evolução do tratamento na paciente. A excepcionalidade é o acometimento de uma doença que atinge sobretudo a primeira infância em uma jovem de 15 anos. As duas primeiras imagens anexadas ao artigo ilustram a paciente doente e a terceira foto já curada. Essas imagens, além de indicar a eficácia do tratamento realizado, serve de registro documental e uma ponte de diálogo entre os pares, que assim podem acompanhar os trabalhos realizados por seus colegas. Sendo os artigos da revista produzidos em sua maioria por psiquiatras localizados no Rio de Janeiro e, sobretudo, atuantes no HNA, a revista cria um modelo que servia de base para outras instituições asilares e médicos espalhados pelo país. Esse intercâmbio, tão caro à ciência, fortalecia o capital científico do grupo.



**Imagem 8:** Três fotografias que demonstram a evolução do tratamento de uma adolescente. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, Ano XVIII, n.3, 1935, pp. 144. ]

Quanto ao repertório de fotografias inseridas neste periódico – e que em grande parte coloca em cena pacientes psiquiátricos-, pode-se observar que a objetividade muitas vezes também era buscada por meio de elementos visuais que evidenciarium sinais mais sutis da “anormalidade. Assim, olhares perdidos e gestos efusivos também comparecem em foto para que se estabeleça uma conexão do paciente com o diagnóstico. A Imagem 9 está presente nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neuriatria*, na ata da 4ª sessão ordinária da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal realizada no dia 18 de Maio de 1925. T.C, 57 anos. Durante a seção da sociedade, foi apresentada uma observação clínica, cujas características foram retratadas por meio de fotos: “FACES nazarenas, expressão fisionômica beatífica, marcha lenta e compassada, atitudes místicas”.



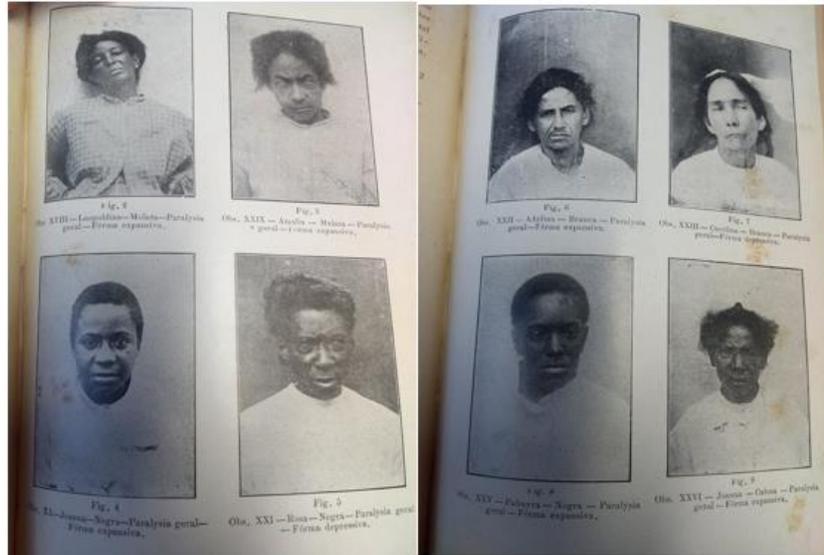
**Imagem 9:** Fotografia onde os médicos ressaltam a "atitude pré-dica" do paciente com delírio místico. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, Ano VIII, 1925, pp. 135. |

Na imagem acima, o paciente segura o livro manuscrito, tem o olhar distante, em uma postura pré-dica similar às imagens dos santos católicos, numa alusão ao simbolismo desta religião. A tomada fotográfica captura exatamente o que o diagnóstico quer mostrar.

As imagens desses sujeitos loucos têm uma tensão, uma brutalidade que demonstra a inadequação do indivíduo com o que se espera socialmente de uma pessoa sã. Ao mesmo tempo, elas alimentam o estereótipo da loucura: a postura estranha, o olhar perdido e os seus gestos objetivam sua anormalidade. De fato, há uma certa teatralidade na composição total, no conjunto dos elementos que formam a mensagem das fotografias psiquiátricas.

Em 1914, o Dr. Waldemar Gualberto de Almeida publica nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* um artigo denominado “Subsídio clínico ao estudo da paralisia geral feminina no Rio de Janeiro”. As fotografias (Imagem 10) que acompanham o artigo trazem esses elementos carregados de dramaticidade gestual. Em uma das fotos é possível visualizar uma mão que puxa a cabeça de uma paciente para trás, forçando-a a uma determinada pose. O rosto, neste caso em particular, é a sede de manifestação dos sintomas e da loucura. Apesar da paralisia não ser visível em nenhuma das pacientes fotografadas, há uma intencionalidade em associar uma visualidade da loucura – olhares alterados - no gênero

feminino. Os caracteres físicos embasavam a leitura de seus caracteres morais, e desta forma vai delineando-se nas fotografias o fato de que o caráter humano poderia ser visível no rosto através do conhecimento da anatomia da expressão, que lhe seriam inconfundíveis, sobretudo pelas desproporções.



**Imagem 10:** Pacientes mulheres com paralisia geral. Fonte: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, Anno X., n. 1 e 2, 1914, pp. 49. |

Na Imagem 11 vemos o caso de duas gêmeas esquizofrênicas que são objeto de estudo do médico, no qual se busca aquilatar o fator da hereditariedade e o do meio social para as doenças mentais, provocando caloroso debate entre os médicos. O gesto das gêmeas apresentado no clichê é narrado pelos médicos como um comportamento estereotipado que as duas apresentam desde os 9 anos de idade. A fotografia vem reforçar o texto e eterniza esse gesto, um dos sinais da esquizofrenia que os doutores consideram que poderiam ser representáveis.



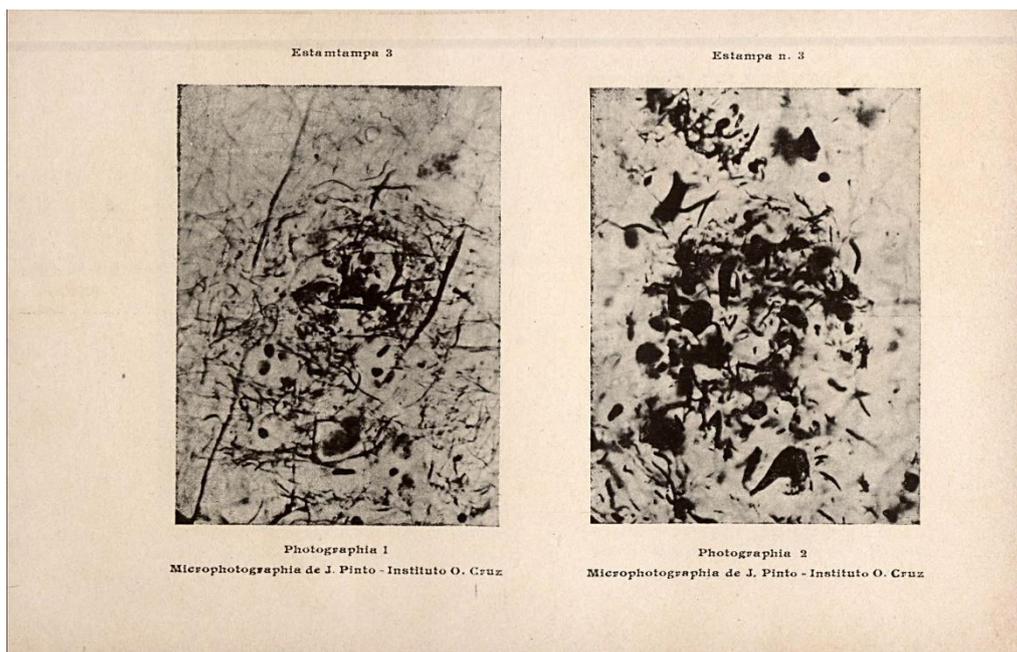
**Imagem 11:** Gêmeas esquizofrênicas onde as fotografias captam o que os médicos testemunham como atitudes habituais. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, 1938, n. 1 e 2, pp. 31. |

É notório que as novas tecnologias possibilitaram aos médicos novas formas de conhecer o corpo humano e visualizá-lo. Outras técnicas, como as microfotografias e o raio-x, por exemplo, tornaram o corpo transparente, transformando o invisível em visível (ORTEGA, 2008), dando acesso ao interior do corpo humano de modo a torná-lo familiar, tornando ainda mais objetivo esse saber médico. A microfotografia consiste em uma técnica fotográfica que permite um superdimensionamento de imagens através de microscópios e foi desenvolvida pelo bacteriologista francês Alfred Donné em 1840 (MAGIORKINIS; DIAMANTIS, 2015). O ponto culminante desta técnica reside no fato de que com ela é possível tornar visível o que não é captado pela visão humana. No mesmo processo inventivo do século XIX, o raio-x foi desenvolvido em 1895 pelo físico alemão Wilhelm Conrad Rontgen e conseguia revelar imagens dos objetos expostos à radiação (LIMA; AFONSO; PIMENTEL, 2009).

As tecnologias de imagem tiveram um impacto muito significativo na comunidade científica e rapidamente foram absorvidas também pela psiquiatria como instrumento de pesquisa. “Essas tecnologias, no entanto, apenas fornecem um conhecimento objetivo, um modo de auto-apreensão indireta do interior do corpo, o qual retrocede da percepção direta, da experiência subjetiva” (ORTEGA, 2008: 81). Os psiquiatras também utilizaram destas técnicas

para fornecer objetividade, uma vez que tais elementos evidenciam o caráter científico de suas aferições e ganharam importância como forma de demonstração da presença da doença mental. As microfotografias correspondem a uma parcela muito significativa das imagens publicadas nos periódicos dos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* e nos *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*. Assim como as tomadas de raios-x que também foram bastante expressivos dentro desse repertório imagético, o que corrobora com a nossa hipótese de que a psiquiatria estava comprometida em se firmar enquanto uma ciência médica dentro dos cânones científicos, absorvendo para tanto as tecnologias visuais já aplicadas em outras áreas.

A Imagem 12 exemplifica as tomadas de microfotografias presentes nesses periódicos médicos. Neste caso, em particular, Ulysses Vianna traz nove microfotografias de uma paciente que ingressou no HNA em 1910. Em sua anamnese, destaca a memória comprometida e desorientação de tempo, lugar e meio. Essas imagens seriam reveladoras de sua atrofia cerebral e, ao longo de seu texto, Dr. Ulysses Vianna ressalta o esforço da medicina em localizar a doença de Alzheimer, para que assim pudesse ser melhor distinguida da demência senil. As microfotografias têm um papel muito relevante na busca de encontrar sinais patológicos no interior dos pacientes. Médicos como Floriano de Azevedo, Miguel Couto, Waldomiro Pires, A. Borges Fortes e Austregésilo também utilizaram das microfotografias em suas publicações nos *Arquivos Brasileiros*.



**Imagem 12:** Microfotografias. Fonte: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Ano VI, n. 1 e 2, 1910, pp. 73. |

Compreendemos que os *Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* e os *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria* foram empreendimentos fundamentais no processo de reconhecimento da cientificidade da psiquiatria brasileira. Através das fotografias publicadas, os médicos construía e reforçavam diagnósticos buscando um consenso e divulgando para os seus pares o desenvolvimento do campo.

Dentre o repertório de fotografias observadas nesses periódicos, selecionamos para este capítulo apenas aquelas que reforçam a ideia de objetividade científica, quando observamos o esforço médico em que trazer cientificidade para o seu saber, mobilizando as fotografias para legitimar diagnósticos e práticas terapêuticas. A fotografia dos doentes com patologia mentais, como método de descrição, pretende inscrever a psiquiatria no quadro epistemológico da anatomoclínica, da fisiologia e da neurologia. As demais imagens, como registros de sociabilidades e espaços asilares serão analisados nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO 2 – FOTOGRAFIAS COMO PROVA DOS ACONTECIMENTOS

Dentre as inúmeras funcionalidades da fotografia está sua instrumentalização enquanto prova, testemunho, um acordo tácito da fidelidade entre objeto e representação. Assim, as imagens também são mobilizadas para finalidades comprobatórias, atestando a veracidade dos fatos e, por que não, moldando a opinião pública. Segundo John Tagg (1993), a força probatória de uma imagem fotográfica excede o seu poder de representação, pois, através dela vemos a conexão existencial do objeto da fotografia e sua autenticação. Neste capítulo centraremos nossos esforços em analisar como os médicos psiquiatras utilizaram as fotografias para obter reconhecimento de suas práticas e demonstrar o desenvolvimento da psiquiatria através dessa força probatória das imagens, em que elas se tornam elementos norteadores da narrativa discursiva. Fotografias que nem sempre vieram da produção médica, mas que circulam também em relatórios médicos e na imprensa leiga, corroboravam com a nova imagem com a qual a psiquiatria buscava fortalecer a legitimidade de seu ofício. Observamos como as críticas destinadas ao tratamento do louco e, posteriormente, ao asilo enquanto espaço de cura foram feitas por diversos setores da sociedade (ENGEL, 2001: 125), sobretudo por questões de superlotação e abandono da sua estrutura física, que obstaculizaram o processo terapêutico (DIAS, 2010: 41). É principalmente a essas críticas que as fotografias respondem reafirmando a cientificidade da psiquiatria e a lisura de seus profissionais, seja como resposta ao governo, seja ao público em geral.

É importante resgatar que antes das reformas de Juliano Moreira, o HNA era alvo constante de denúncias na imprensa e as visitas jornalísticas dificultadas (VENANCIO; SAIOL, 2017). Engel (2001: 283) ressalta os diversos aspectos que contribuíam para o fomento de críticas e descrença na eficácia do tratamento destinados aos alienados: superlotação sem separação das doenças e seus estágios; idade; curáveis ou crônicos e disputas em diferentes âmbitos que iam desde cargos a correntes médicos-psicológicas que provocavam tensões na busca por consensualidade. O *Jornal do Commercio*<sup>37</sup>, em 1902, publicava uma reportagem que tratava do fato de que o almoxarife do Hospício Nacional de Alienados, Oscar Adolpho da Costa Braga, havia sido demitido por desvio de verbas e relatava uma visita feita pelos jornalistas do veículo na instituição e que seu diretor, Dias Carneiros, orientou que voltassem no dia seguinte. Acatando o pedido do diretor, os jornalistas retornam e destacam na reportagem

---

<sup>37</sup> JORNAL DO COMMERCIO, 02/02/1902, s/p.

“a ilusão da ordem”. A sugestão de postergar por um dia a visita foi encarada como estratégia para mascarar possíveis irregularidades. Ainda assim, não foi capaz de esconder a ausência de fiscalização, como foi descrito no seio da reportagem. Era possível sentir o cheiro das latrinas, dentre tantas outras observações feitas pelos jornalistas.

Não bastava equiparar a psiquiatria aos moldes do que era realizado em outras ciências e outros campos de especialidade médica, construindo categorias nosológicas das doenças mentais, utilizando recursos tecnológicos que vigoravam na medicina a fim de aprimorar os saberes médicos-psicológicos. Era preciso atestar as melhorias empreendidas no interior do Hospício e o progresso terapêutico, e as fotografias foram instrumentos significativos para dar visibilidade às mudanças que estavam ocorrendo nesse campo. Não bastava que todo esse progresso e empenho intelectual fosse testemunhado por pares ou na relação restrita de médicos e autoridades governamentais.

Aqui vamos analisar como essas imagens são convocadas para atestar o desenvolvimento da psiquiatria e as melhorias modernizantes do asilo enquanto espaço terapêutico e como essas imagens deram visibilidade ao campo psiquiátrico. O que indica enorme êxito, visto que as fotografias publicadas buscam ressaltar os aspectos positivos da atividade psiquiátrica. Ainda que algumas reportagens mencionassem críticas, seu repertório visual priorizou àquilo que de melhor havia no asilo. Nosso conjunto imagético se concentra nas fotografias publicadas nos relatórios anuais do Ministério da Justiça e Negócios Interiores e na imprensa leiga, onde diversas fotografias acerca do hospício foram publicadas, dando mais visibilidade ao cotidiano asilar, seus profissionais e pacientes e moldando a opinião pública sobre a loucura (VENANCIO; SAIOL, 2017).

Criado em 1891<sup>38</sup> com o objetivo de ordenar a administração pública no novo cenário republicano (CAMARGO, 2015), o Ministério da Justiça e Negócios Interiores acumulava diversas competências e instituições a ele vinculados, como a Guarda Nacional, Corpo de Bombeiros, Biblioteca Nacional, Casa de Correção, Assistência a Alienados etc. E os relatórios deste Ministério trazem uma prestação de contas e observações administrativas de cada instituição. Neste cenário é que muitas das fotografias que analisamos se inserem. Elas foram tomadas e organizadas de instituição para instituição, tendo seu público restrito as autoridades

---

<sup>38</sup> Decreto nº 23, de 30 de outubro de 1891 (BRASIL. Lei nº 23, de 30 de outubro de 1891. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-23-30-outubro-1891-507888-norma-pl.html>. Acesso em: 09 dez. 2020).

competentes e sua narrativa visual traz como protagonista, sobretudo, a reforma do hospício e um cotidiano pacífico para pacientes e profissionais de saúde.

Como diretor interino do Hospício Nacional de Alienados durante todo o ano de 1904, Afrânio Peixoto disserta no *Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores*<sup>39</sup> as transformações realizadas no interior do hospício sob a direção de Juliano Moreira<sup>40</sup> e aproveita o ensejo do relatório para apresentar uma série de propostas que deveriam ser levadas a termo, como aquelas propostas pela Lei Geral de Assistência a Alienados (1903)<sup>41</sup> no país, a construção de uma colônia para epiléticos indigentes, uma sessão para alcoólatras visto o grande índice de reincidência e uma solicitação do aumento de verbas para atender as demandas administrativas. Nos relatórios de 1904 e 1905, muitas fotografias são mobilizadas para atestar a veracidade dos fatos da suntuosa reforma empreendida por Juliano Moreira, deixando-nos ver como o aspecto ordeiro e higiênico das imagens é central para atestar a modernização do espaço asilar e quiçá convencer as autoridades que as verbas destinadas ao tratamento dos insanos estavam sendo bem aplicadas, de acordo com os cânones da ciência. Ao decorrer do texto, Afrânio Peixoto ressalta:

Em seu relatório, o Dr. Austregésilo lembra a deplorável situação em que se encontrou a seção Pinel, em 1904, ao iniciar-se a reforma deste estabelecimento. O erro radical do pessoal subalterno encarregado de zelar aos pobres doentes reclusos, a deficiência de camas, tudo dava a impressão dolorosa das épocas iniciais da Assistência a Alienados, em que o alienado passou à condição de animal irracional (BRASIL, MJNI, 1904-1905, Anexo).

As fotografias que seguem acompanhando o relatório são convocadas para apoiar a narrativa exposta por Afrânio Peixoto e atestar que as mudanças estavam sendo empreendidas e o dinheiro público bem empregado, e o asilo, enfim, sedimentava-se nos cânones científicos

<sup>39</sup> Os relatórios do Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI) reproduziam, de forma resumida, o material divulgado anualmente pelos relatórios das instituições a ele subordinadas, apresentando assuntos relativos a diversas instituições, como o Corpo de Bombeiros e a Assistência de Alienados. Ver: CAMARGO, A. R. *Ministério da Justiça e Negócios Interiores: um percurso republicano (1891-1934)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015; BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Relatórios dos anos de 1904 e 1905 apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Disponível em: <http://www.crl.edu>.

<sup>40</sup> BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios dos anos 1904 e 1905. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/107?terms=Hospicio&item\\_id=2015#?h=Hospicio&c=4&m=80&s=0&cv=0&r=0&x\\_ywh=-264%2C-1%2C4431%2C3119](http://ddsnext.crl.edu/titles/107?terms=Hospicio&item_id=2015#?h=Hospicio&c=4&m=80&s=0&cv=0&r=0&x_ywh=-264%2C-1%2C4431%2C3119).

<sup>41</sup> BRASIL. Decreto nº 1.132 de 22 de dezembro de 1903. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902pl.html#:~:text=Fa%C3%A7o%20saber%20que%20o%20Congresso,a%20um%20estabelecimento%20e%20alienados>.

inspirados no modelo germânico (MUÑOZ; FACCHINETTI, 2013). No anexo deste relatório sobressaem 48 registros fotográficos que compreendem diferentes tomadas do espaço asilar, tendo a arquitetura, os pacientes e o exercício médico como protagonistas destas imagens. O repertório é vasto: vai dos diferentes pavilhões que compõem a estrutura asilar à sala de costura, biblioteca, pátio, refeitório, sala de cirurgia, gabinete eletroterápico, dormitórios, etc, e se constituem como um inventário, um enquadramento daquilo que esses médicos queriam mostrar do HNA – uma fina fatia do todo, onde tudo parece ter sido reorganizado para uma crônica visual perfeita, um retrato da psiquiatria científica em curso. Essas, que também foram utilizadas em congressos e exposições posteriormente, afirmam aquilo que pretendia ser o hospício, um lugar de cura e pesquisa, ordem e limpeza, beleza arquitetônica, mobilizando todos os elementos que traziam forças comprobatórias e que pudessem refutar as denúncias de outrora<sup>42</sup>.

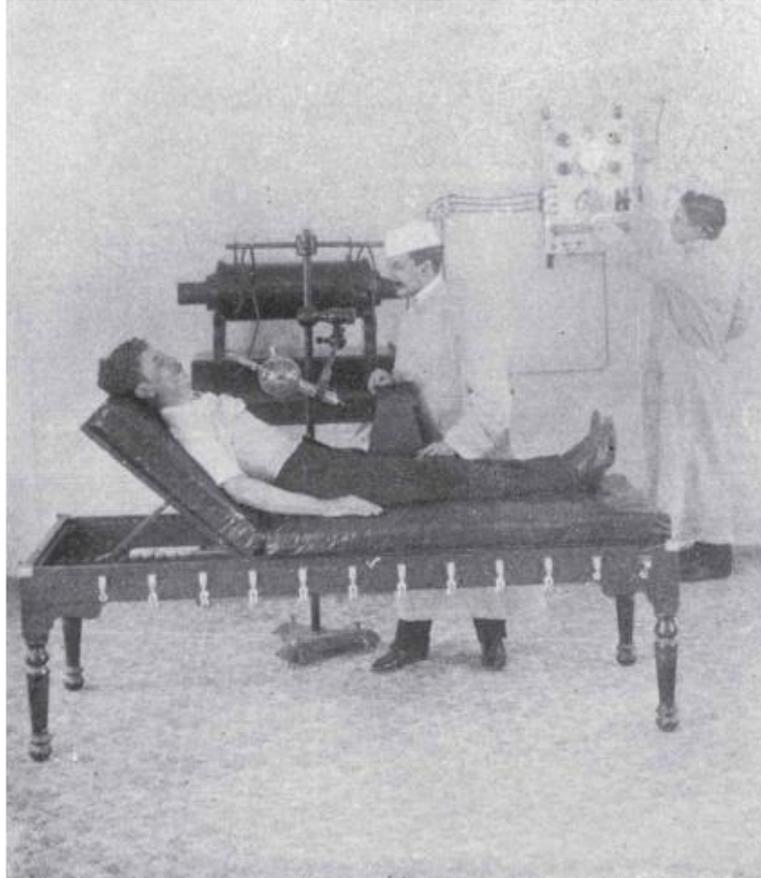
Com as reformas encabeçadas por Juliano Moreira no HNA, inaugura-se uma nova fase de publicações da imprensa leiga, em que são destacadas as benfeitorias e a modernização desse espaço. Em todas as tomadas fotográficas o que observamos é que tudo está em seu lugar: há um perfeito ordenamento onde pacientes, enfermeiros, estudantes e médicos aparecem, cada qual cumprindo seu papel. Nas Imagens 13 e 14, no gabinete de eletricidade médica e na sala de eletroterapia, destacam-se o médico e seu assistente em seu ofício, envoltos na aura quase mística do saber científico, manuseando seus instrumentos de trabalhos. E pacientes também protagonizam essas cenas, estando posicionados em seu leito de tratamento, tranquilos ou controlados, o que pouco se assemelha ao ideário popular de um hospital psiquiátrico. Essas imagens são registros contundentes, do ponto de vista médico, da modernização e cientificidade da psiquiatria e do hospício e que proporcionava uma nova imagem do país, no que tange ao tratamento especializado desses enfermos e que coadunavam com a agenda sanitária em voga no país (MORAES, 2020: 102).

Buscava-se nessas fotografias ressaltar a melhora não só do espaço arquitetônico, mas de toda as mudanças técnicas e tecnológicas que foram feitas e que eram demonstradas em sua grandeza, numa narrativa visual que visava gerar o impacto necessário às demais autoridades públicas sobre a importância do hospício e sua eficácia médica.

---

<sup>42</sup> Tendo em vista as péssimas condições de digitalização do relatório, utilizamos as imagens com melhor visualização que estão disponíveis no artigo “No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados”, das pesquisadoras Cristiana Facchinetti, Andrea Ribeiro, Daiana Crús Chagas e Cristiane Sá Reis, publicado na Revista *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (2010: 733-768).

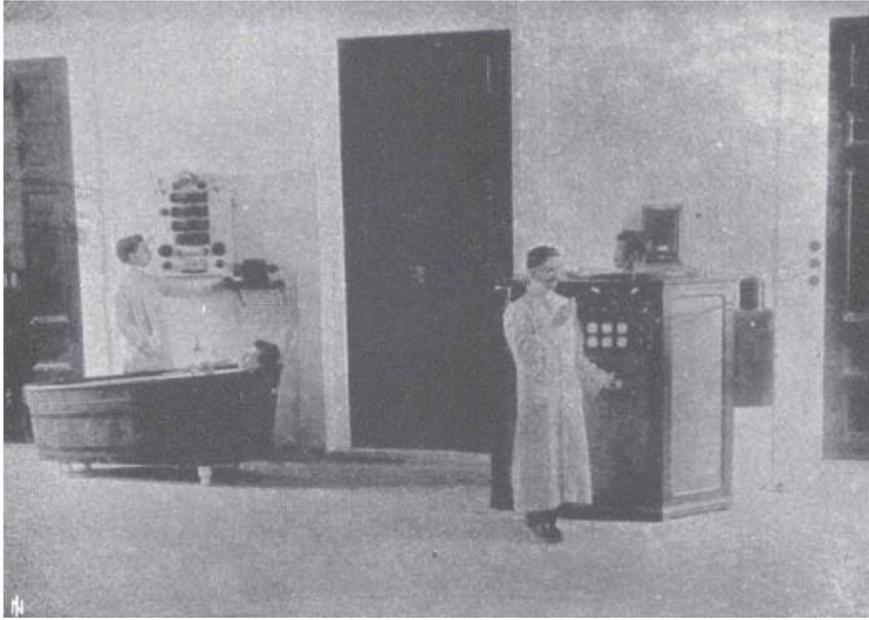
A imagem 15 também segue a mesma narrativa visual. Os enfermeiros estão a postos, enquanto os pacientes encontram-se tranquilos em suas camas, na sala de clinoterapia<sup>43</sup>. A limpeza do espaço, assim como os três profissionais de saúde posicionados nas entradas sugerem a vigilância e o cuidado com os enfermos ali estabelecidos.



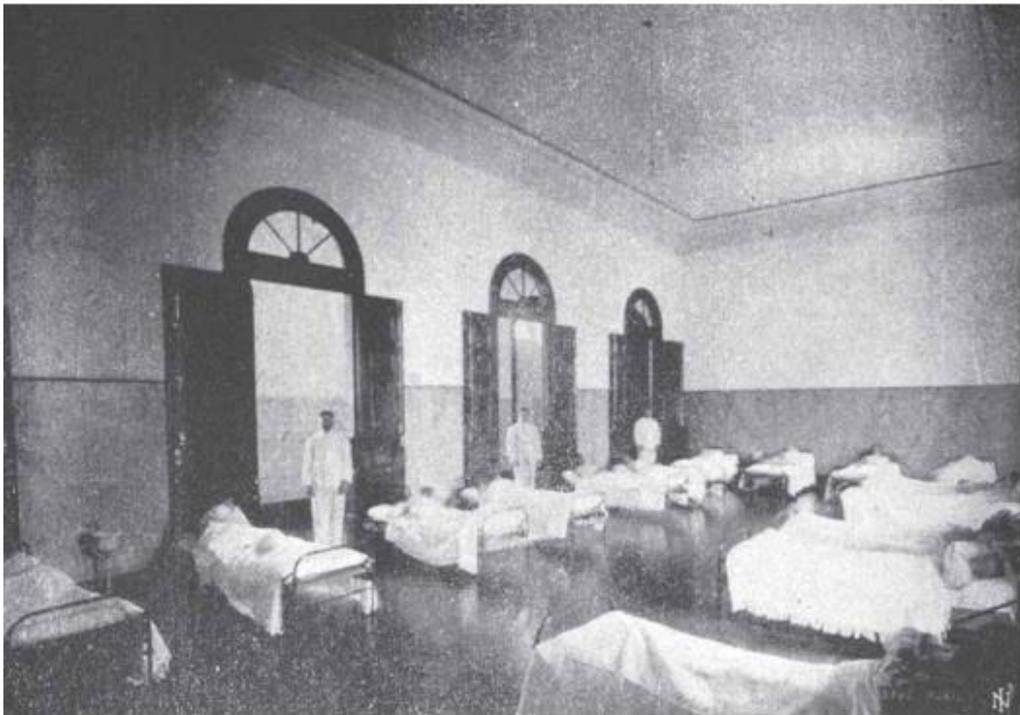
**Imagem 13:** Gabinete de eletricidade médica do HNA. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 755.]

---

<sup>43</sup> A clinoterapia consiste no repouso enquanto prática terapêutica para pacientes mais agitados, usando muitas vezes técnicas de amarração, como camisas de força e lençóis úmidos (PORTOCARRERO, 2002; BOTTI, 2006).



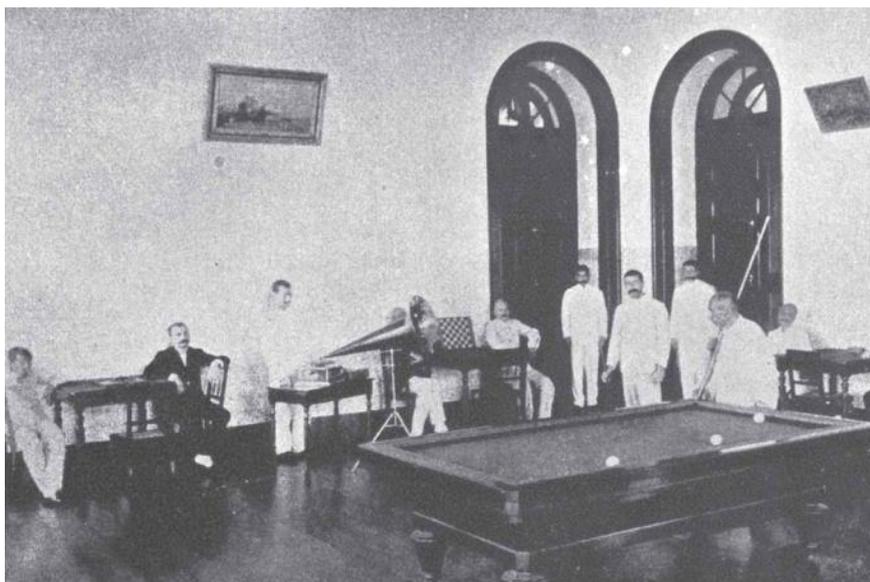
**Imagem 14:** Sala de Eletroterapia do HNA onde destacam-se os profissionais manuseando seus instrumentos de trabalhos numa ensaiada espontaneidade. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, 2010, pp. 754.]



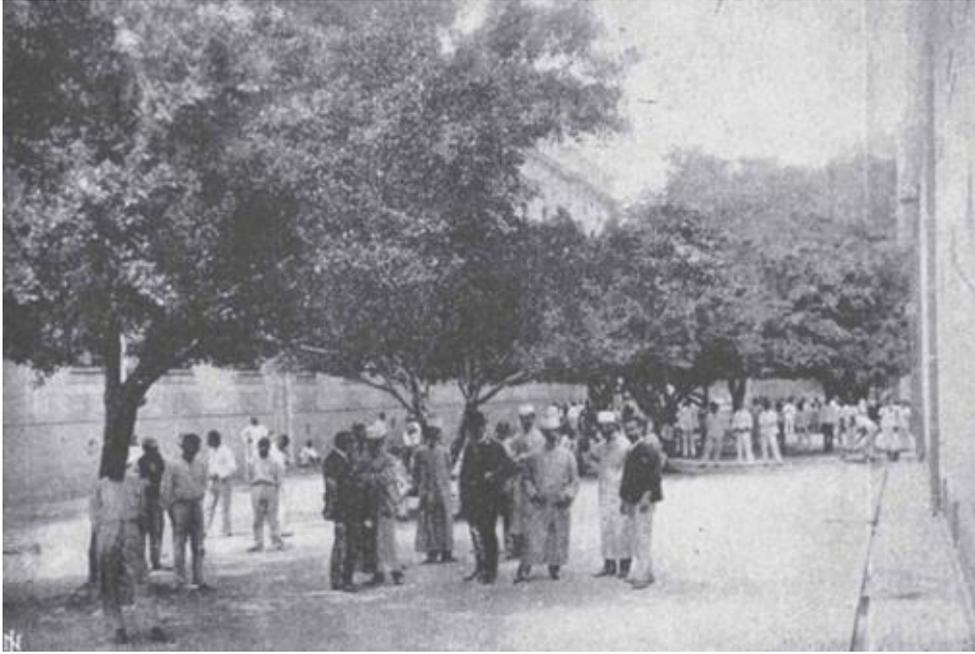
**Imagem 15:** Fotografia dos leitos dos pacientes do HNA, onde destacam-se sobretudo a ordem, a limpeza e organização do espaço e os profissionais posicionados na porta. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, 2010, pp. 758.]

As Imagens 16, 17 e 18 retratam os pacientes em momentos de lazer no ambiente asilar. As imagens desvinculam completamente a ideia de periculosidade da loucura que havia tomado

conta do imaginário leigo, especialmente após a entrada das teorias degeneracionistas e sua relação com a periculosidade nos campos médicos e jurídicos, ganhando espaço nos jornais. No pátio da seção Pinel, de pacientes gratuitos pagos pelo Estado (chamados de *indigentes*), bem como na sala de costura do Pavilhão Seabra e na sala de lazer de enfermos pensionistas, é possível observar os pacientes uniformizados, assim como os enfermeiros (no caso da seção Pinel, o médico está à frente, bem-vestido e de chapéu coco, de acordo com a moda para cavalheiros à época. No caso da seção de pensionistas, um deles está sem uniforme. Na foto das mulheres, não se vê enfermeiros) e ordenados num ambiente harmônico. Há uma consensualidade entre as fotografias em demonstrar as transformações empreendidas e desvincular a imagem do hospício das críticas que este havia recebido até a reforma. Os clichês são permeados de elementos que denotam cientificidade, ordem, limpeza e harmonia, além de reforçar o ideal de que os loucos preenchem seus dias com diversas atividades no hospital, afastando-se da ideia do hospício enquanto um lugar de exclusão social e abandono. Essas fotografias foram organizadas de modo a atestar a força comprobatória da eficácia da psiquiatria científica e servir de modelo e inspiração para demais hospitais psiquiátricos em outros estados. Observa-se em algumas fotografias deste relatório que há uma assinatura, certamente referente ao fotógrafo responsável pelas tomadas, mas que não foi possível identificar a autoria. Mauad (2005: 141) já nos alerta sobre o papel de autoria do fotógrafo que é amputado nesses primeiros momentos da fotografia. Ainda que algumas assinaturas nos sejam comuns de tanto olhá-las, difícil é a tarefa de identificá-los e dar seus créditos nesta trajetória.



**Imagem 16:** Sala de diversão dos enfermos do HNA, onde é possível ver os pacientes uniformizados, calmos em ambiente de lazer. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 759.



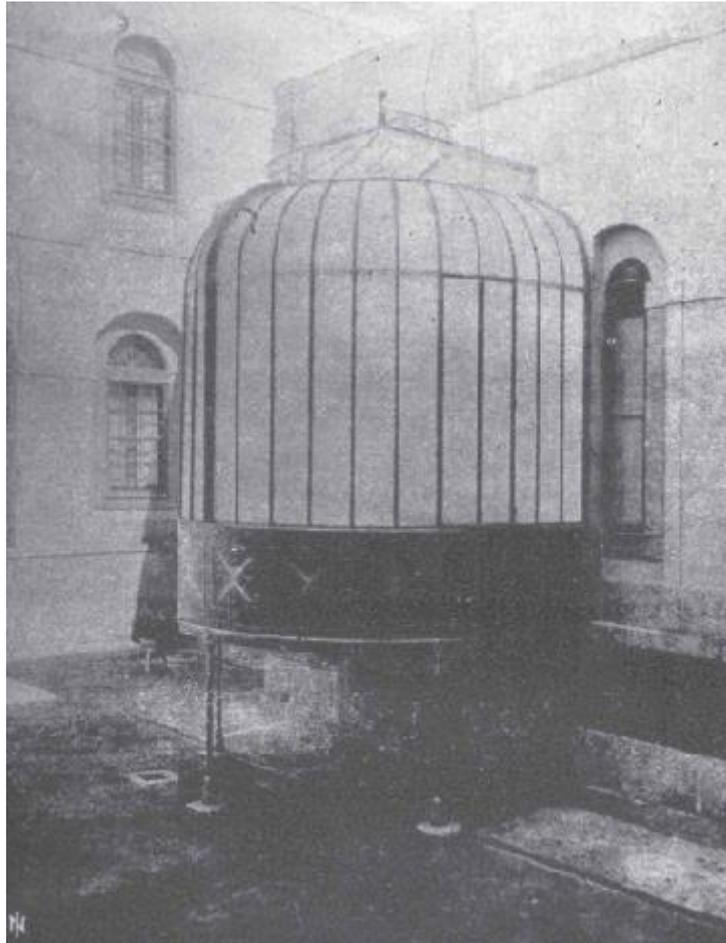
**Imagem 17:** Pátio Seção Pinel, onde observa-se o espaço amplo, ao ar livre, com os seus pacientes.

Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO *apud* FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 757. |



**Imagem 18:** Sala de costura do HNA, com as pacientes mulheres sentadas e aparentemente tranquilas. Algumas com olhares distantes que sugerem pouca ou nenhuma afinidade com a atividade. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO *apud* FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010,

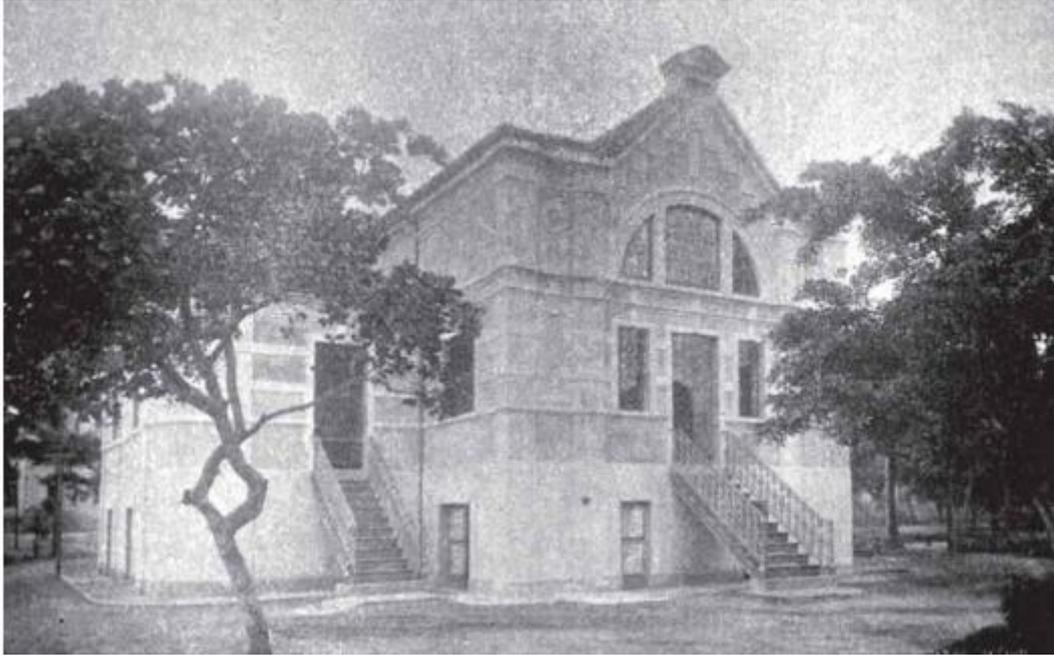
A nova estrutura do Hospício Nacional de Alienados é mobilizada no relatório para fornecer os indícios de progresso da medicina mental: novos pavilhões, novos espaços e divisões. A Imagem 19 traz uma visão externa parcial da sala de cirurgia do Hospício. Uma arquitetura que valoriza a inserção da luz natural no ambiente interno, elemento significativo para a medicina.



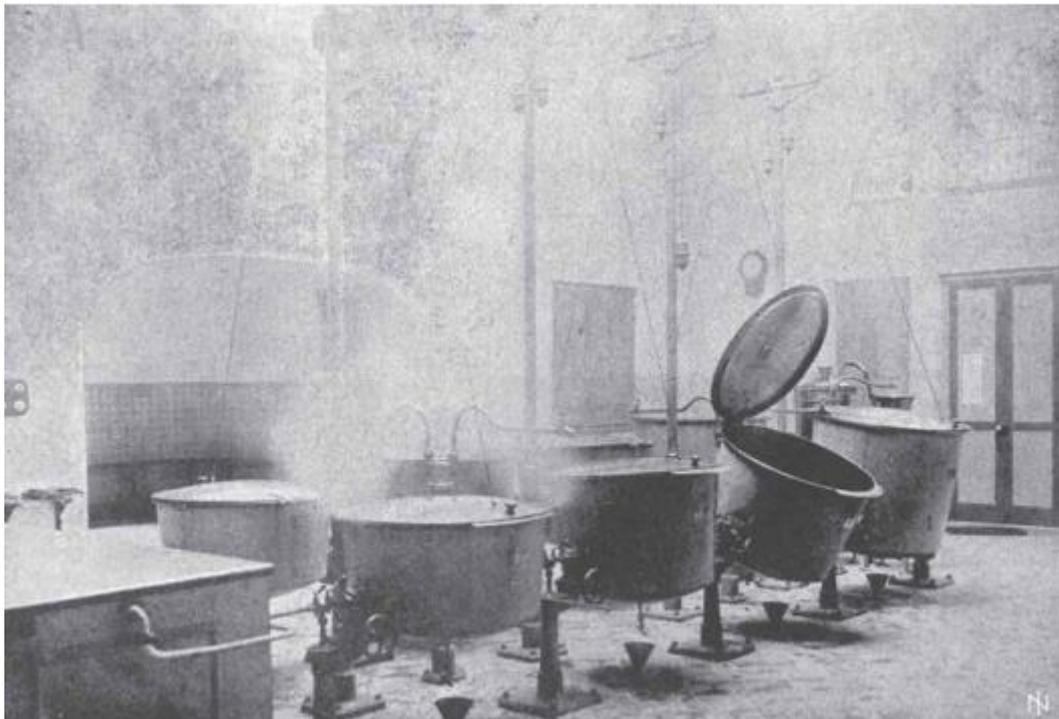
**Imagem 19:** Vista parcial da sala de cirurgia do HNA. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 760. |

Já as Imagens 20 e 21, respectivamente, apresentam o olhar funcionalista de um hospital, a primeira traz o frontispício da cozinha e a segunda fotografia, o seu interior, numa clara indicação de limpeza e ordenamento, dissociando de um ambiente e instalações insalubres.

A Imagem 22 traz o pavilhão de epiléticos, demonstrando a adesão do projeto arquitetônico a organização pavilhonar e horizontal, própria das estruturas hospitalares em voga para prevenir a umidade estagnação do ar (COSTEIRA: 2014).



**Imagem 20:** Frontispício da cozinha do HNA. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, 2010, pp. 750. |



**Imagem 21:** Interior da cozinha do HNA. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, 2010, pp. 751. |



**Imagem 22:** Pavilhão de epilépticos. Fonte: BRASIL, MJNI, 1904-1905, ANEXO apud FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 752. |

No que tange à circulação deste relatório, ele era um veículo institucional. A dimensão política que as fotografias assumem neste suporte é fundamental para sedimentar o discurso da psiquiatria e da Assistência a Alienados no âmbito do ministério, indicando também à presidência que os investimentos dispendidos na reforma haviam resultado em melhorias visíveis ao tratamento da loucura. Essas imagens tinham por objetivo circular em meios específicos, entre autoridades.

É neste mesmo relatório, no item concernente à reorganização da Assistência, aliás, que se ressalta a decisão administrativa de que, nos documentos de admissão, deveriam constar nome, filiação, idade, sexo, cor, domicílio, sinais físicos e fisionômicos dos pacientes matriculados, além de fotografia de para fins de identificação. Tal decisão se desdobra nas fichas dos *Livros de Observação Clínica do Pavilhão de Observações* (IPUB/UFRJ), onde passam a constar as fotografias<sup>44</sup>. Além disso, o manuseio desses documentos de registro clínico permite verificar que diversas folhas de pacientes contêm também outros tipos de registros fotográficos e, algumas vezes, recortes de jornal, que em certa medida, trazem mais informações sobre o que resultou na internação do paciente no hospício. Esta documentação

---

<sup>44</sup> Mas há de se ressaltar que há um hiato temporal, pois, as imagens passam a ser estampadas nesses livros apenas a partir de 1908.

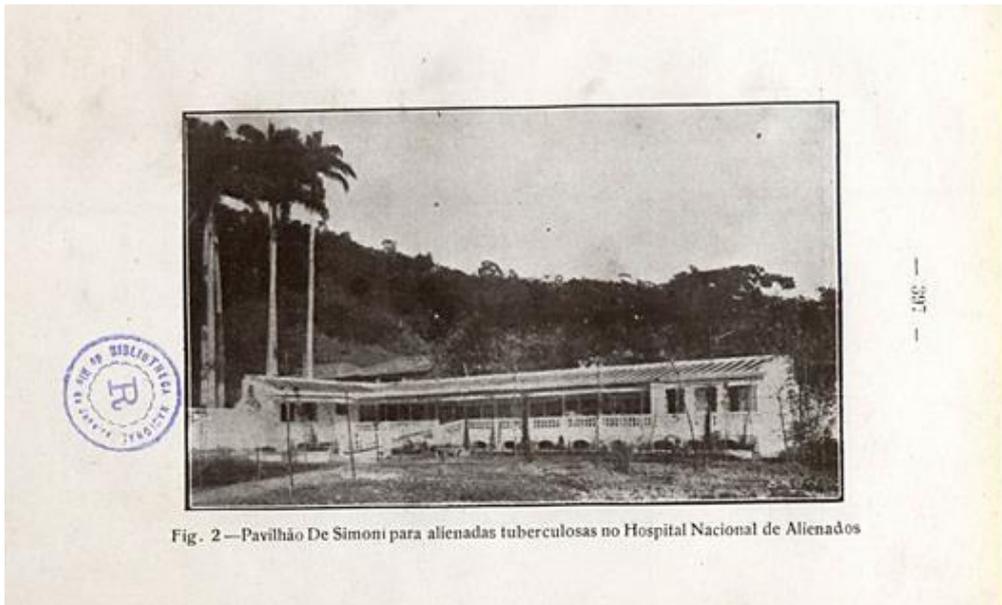
clínica tem se mostrado como fonte significativa na pesquisa histórica destes espaços hospitalares, por conta da sua riqueza e pouca investigação historiográfica.

O início do século XX é marcado pelo combate a doenças diversas, que fazia parte do processo de modernização do país para torná-lo civilizado aos olhos do mundo. Neste sentido, foram empreendidas diversas reformas urbanas e campanhas sanitárias, como a de combate como a varíola, febre amarela e peste bubônica (HOCHMAN, 2011: 377). Os espaços asilares também foram refletidos e arquitetados dentro desses novos paradigmas, buscando atender aos princípios de bem-estar e curabilidade de uma boa ventilação, higiene e iluminação para adaptar-se ao combate a profilaxia destas doenças que acabavam por acometer também os pacientes. As obras da 4ª sessão do HNA, nos pavilhões Jobim (feminino) e Francisco de Castro (masculino), foram empreendidas buscando cuidar e conter as doenças infectocontagiosas e eram supervisionados pelo médico Miguel Pereira<sup>45</sup> (MORAES, 2020: 105). Eram, sobretudo, espaços que proporcionavam o isolamento do paciente para evitar a propagação de doenças contagiosas aos demais internos. Entretanto, essas reformas, como bem explicita Mônica Moraes em sua tese, não significou tratamento igualitário dentro do HNA, uma vez que havia acomodações e atendimentos diferenciados para pensionistas e indigentes (MORAES, 2020: 104).

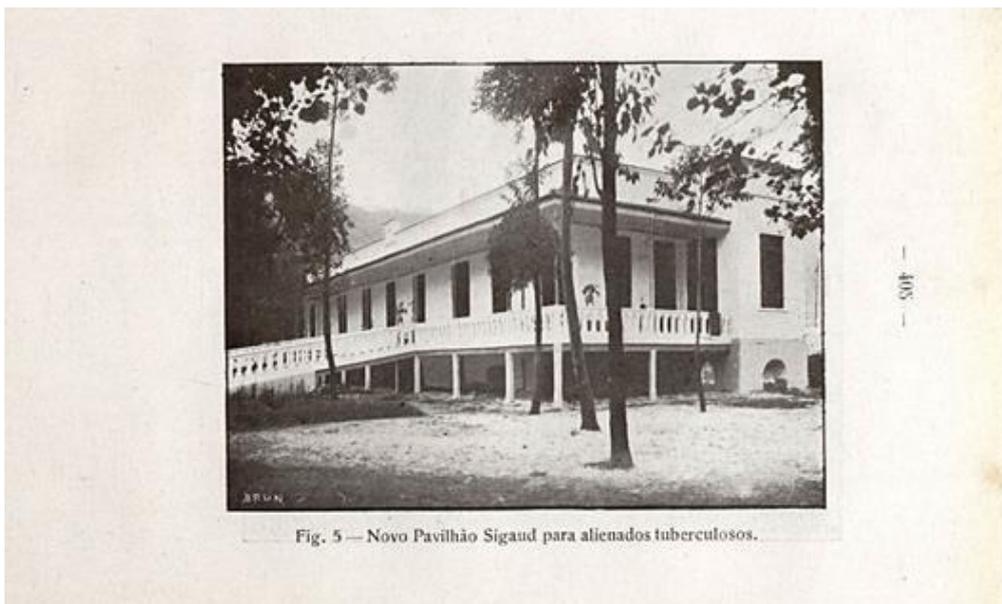
A tuberculose era a doença que mais causava óbitos dentro HNA (FACCHINETTI; RIBEIRO; CHAGAS; REIS, 2010) e o Pavilhão Di Simoni, exclusivo para pacientes mulheres (Imagem 23) e o Pavilhão Sigaud, para pacientes masculinos (Imagem 24) nasce desses esforços empreendidos pelo administrador Matoso Maia e Juliano Moreira ao combate à tuberculose dentro do asilo (MORAES, 2020: 112). O espaço possui ambiente amplo, com características arquitetônicas específicas para o tratamento dos tuberculosos, onde destacam-se as varandas e a arborização no entorno, propícias ao restabelecimento da saúde dos acometidos pela tuberculose. Em artigo nos *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, o médico Waldemar de Almeida, disserta sobre a assistência a alienados tuberculosos e apresenta um pequeno conjunto fotográfico sobre os novos espaços e também imagens do pavilhão Sigaud antes da reforma (Imagem 25), a fim de fornecer maior demonstração das melhorias empreendidas que estavam de acordo com as necessidades científicas de tratamento em voga.

---

<sup>45</sup> Miguel Pereira formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese “Hematologia tropical” e lá também lecionou. Atuou no Hospício Nacional de Alienados entre 1904 e 1907 e foi presidente da Academia Nacional de Medicina, em 1910 (SÁ, 2009).



**Imagem 23:** Pavilhão Di Simoni. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, Ano I, IV Trimestre, 1919, pp. 397.



**Imagem 24:** Pavilhão Sigaud HNA reformado. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, Ano I, IV Trimestre, 1919, pp. 405.]

Neste esforço de demonstração e testemunho do bom funcionamento do hospício e da prática psiquiátrica, o HNA passou a convidar jornalistas e cronistas para visitar o HNA observamos algumas fotografias publicadas na imprensa leiga, no período estudado, que dão destaque a essas mudanças e reformas empreendidas ao público geral. Tal perspectiva amplia o acesso de testemunho e influência para um público maior e mais variado do que aquele restrito ao Ministério e à presidência, mas nem por isso menos importante. Trata-se de criar uma nova “fama” para o hospital. E vemos que tal viés realmente impacta a opinião pública.

Em uma matéria no jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, relata-se uma visita repentina ao Hospital Nacional de Alienados, onde o jornalista do *Gazeta* (que não se identificou), foi recebido pelo diretor, o Dr. Juliano Moreira, e descreveu os tratamentos destinado aos loucos, a divisão do espaço asilar, exaltando os novos ares que o asilo ganhou com Juliano Moreira e a “substituição da camisa de força pelo tratamento humano, carinhoso e científico”<sup>46</sup>.

Se em alguns momentos esses veículos traziam notícias e denúncias que colocavam em cheque a reputação deste espaço asilar, passavam a competir com essas estampas “higienizadas” das atividades desenvolvidas ali e de seus personagens (como médicos e pacientes). Sendo os veículos de comunicação de massa significativos na formação da opinião pública (MARTINS; DE LUCA, 2010) e exercendo influência sobre o comportamento dos indivíduos (SODRÉ, 1998) e na representação da loucura, a imprensa colaborou para dar visibilidade à prática psiquiátrica e seus personagens, reforçando o capital simbólico no qual desfrutavam, uma vez que ocupavam sessões muito variadas nos jornais e revistas.

As inúmeras transformações vivenciadas pelo Rio de Janeiro, sobretudo com as reformas de Pereira Passos e o processo de modernização da cidade tiveram um impacto relevante nas revistas ilustradas, que passaram a divulgar através de suas matérias os novos códigos que representavam este novo ideal de civilização (MAUAD, 1999: 64), e o Hospício Nacional de Alienados se insere neste contexto republicano que colocava o Brasil no “caminho dos progressos materiais” (ENGEL, 2001: 201) e nas imagens que analisamos torna-se evidente o esforço em se fazer representar o hospício e as práticas psiquiátricas como balizadoras do desenvolvimento da nação, equipadas para tratar de seus loucos. Ainda que algumas reportagens desmerecessem o asilo em algum aspecto, destacando algum ponto passível de crítica, as fotografias que estamparam os jornais e que foram reproduzidas aqui nesta dissertação ressaltam e evidência o hospício que deveria ser visto: limpo, organizado, e sobretudo, científico.

São vozes polifônicas que tratam do hospício, da psiquiatria e da loucura, cada qual com seu interesse e motivação. Mas em grande parte, iluminam os ideais, os sonhos e as motivações de tornar o Brasil semelhante às nações modernizadas. Enquanto nas revistas especializadas os médicos debatem e trocam entre si, na imprensa leiga há narrativas distintas ao se olhar o exercício dos médicos psiquiatras. E talvez por estar neste processo de consolidação do campo,

---

<sup>46</sup> GAZETA DE NOTÍCIAS, 19/03/1912, Ano XXXVI, n. 79, s/p.

a psiquiatria instiga a curiosidade popular. Jornais e revistas estampam ângulos diversificados desse nascimento da psiquiatria no Brasil: sejam os médicos e suas atividades (como exploramos no terceiro capítulo desta dissertação), seja a eficácia do espaço asilar e seus pacientes.

As revistas ilustradas neste momento histórico estavam alinhadas em trazer para suas páginas o ideário da modernidade e divulgar o progresso nacional (ALCÂNTARA, 2016), para assim construir novas representações do Brasil. Neste sentido, a psiquiatria e seus assuntos estavam na ordem do dia, o que explica sua frequência em diversos suportes midiáticos do período em questão. Observa-se o esforço dos jornalistas em adentrar o ambiente asilar e testemunhar seu cotidiano.

A *Revista Fon-Fon*<sup>47</sup> publicou uma pequena matéria (Imagem 26) intitulada “O Natal dos Infelizes”, em 1909, trazendo duas fotografias de pacientes crianças do HNA, todos uniformizados e que apesar da “infelicidade”, estão próximos a uma árvore de Natal instalada no interior do asilo, onde ocorreu uma distribuição de brinquedos. Se outrora<sup>48</sup>, denúncias de promiscuidade entre crianças e adultos no interior HNA eram relatadas, além da falta de higiene e outras demandas internas que não eram obedecidas, nestas fotografias são demarcadas os resultados dos esforços empreendidos na administração do espaço asilar. As crianças, ainda que infelizes, encontram-se limpas, organizadas, uniformizadas, algumas sorridentes. As fotografias se apresentam como indícios que atitudes foram tomadas para melhorar as condições das crianças do hospital.

As imagens demonstram o tratamento humanizado e especializado concedido às crianças. Elas estão a postos para a tomada fotográfica, atestando as mudanças reivindicadas e buscando desvincular a imagem do hospício das antigas críticas em relação a mistura de adultos e crianças no HNA. A matéria ainda ressalta, inclusive, a “bondade” do médico Fernandes Figueira<sup>49</sup>, que era o responsável pelo Pavilhão Bourneville, que abrigava as crianças.

---

<sup>47</sup> Revista ilustrada carioca fundada em 1907 que se associava com os valores da modernidade e abordava uma grande variedade temática em seu repertório. Ver: DANTAS, Caroline Vianna. “Fon-Fon”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2021.

<sup>48</sup> Aqui nos referimos às denúncias publicadas no anexo de Relatórios Ministeriais, tais como o intitulado “Relatório da Comissão de Inquérito sobre as condições da Assistência a Alienados no Hospício Nacional e colônias da Ilha do Governador, 1902” In: Brasil. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo dr. J.J. Seabra. Anexo B. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/107?terms=Photographia&item\\_id=2](http://ddsnext.crl.edu/titles/107?terms=Photographia&item_id=2).

<sup>49</sup> Fernandes Figueira foi um médico responsável pelo Pavilhão Bourneville, do HNA, voltado exclusivamente para crianças e fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1910 (MARTINS, 2018).

## O NATAL DOS INFELIZES

*Fon-Fon* foi apanhar a flagrança dolorosa d'estas photographias na tristeza de uma scena singularmente triste. No Hospicio Nacional de Alienados, por iniciativa da bondade carinhosa do eminente facultativo Dr. Fernandes Figueira, houve tambem a alegria d'uma Arvore de Natal, para os pequenos inconscientes que a Caridade official alli recolhe e entrega á sciencia e ao cuidado daquelle medico.



*Fon-Fon* lá esteve e assistiu á distribuiçõ de brinquedos da linda Arvore áquella pequenada infeliz, privada da ventura da razão, e presa á inconsciencia da vida.

E as duas photographias que aqui publica, reproduzem duas scenas dessa festa, a que tão justamente cabe o titulo de *Natal dos Infelizes*.

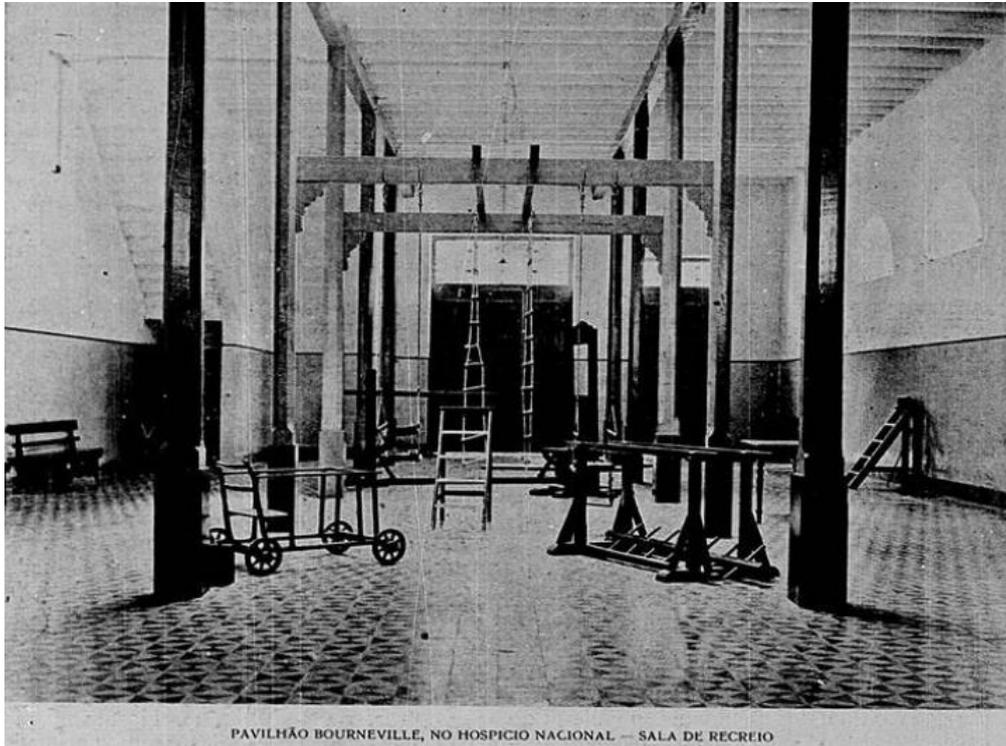
**Imagem 25:** O Natal dos infelizes. Fonte: Revista Fonfon, ano III, n.2, 1909, s/p. |

Ainda no que concerne as crianças no HNA, a *Revista Kosmos*<sup>50</sup> publicou em 1906 uma crônica de autoria do jornalista e poeta Olavo Bilac sobre uma visita ao Pavilhão Bourneville no HNA<sup>51</sup>. A narrativa de Bilac descreve sua primeira ida ao hospício, destacando o ambiente sombrio e melancólico, a brutalidade no qual estavam submetidos os pacientes, para chegar nas suas impressões do hospício atual: um palácio de ambiente calmo e piedoso, onde o dinheiro público, enfim, havia sido bem empregado. Uma crônica romântica do hospício pós-reforma de Juliano Moreira, que pode ser observado em cada adjetivo que o poeta atribui aos elementos hospitalares. E ele traz longas descrições sobre o pavilhão Bourneville e suas crianças, e com ela algumas fotografias que corroboram para consolidar uma nova imagem do hospício. Na primeira imagem (Imagem 26) a tomada fotográfica traz a dimensão da Sala de Recreio e alguns

<sup>50</sup> A *Revista Kosmos* foi uma revista mensal que circulou entre 1904 e 1909. Sua linha editorial focava na literatura, ciência e artes numa tonalidade mais sofisticada em relação a outros veículos de comunicação (ALCÂNTARA, 2016).

<sup>51</sup> BILAC, Olavo. "No Hospício Nacional". In: *Kosmos Revista Artistica, Scientifica e Litteraria*. Rio de Janeiro, ano 2, fevereiro de 1905.

aparelhos que auxiliam na correção dos movimentos corporais num pátio limpo, organizado e que em nada remete ao ambiente sombrio no qual Bilac visitou dez anos antes.



**Imagem 26:** Interior do Pavilhão Bourneville. Fonte: Revista Kosmos, 1906, s/p.

Na fotografia seguinte (Imagem 27), as crianças estão em volta do fonógrafo, sentados no chão, devidamente uniformizados e com os pés descalços. Dr. Fernandes Figueira encontra-se destacado ao lado esquerdo e dois serventes operando o aparelho. Das onze crianças presentes na imagem, percebemos que apenas uma não concentra sua atenção na atividade ali proposta. As demais indicam estar concentradas e curiosas com suas cabeças voltadas para o aparelho. Em seu texto, Bilac destaca a alegria das crianças ao receber o fonógrafo e que por ali passam horas envoltos na melodia.



**Imagem 27:** Sessão com fonógrafo no Pavilhão Bourneville. Fonte: Revista Kosmos, 1906, s/p.

Seguindo sua narrativa, Bilac apresenta a “Tia Anna”, uma *cabocla*, paciente do Hospício e que cuidava das meninas no Pavilhão Bourneville com muito afeto, como se fossem suas filhas, dispensando, inclusive, uma gratificação monetária proposta pelo diretor do asilo. Apesar de haver enfermeiras responsáveis pelo trato com as crianças, Bilac destaca que é a “Tia Anna” a preferida delas. Na fotografia abaixo (Imagem 28) é possível observamos a Tia Anna e as crianças. Um semblante cabisbaixo, um abraço à criança ao seu lado direito e uma certa melancolia que todos os elementos da foto provocam. Ainda que estejam todas organizadas, limpas, uniformizadas, a fotografia transparece um desalento, uma languidez que certamente vem da expressão dos rostos apáticos das crianças e da “Tia Anna”.

O aparato fotográfico utilizado por Bilac serve de suporte para respaldar o ambiente idílico do que seria o hospício. A foto confirma, assim, as impressões descritas pelo autor sobre o cotidiano por ele experimentado. As fotografias, neste contexto, buscam sustentar visualmente toda a carga retórica de Bilac em sua visita ao HNA que em nada se assemelhava ao inferno de Dante e sim um “laboratório de regeneração moral e intelectual” (BILAC, 1905, s/p).



**Imagem 28:** Meninas do Bourneville com Tia Anna. Destacam-se as crianças uniformizadas, tranquilas, porém com olhares tristes e distantes. Fonte: Revista Kosmos, 1906, s/p.

A revista ilustrada *Leitura para Todos* (1905: s/p) também traz um artigo assinado pelos médicos Austregésilo e Humberto Gotuzo intitulado “Como é tratado o alienado no Rio de Janeiro”, publicado em 1905. Observa-se o esforço da classe médica-psiquiátrica em divulgar amplamente as mudanças ocorridas com a reforma do HNA, não só para as autoridades, mas para a opinião pública. Na matéria, os médicos destacam a péssima atuação dos enfermeiros no período em que os loucos estavam sob a tutela da Santa Casa, constituída por “criminosos de coração duro”, e buscam pontuar, através da escrita e das fotografias, o bom atendimento oferecido agora pelo hospício. Na Imagem 29 vemos um enfermo numa camisa de força com uma legenda que realça “o novo tratamento humanizado e científico” (LEITURA PARA TODOS, 1905: 32). Nas [RC1] Imagens 30 e 31, eles relacionam o hospício a uma prisão, para depois mostrar como a nova estrutura tornara-se terapêutica.



**Imagem 29:** Paciente na camisa de força. Fonte: Leitura para todos, ano 1, n.1, 1905, pp. 32.



**Imagem 30:** O hospício prisão. Fonte: Leitura para todos, ano 1, n.1, 1905, pp. 32.



**Imagem 31:** O hospício actual. Fonte: Leitura para todos, ano 1, n.1, 1905, pp. 32.

E assim, a psiquiatria torna as pautas pertinentes desse campo a assunto de interesse popular. Não à toa é que atividades do hospício, bem como seus médicos (como veremos no terceiro capítulo) e todo o universo semântico da loucura estampam com frequência as páginas da imprensa.

O *Dia do Alienado*, data comemorativa para celebrar o dia dos insanos, foi instituído dia 2 de janeiro, por iniciativa do Dr. Aldemar de Andrade<sup>52</sup> e celebrado pela primeira vez em 1926<sup>53</sup>, foi uma pauta muito presente na imprensa carioca. O evento ocorria no HNA, com uma programação composta por shows, sessão de cinema, recitação de poesias, jogos, missa e atividades para os pacientes ali internados. Os jornais apelavam por donativos e que fossem encaminhados pela comissão organizadora do evento<sup>54</sup>. Esta festividade teve ampla cobertura da imprensa na época (como observamos nas Imagens 32, 33 e 34), sempre ressaltando a benevolência da classe médica e a alegria dos internos.

<sup>52</sup> CORREIO DA MANHÃ, 03/01/1926, s/p.

<sup>53</sup> CORREIO DA MANHÃ, 20/10/1926, s/p.

<sup>54</sup> CORREIO DA MANHÃ, 25/11/1925, s/p.



**Imagem 32:** Dia do Alienado celebrado no Hospício Nacional de Alienados, onde é possível perceber a aglomeração de pacientes, bem-vestidos e posicionados para a fotografia. Fonte: Revista da Semana, 08/01/1927, pp. 30.



**Imagem 33:** Dia do Alienado com exibição de filme. Destacam-se as crianças nas primeiras fileiras e os adultos aglomerados atrás, alguns sentados e outros em pé com uma grande lotação. Fonte: A Noite, 04/01/1926, pp. 8.



**Imagem 34:** Festa do Dia do Alienado. Destacam-se os pacientes bem-vestidos, as mulheres na frente e alguns homens de chapéu logo atrás e crianças ao fundo livres espalhadas pelo pátio. Fonte: *O Careta*, 08/01/1927, pp. 20.

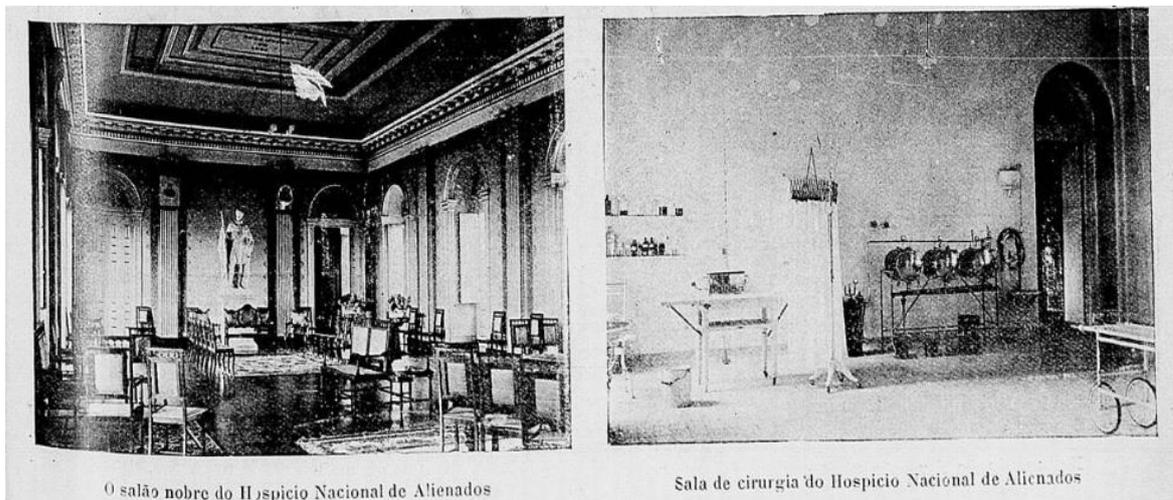
Em estudo dedicado ao Hospício Nacional de Alienados na imprensa, tendo por base os jornais *O Paiz* e *O Correio da Manhã*, os autores Venancio e Saiol (2017) destacam que a maior parte das menções ao asilo são pequenos textos sem autoria, atos públicos, notas sociais, sendo o médico Juliano Moreira o mais citado. Imagens, entre fotografias e ilustrações não eram itens facilmente encontrados, eram itens raros, o que pode ser explicado pelo controle dos meios técnicos que eram restritos de uma fração da classe dominante (MAUAD, 2005: 141). Em busca de fotografias que retratassem o hospício, seu cotidiano e personagens, verificamos realmente que muitas imagens são publicadas desvinculadas de qualquer notícia ou reportagem, apenas com legendas curtas e sem autoria.

Fundada por Álvaro de Tefé, Raul Pederneiras e Medeiros e Albuquerque, em 1901, no Rio de Janeiro, a *Revista da Semana* (MARTINS; DE LUCA, 2010) trouxe algumas fotografias e reportagens sobre o hospício e seu funcionamento. A Imagem 35 foi publicada em abril de 1905, dentro do contexto das reformas empreendidas por Juliano Moreira e mostram pacientes mulheres, uniformizadas, sentadas ao ar livre, no que parece indicar o pátio feminino do Hospício Nacional de Alienados. A fotografia foi publicada desvinculada de qualquer matéria jornalística e acompanhada pela Imagem 36, que traz dois ambientes do HNA, o Salão Nobre e a Sala de Cirurgia (REVISTA DA SEMANA, 1905, s/p). Assim como as fotografias publicadas nos relatórios ministeriais, essas imagens reforçam os aspectos positivos do

ambiente asilar, onde a função testemunhal atribuída à imprensa é convocada na construção dessa narrativa visual.



**Imagem 35:** Pacientes no pátio do HNA, uniformizadas, aparentando uma certa tranquilidade. E uma paciente destacada, ao fundo, sentada no chão encolhida. Fonte: Revista da Semana, ano VI, n. 257, 16/04/1905, s/p.]



**Imagem 36:** Salão nobre e sala de cirurgia do HNA, as duas fotografias ressaltam o ambiente interno limpo e organizado colaborando para criar essa áurea científica e bem gerida do espaço asilar.

Fonte: Revista da Semana, ano VI, n. 257, 16/04/1905, s/p. ]

A revista semanal ilustrada *Leitura para Todos* também traz para suas páginas o cotidiano do hospício<sup>55</sup> e relato de Raymundo Magalhães. Em sua narrativa, o jornalista destaca as dificuldades dos profissionais da imprensa em adentrar o hospício e que o guia desta visita, um enfermeiro, fornecia apenas ligeiras informações. A reportagem traz algumas imagens da fachada do hospital, que podem ser visualizadas nas Imagens 37 e 38. A arquitetura do HNA despertava bastante fascínio e fora inspirado no *Maison Nationale de Charenton*<sup>56</sup> e planejado pelos arquitetos José Maria Jacinto Rebelo, Domingos José Monteiro e Joaquim Cândido Guillobel (FACCHINETTI; REIS: 2014). A estética e simetria do espaço e sua suntuosidade coadunavam com os ideais modernizantes em voga na Primeira República e tinha por modelo o estilo arquitetônico dos asilos europeus. Já a Imagem 40 ilustra uma enfermaria do HNA, que apesar do brilho ofuscar as minuciosidades da fotografia, corroboram para trazer à tona a imagem do hospício como um lugar de regeneração, terapêutica, organização, limpeza e ordem. Observa-se como a pauta “hospício”, “loucura” e “psiquiatria” durante o recorte temporal estudado esteve na ordem do dia na imprensa, alimentando a curiosidade popular, e porque não construindo novas representações deste conceito e aumentando, mesmo de que forma involuntária o prestígio do papel da psiquiatria e seus médicos.



**Imagem 37:** Fotografia da fachada do Hospício, sua entrada principal. A tomada valoriza a grandiosidade do espaço e a beleza arquitetônica do asilo. Fonte: *Leitura para todos*, ano II, n. 12, 1920, s/p. |

<sup>55</sup>LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1905, s/p. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Leitura-Para-Todos/348074>. Acesso em: 21 jul. 2021.

<sup>56</sup> O *Maison Nationale de Charenton* foi um asilo francês fundado no século XVII e gerido pela Santa Casa da Misericórdia da Corte francesa (FACCHINETTI; REIS, 2014: 3).



**Imagem 38:** Outra fotografia da fachada do hospício. Fonte: *Leitura para todos*, ano II, n. 12, 1920, s/p. |



**Imagem 39:** Fotografia da enfermaria do HNA. Fonte: *Leitura para todos*, ano II, n. 12, 1920, s/p. |

Neste capítulo podemos observar como a psiquiatria buscou ser vista e representada. A força probatória mobilizada por essas imagens é resultado dos mecanismos de construção da narrativa visual que o grupo buscou sustentar para se fortalecer enquanto grupo social e tornar a psiquiatria mais próxima dos cânones científicos. Evolução no tratamento das moléstias,

espaços asilares esterilizados, iluminados e ordeiros, médicos bem-vestidos e pacientes em atividades lúdicas, instrumentos e objetos modernos, são exemplos de elementos que rompem com a percepção anterior da psiquiatria e do tratamento aos insanos, em busca de demarcar uma nova fase da psiquiatria no Brasil.

### CAPÍTULO 3 – O ETHOS DA PSIQUIATRIA BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UM CAPITAL SIMBÓLICO

Ao longo da história as sociedades humanas, seus grupos construíram suas identidades dentro de suas próprias lógicas e necessidades. Este terceiro capítulo busca refletir como o ethos da psiquiatria se consolidou no período estudado e demonstrar como a fotografia foi destacando o valor da psiquiatria e de seus profissionais, buscando dar maior capital simbólico ao campo psiquiátrico. A partir das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, quando este está voltado a destacar “Gostos de Classe e estilos de vida” e Poder Simbólico, buscamos pensar o repertório fotográfico deste capítulo, que é composto por fotografias do acervo pessoal de Lígia Brandão<sup>57</sup> e, também, utilizaremos algumas fotografias publicadas na imprensa leiga e revistas especializadas.

Dentre os inúmeros usos e funções da fotografia na medicina mental, está o seu papel de valoração ao campo psiquiátrico, uso esse que complementa seu papel de objetividade e de testemunha no espaço científico. Neste sentido, observamos os médicos psiquiatras movendo-se em diferentes esferas da clínica a encontros com autoridades, banquetes, congressos. Ocupando e interagindo nesses espaços, esses profissionais consolidavam sua autoridade profissional e prestígio social. Dentre as inúmeras temáticas nas quais esses médicos estavam inseridos, todas elas, de uma certa forma, colaboravam para que a ciência ganhasse espaço no dia a dia do país. Ainda que neste período não houvesse uma cobertura significativa e voltada especificamente para as atividades científicas, era comum esbarrar com figuras médicas nas páginas dos jornais e revistas, ou mesmo com matérias que tratassem de temas preventivos com apelo popular, como os riscos associados à sífilis, o abuso de álcool, modelos de corte de cabelo, etc., até a loucura propriamente dita e toda sorte de correlações<sup>58</sup>.

Além disso, foram publicadas, em diferentes suportes (como revistas especializadas e imprensa<sup>59</sup>), muitas fotografias dessas sociabilidades, bem como busto dos médicos e fotorretratos que convocavam os leitores a uma certa ritualidade, dando visibilidade a grandeza

---

<sup>57</sup> Filha de Luís Manoel Teixeira Brandão e neta do professor Teixeira Brandão, Lígia Brandão doou as fotos de seu acervo pessoal a Rodrigo Japur Duarte Tavares, doutor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRJ com coorientação de Cristiana Facchinetti (PPGHCS/Fiocruz). As fotos serão doadas para o Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Fiocruz após a defesa dessa dissertação. Agradeço ao colega pela generosa oferta.

<sup>58</sup> REVISTA DA SEMANA, ed. 52, 1935, pp. 5; FON-FON, ed. 25, 1911, s/p; FON-FON, ed. 25, 1911, s/p; FON-FON, ed. 2208, 1949, s/p.

<sup>59</sup> Enquanto agência, ambos os suportes são compreendidos como canais eficazes de produção do capital simbólico e que moldam a opinião pública (MAUAD, 2007: 121).

dos personagens. Os fotorretratos possuíam enquadramento e pose específicos que transformavam um indivíduo num monumento, como podemos observar na Imagem 40, publicada nos *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, e na Imagem 41, publicada na *Revista da Semana*, mas que se encontra desvinculada de uma matéria jornalística que tratasse do universo semântico da psiquiatria. A fotografia está “solta”, como se diz no linguajar da imprensa.

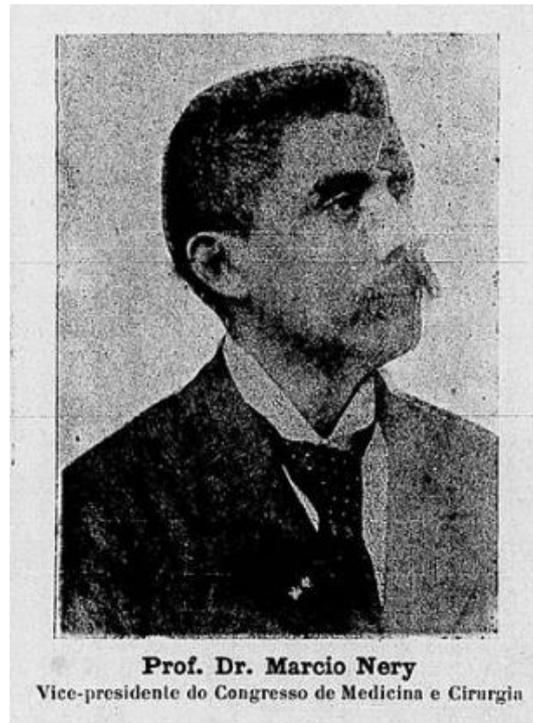
A Imagem 40 mostra o médico Diógenes Sampaio<sup>60</sup> e traz toda a disposição estética do homem culto, formado, intelectual e distinto. A 41, apesar de dispensar o traje característico do indivíduo formado, traz uma pose lateral do Dr. Marcio Nery<sup>61</sup> que garante a seriedade necessária para estampar um perfil médico. Não era incomum este tipo de retrato dos médicos tanto em revistas especializadas como na imprensa de um modo geral e possuía uma conotação de homenagem.



**Imagem 40:** Fotografia do Prof. Dr. Diogenes Sampaio, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na fotografia, o médico utiliza uma vestimenta de formando e estampa no rosto um semblante sério. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, v. 1, III Trimestre, 1919, pp 289.

<sup>60</sup> Diógenes Sampaio formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1906 e em 1911 ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como professor da cadeira de química (SANTOS; FARIA, 2006).

<sup>61</sup> Dr. Marcio Nery foi Professor da Cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e atuou como médico do Hospício Nacional de Alienados (RIBEIRO, 2018).



**Imagem 41:** Prof. Dr. Marcio Nery, que foi diretor do Hospício Nacional de Alienados e chefe da seção pinel. Fotografia de perfil, porém numa tomada mais descontraída. Fonte: Revista da Semana, ano I, n.7, 01/07/1900, pp. 58. |

Diferentes aspectos da vida desses médicos eram retratados na imprensa, onde muitas vezes suas vidas pessoais também eram alvo de interesse e curiosidade popular. Profissionais da saúde, mas também figuras públicas eram retratados, como podemos ver na imagem 43, publicada na *Revista Fon-Fon* em 1913 que traz duas fotografias: uma da *Escuela Niños Debiles*, na Argentina, com a assinatura do fotógrafo Brun, que assinou diversas fotografias relacionadas ao HNA, como mencionamos anteriormente, e que sinaliza um indício de que ele acompanhava com regularidade as atividades dos médicos psiquiatras, apesar de não termos documentações que comprovem este fato. A fotografia ao lado traz o Dr. Plínio Olinto<sup>62</sup> e sua esposa, ambos bem-vestidos, em uma pose clássica da fotografia familiar. A foto demarca o seu lugar social, como profissional, chefe de família e membro de uma classe distinta. Ao lado tem um registro fotográfico de alunos pacientes de um espaço asilar na Argentina, local visitado pelo médico e sua esposa. À frente das crianças está posicionada de pé uma mulher, vestindo um traje preto e que se assemelha a esposa de Olinto.

---

<sup>62</sup> Dr. Plínio Olinto (1886-1956) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Era membro da Liga Brasileira de Higiene Mental e lá dirigiu o Laboratório de Psicologia. (NASCIMENTO; MANDELBAUM, 2020).



**Imagem 42:** Aula ao ar livre e Dr. Plínio Olinto e sua esposa. Fonte: Revista Fon-Fon, Ano VII, n. 4, 25/01/1913, s/p.]

Nesta mesma linha editorial, tomando personagens médicos como figuras da elite da sociedade brasileira está a Imagem 43, inserida em uma coluna social da *Revista da Semana* que traz o professor Juliano Moreira com seus alunos no Hospício Nacional de Alienados. A agenda e os itinerários desse grupo de médicos eram alvo de interesse e curiosidade, ao mesmo tempo em que essas publicações reforçavam seu ethos profissional.



**Imagem 43:** Figuras e Factos. Fonte: Revista da Semana, ano XXIV, n. 3, 13/01/1923, s/p.]

Nesta formulação, buscamos salientar aqui que as fotografias também podem ser analisadas como instrumento, ainda que invisíveis, do poder, já que através delas visualizamos

as redes, a formação de uma elite intelectual, as relações entre grupos, as conexões sendo construídas e amarradas, formação de saberes e discursos (FOUCAULT, 1979) que colocam esses médicos no patamar de autoridade e respeitabilidade. O capital não se forja apenas pela força, ou poder econômico, ele também pode ser constituído de elementos simbólicos, como adesão a um conjunto de valores, determinadas competências técnicas, linguagem, vestuário etc. (BOURDIEU, 1983: 18). É através destes elementos que podemos dar ao leitor visão concreta dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu, como *habitus*, distinção, *ethos*, capital simbólico psiquiátrico, que estão sendo desenhados como tal neste momento da história da psiquiatria.

Parece-me que o que se deve levar em consideração no intelectual não é, portanto, “o portador de valores universais”; ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cujo a especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades. Em outras palavras, o intelectual tem uma tripla especificidade: a especificidade de sua posição de classe (pequeno burguês a serviço do capitalismo, intelectual “orgânico” do proletariado); a especificidade de suas condições de vida e de trabalho, ligadas à sua condição de intelectual (seu domínio de pesquisa, seu lugar no laboratório, as exigências políticas em que se submete, ou contra as quais se revolta, na universidade, no hospital, etc.) finalmente, a especificidade da política de verdade nas sociedades contemporâneas. É então que sua posição pode adquirir uma significação geral. (FOUCAULT, 1979: 13)

Foucault e Bourdieu nos convidam a pensar nos elementos menos óbvios, mas que se constituem como ferramentas de poder. E apontam para o fato de que determinadas condições materiais de existência favorecem a consolidação do mesmo, como vestimenta, gostos, hábitos, círculo social, linguagem e outros aparelhos simbólicos que sinalizam as diferenças sociais, através de sua distinção, que se coaduna ao universo de pertença entre esses indivíduos (BOURDIEU, 1983: 24).

A luta política é uma luta cognitiva (prática e teórica) pelo poder de impor a visão legítima do mundo social, ou melhor, pelo reconhecimento, acumulado sob a forma de um capital simbólico de notoriedade e respeitabilidade que confere autoridade para impor o conhecimento legítimo do sentido do mundo social, de sua significação atual e da direção na qual ele vai e deve ir (BOURDIEU, 1997: 226).

Ao transpor esta concepção de capital simbólico para os ofícios exercidos no século XX, recorte temporal da presente pesquisa, é possível circunscrever que ser um profissional liberal (médico, professor, advogado) remetia a espíritos independentes que tiveram uma especialização (COELHO, 1999: 23), o que por si só já denotava prestígio social na época, uma vez que esses indivíduos possuíam condições materiais para se dedicar a tal ofício. E essa

condição material também se reflete nas fotografias através de todos os signos que denotam a distinção dessa classe em detrimento de outras: estão sempre bem-vestidos, bem acompanhados, em locais importantes, cercados de autoridades, sejam políticas ou científicas. Todo esse repertório imagético coaduna-se com o conceito de cultura erudita que caracteriza as classes reputadas como superiores, privilégio de uma minoria que detém certos conhecimentos e ostentam títulos, se relacionam com outros grupos de poder, o que fornece hegemonia e força discursiva ao grupo. A exemplo disto podemos ver na Imagem 44, publicada na *Revista da Semana*, onde médicos e autoridades se reúnem no Copacabana Palace, hotel de luxo localizado no Rio de Janeiro, para um banquete em homenagem ao prof. Dr. Antônio Austregésilo por representar a Faculdade de Medicina no Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura<sup>63</sup>. Estavam presentes ministros, senadores, médicos, dentre outros personagens.



**Imagem 44:** Médicos e autoridades se reúnem no Copacabana Palace. Fonte: Revista da Semana, ano XXVII, n. 8, 13/02/1926, s/p. |

O prestígio desfrutado pela classe médica se desenvolveu de forma paulatina, conforme ia se definindo o conhecimento teórico e prático das artes de curar e se institucionalizava a medicina pastoriana (KEMP; EDLER, 2004: 140) e as faculdades de medicina que operavam dentro dos parâmetros científicos em vigor. As sociedades científicas também possuíam um papel relevante para dar maior prestígio social aos profissionais, pois além de funcionar como intercâmbio de experiências também proporcionavam uma série de solenidades que reunia os notáveis, a “nata da intelectualidade” (COELHO, 1999: 95).

<sup>63</sup> BRASIL. Decreto nº 4.634, de 08 de janeiro de 1923. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4634-8-janeiro-1923-566570-norma-pl.html>.

Assim sendo, a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicinal Legal<sup>64</sup> teve uma atribuição importante no processo de institucionalização da psiquiatria, já que através desta rede os médicos discutiam e divulgavam o desenvolvimento da medicina mental. Para tornar-se membro era necessário atender a uma série de requisitos:

[...] as exigências para ser admitido como sócio efetivo eram as mesmas para os candidatos a membros correspondentes, com a diferença que, destes últimos, não seria exigido “residir na Capital Federal ou em lugar próximo que lhe permita assistir as sessões”, como era cobrado dos efetivos. Em linhas gerais, era exigido de ambas as classes citadas satisfazer uma das seguintes condições: ter publicado trabalhos sobre as especialidades ou ciências afins; ter exercido cargos oficiais ou hospitalares relacionados às especialidades; ter sido interno das clínicas de psiquiatria, neurologia ou ter estagiado no gabinete de Medicina Legal de uma das Faculdades do país; ser pessoa de notório saber nas áreas que compunham a Sociedade; ser formado em medicina e ter sido proposto para membro por três sócios efetivos, sendo aceito por maioria absoluta de votos (CERQUEIRA, 2013, s/p.).

As fotografias que retratam a vida social desses médicos, bem como os congressos, encontros com políticos e cientistas, criaram códigos de comportamento que colaboraram na construção desse ethos profissional, servindo de modelo para seus pares e, ao mesmo tempo, os fazendo ganhar distinção enquanto grupo. Essas fotografias criaram uma certa aura em torno dos médicos através de signos que evocavam *status*, poder, autoridade e reconhecimento. As fotografias, uma vez publicadas e em circulação, cumpriam uma função política e exerciam o agenciamento da opinião pública. É possível afirmar, deste modo, que as imagens não tratavam apenas de reproduzir fatos e acontecimentos do cotidiano, mas construía visões de mundo apoiando narrativas discursivas e projetos de poder da psiquiatria e dos projetos de governo.

A busca da compreensão de como certa imagem de poder associada a determinados signos foi sendo ao longo do tempo criada e recriada pelo devir histórico contribui para a caracterização da influência da imagem fotográfica na formação e conformação de determinada opção política por parte da população. Compreendida desta maneira, a imagem é tanto a síntese atualizada de uma expectativa geral, captada por “objetiva sagaz”, como o agente que cria opinião e molda comportamentos (MAUAD, 2007: 120).

Portanto, fazer parte da SBPNML era também pertencer a uma elite intelectual de médicos que se tornavam referência para os outros profissionais do campo espalhados pelo

---

<sup>64</sup> A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicinal Legal foi fundada em 1907, a sociedade reunia grandes nomes, como Miguel Couto, Juliano Moreira, Antonio Austregésilo, Fernandes Figueira, Afranio Peixoto, Miguel Pereira, Ulysses Vianna Filho etc. A divulgação das atividades e pesquisas do grupo eram realizados através do periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, sendo este uma sequência dos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (CERQUEIRA, 2013).

restante do país. Para compreendermos a noção de campo, é necessário adentrar a conceito de Bourdieu:

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceitual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas de pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista, ou, para disser como Cassirer, o substancialista: é preciso pensar relacionalmente (BOURDIEU, 1989: 27).

O *campo* para Bourdieu seria esse espaço social que possui alguma autonomia, tem características e interesses próprios, mas que também são relacionais, já que no interior de cada campo também há lutas e disputas e que se desdobram inclusive para outros campos, e por isso é relacional. Mas estar filiado a um grupo é a garantia de um capital social para seus membros e se transforma em poder (BOURDIEU, 1989: 29). A partir dessa possibilidade analítica de campo, podemos pensar em como esse grupo de médicos se constituem enquanto especialidade médica e enquanto campo. E como as sociedades médicas se tornaram significativas para reforçar esse capital simbólico, tornando-se especialmente interessantes para nossas reflexões.

As solenidades realizadas pela SBPNML eram permeadas de ritualidade, brilho e pompa, conforme podemos observar na Imagem 45, quando da realização do I Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, realizado em 1916 no salão nobre do Hospital Nacional de Alienados, com Juliano Moreira discursando em pé ao centro da fotografia. Sua importância é destacada por sua posição: está em pé, ao centro, com os demais presentes virados em sua direção.

Já a Imagem 46 traz os participantes do Congresso em meio ao salão cheio, indicando sua boa audiência. Todos estão trajados a rigor, e a fotografia traz como destaque as mulheres, que se encontram na primeira fila de cadeiras. Ambas as imagens retratam o requinte do grupo e de seus associados: da arquitetura do salão do HNA, nos moldes da arquitetura palacial europeia, à vestimenta dos indivíduos ali presentes.



**Imagem 45:** Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1916). Fonte: Acervo pessoal de Lígia Brandão. |



**Imagem 46:** Participantes do I Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1916). Fonte: Acervo Pessoal de Lígia Brandão. |

Os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, posteriormente renomeado como *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* e, a partir de 1919 como *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, suporte principal de divulgação da Sociedade, foi a primeira revista especializada da medicina mental, apesar de contar também com a contribuição de médicos de outras especialidades que atuavam no Hospício Nacional de

Alienados (CERQUEIRA, 2014). A revista colaborou não só para a construção do saber da medicina mental, através de variadas perspectivas, estabelecendo categorias diagnósticas, práticas terapêuticas, modelos de assistência, etc., como inaugurou, igualmente, uma agenda dos debates que eram conduzidos pela “nata” da psiquiatria e que serviam de modelo aos outros estados e profissionais do campo, delimitando fronteiras, buscando consensualidade e forjando sua identidade enquanto especialidade médica.

As sociabilidades faziam parte da construção e do fortalecimento de uma rede de trocas, colaboração e intercâmbio científico e político. Nesse sentido, para a psiquiatria que aqui se consolidava era significativo não apenas que seus atores estivessem em contato com autoridades públicas, cientistas e outros grupos de prestígio, mas que isso pudesse ser visto por muitos, pois desta forma angariava audiência mais ampla e com ela a oportunidade intervir nos debates públicos. Banquetes, recepções de médicos de outros países e encontros com políticos faziam parte destas sociabilidades, como podemos ver na imagem 47 e 48 que foram publicadas na *Revista Fon-Fon*. Assim, se não bastasse uma visita do então presidente Washington Luis ao Hospício Nacional de Alienados, onde foi recebido por Juliano Moreira e o grupo de profissionais que atuavam no asilo, era preciso ainda um ponto a mais: a visibilidade desse encontro e a importância que os psiquiatras e o HNA ganhavam com a ilustre visita. De fato, o encontro foi publicado em diversos jornais no período, e mostra articulação da psiquiatria com o poder público. A visita ocorreu em maio de 1927, o mesmo ano em que foi reorganizada a Assistência aos doentes mentais, que passou a ser denominada Serviço de Assistência a Psicopatas<sup>65</sup>, que deveria ampliar sua ação, até então no Distrito Federal, para todo o território nacional (SILVA, 2014: 244). E é neste mesmo ano que o HNA é renomeado como Hospital Nacional de Psicopatas (FACCHINETTI; CUPELLO; EVANGELISTA, 2010: 532).

---

<sup>65</sup> Decreto n. 5.148-A de 10 de janeiro de 1927, de autoria do médico Afrânio Peixoto com o objetivo de reorganizar a Assistência (BRASIL. Decreto n. 5.148-A de 10 de janeiro de 1927. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5148-a-10-janeiro-1927-563139-publicacaooriginal-87269-pl.html#:~:text=Art.,a%20estabelecimento%20apropriado%20para%20tratamento>. Acesso em: 09 dez. 2020).



**Imagem 47:** Presidente Washington Luis e Juliano Moreira. Fonte: Revista Fon-Fon, ano XXI, n. 21, 21/05/1927, s/p. |



**Imagem 48:** Médicos e autoridades em visita ao HNA. Fonte: Revista Fon-Fon, ano XXI, n. 21, 21/05/1927, s/p. |

Dentre as inúmeras dinâmicas de sociabilidade que os atores da psiquiatria estiveram envolvidos estão os intercâmbios com profissionais de outros países. De passagem pelo Brasil, os médicos alemães Max Nonne<sup>66</sup>, Fritz Ruppert<sup>67</sup> e Fedor Krause<sup>68</sup>, desembarcaram no dia 7 de maio de 1922 no Rio de Janeiro para reuniões científicas com a SBPNML. O fato não passou despercebido pela imprensa, que noticiou a visita em suas páginas, destacando-os como grandes autoridades da medicina alemã<sup>69</sup>.

**A SCIENCIA NA AMERICA DO SUL**

**Tres notabilidades medicas allemãs chegaram pelo vapor «Cap Polonio»**

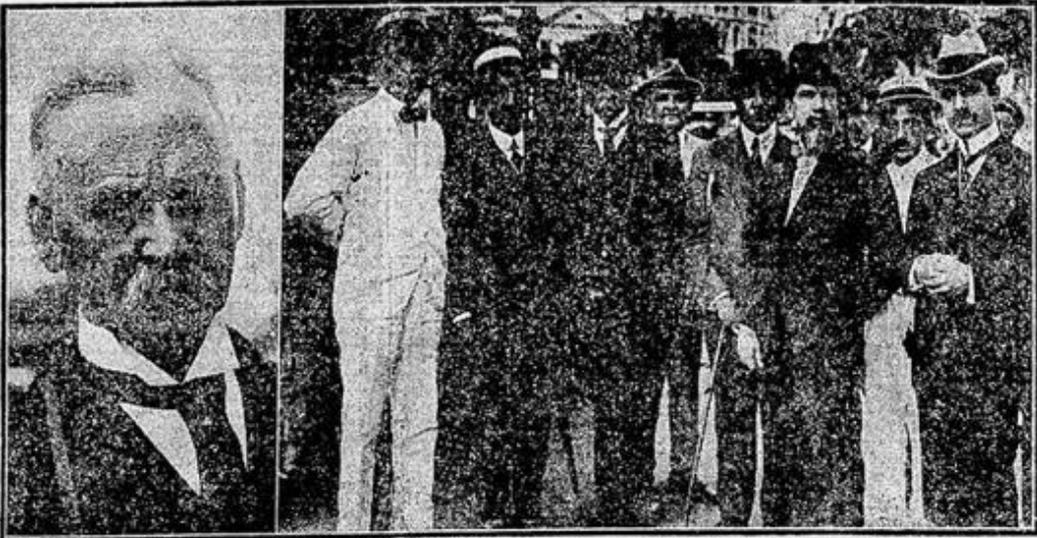
A nossa capital hospedou hoje, por algumas horas, duas notabilidades medicas allemãs, os professores Max Nonne e Fritz Ruppert, que são passageiros do transatlantico allemão "Cap Polonio", entrado pela manhã de Hamburgo. Não foram só esses dois cientistas que chegaram hoje da Alemanha. O professor Fedor Krause, já conhecido no Rio, pois aqui esteve no anno passado, tambem foi passageiro do mesmo transatlantico. Os dois primeiros medicos germanicos seguem, respectivamente, para o Uruguay e a Argentina, ao passo que o professor Krause vai permanecer alguns mezes entre nós.

teve a gentileza de nos explicar minuciosamente o que desejavamos.

Disse-nos o eminente cientista allemão: Vou a Buenos Aires a convite do governo argentino realizar uma serie de conferencias na Faculdade de Medicina sobre diagnostico e tratamento das doenças do systema nervoso de origem syphilitica, que congenitas quer adquiridas. Nessas conferencias abo-darei interessantes estudos e observações feitas por mim de nevroses erodadas pela guerra. A' propozção que fór discorrendo sobre o thema, será exhibida uma fita cinematographica demonstrando assim, ao vivo, as operações

chefe da clinica de syphilis no hospital de S. Jorge, de Hamburgo, e, tambem como medico-encicte da seccão interna do hospital da Cruz Vermelha, da mesma cidade. Era-lhe dada, decorridos dois annos, a chefia do grande hospital de Eppendorf, onde elle permaneceu durante 25 annos, offerecendo sobejas provas do seu grande talento e preparo, com trabalhos scientificos do mais alto valor, notando-se dentre elles as reacções para o diagnostico da syphilis, universalmente conhecidas pelo nome de "reacções de Nonne".

O notavel professor Nonne foi saudado a bordo do "Cap Polonio" por commissões da



**Imagem 49:** Matéria destacando a chegada dos profs. Max Nonne, Fedor Krause e Fritz Ruppert no Brasil.

Fonte: A Noite, ano XI, n.3744, 8/05/1922, s/p. |

<sup>66</sup> Max Nonne foi professor catedrático da clínica neurológica da Universidade de Hamburgo e diretor do Hospital Eppendorf (MUÑOZ, 2015: 156).

<sup>67</sup> Fritz Ruppert foi professor catedrático da Universidade de Frankfurt (MUÑOZ, 2015: 178).

<sup>68</sup> Fedor Krause foi professor honorário da Universidade Friedrich Wilhelm em Berlim (MUÑOZ, 2015: 180).

<sup>69</sup> JORNAL DO COMERCIO, 08/05/1922, s/p.; A NOITE, 08/05/1922, pp. 5.

A visita desses médicos são indícios da aproximação construída entre a psiquiatria brasileira e alemã e do crescimento do discurso biológico e orgânico dentro da medicina mental (MUÑOZ, 2015: 174), que fortalecia ainda mais essa especialidade médica no seio científico. Juliano Moreira, Ulysses Vianna e Antônio Austregésilo foram personagens significativos nesta aproximação e se encontram na foto, na recepção dos notórios colegas, tornando-se, junto com eles e por essa proximidade, ainda mais notórios também.

No segundo Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, no dia 24 de agosto de 1922, os médicos se reuniram na Academia Nacional de Medicina para receber Max Nonne, que ficou conhecido, sobretudo, pelo aperfeiçoamento da reação de Wassermann (na detecção da sífilis) em doentes mentais (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013: 246). O evento tornou-se uma oportunidade para as trocas científicas sobre essa e outras reações no exame da sífilis entre o médico alemão e os brasileiros.

A luta pela autoridade científica perpassava, portanto, por todas essas dinâmicas de sociabilidade. tanto o reconhecimento político quanto a troca entre pares permitiam aos seus membros definir agendas, atividades, itinerários e interesses que mobilizavam o grupo. Esses encontros permitiam que esses médicos pudessem desenvolver “a eficácia do discurso performativo”, como bem afirma Bourdieu (1989: 116), onde o discurso reforça a autoridade, o reconhecimento, impõe uma determinada visão que cria e consolida suas identidades não só entre os pares, mas também perante a sociedade.



**Imagem 50:** Conferência do Prof. Max Nonne na Academia Nacional de Medicina. Fonte: Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, III-IV Trimestre, 1922, pp. 158.

Neste mesmo circuito de sociabilidades, em maio de 1925 desembarcou no Rio de Janeiro o cientista Albert Einstein para uma conferência na Academia Brasileira de Ciências. Dada a importância desta visita, é de se imaginar a disputa por autoridades para recebê-lo em sua estada no país, como podemos observar na Imagem 51, publicada na revista ilustrada *O Malho*. Entre algumas fotografias que circularam pela imprensa, está também a Imagem 52 de Einstein e Juliano Moreira, que inclusive abriu a sessão na Academia Brasileira de Ciências, onde então era presidente (TOLMASQUIM; MOREIRA, 1996), o que demonstra o papel significativo que o Dr. Moreira já exercia na ciência brasileira.

28 — Março — 1925

*O Malho*

**ALBERT EINSTEIN,  
EMULO DE NEWTON**  
NO RIO  
DE JA-  
NEIRO

As nossas gravuras mostram varios aspectos da estadia do sabio entre nós.  
Einstein é o que veste roupa branca.

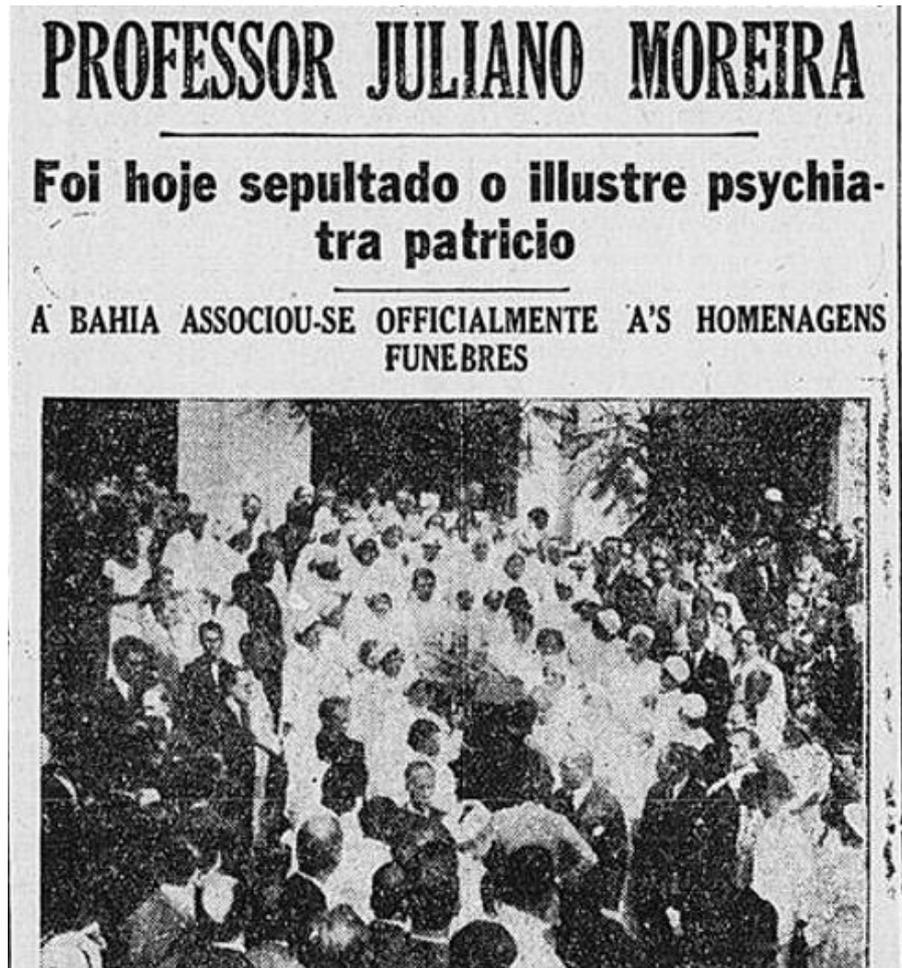
Passou pela nossa cidade Albert Einstein, o maior genio do nosso seculo. Na terra brasileira viu o sabio confirmada a sua theoria, em Sobral, no anno de 1919. Foi o inicio da repercussão do seu nome pelo mundo inteiro; desde 1905, porém, vinha Einstein mostrando a verdade da theoria da relatividade; uma das suas consequencias experimentaes foi o desvio da luz sob a influencia de massas de gravitação por occasião dos eclipses solares. Varias foram as tentativas para que, com precisão, fosse permitido aos sabios chegarem a um resultado positivo.  
E foi no nosso ceu que isso se verificou.

**Imagem 51:** Recepção de Einstein no Brasil, Rio de Janeiro. Fonte: O Malho, ano XXIV, n. 1.176, 28/03/1925, s/p. |



**Imagem 52:** Einstein e Juliano Moreira na Sede da Academia Brasileira de Ciências. Fonte: Acervo pessoal de Lúgia Brandão.

“O mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é ser percebido também como distinto” (BOURDIEU, 1989: 118). Neste sentido, o capital simbólico acumulado e adquirido por Juliano Moreira não só entre seus pares, mas também por toda comunidade científica nacional e internacional foi muito significativo para a institucionalização da psiquiatria no Brasil. Através de suas redes, assistimos a trama que consolidou este campo. Sua importância pode ser bem aquilatada pela comoção que sua morte causou, tendo ampla cobertura na imprensa, como podemos ver na Imagem 53 publicação do jornal *A Noite*, que contou com uma fotografia da aglomeração no funeral e as Imagens 54 e 55 do acervo pessoal de Lúgia Brandão.



**Imagem 53:** Funeral Juliano Moreira. Fonte: A Noite, ano XXIII, n. 7.700, 04/05/1933, s/p.



**Imagem 54:** Velório de Juliano Moreira com diversas pessoas cercando seu corpo no caixão. Fonte: Acervo Pessoal Lúgia Brandão.



**Imagem 55:** Enterro de Juliano Moreira. Fonte: Acervo Pessoal Lúgia Brandão.

Na historiografia encontramos diversos autores (COSTA, 1989; MACHADO et al., 1978; PORTOCARRERO, 1980) que destacam o papel da psiquiatria na construção de um discurso de modernização da sociedade atravessada pelos princípios da higiene. Os médicos estavam empenhados na normatização não só do espaço público, mas também na disseminação de preceitos morais modelares: bons hábitos e costumes, práticas de higiene etc. Não era incomum, na imprensa, encontrar textos de médicos discursando sobre os perigos do abuso do álcool, onde o destino final dos dependentes seria a cadeia ou o hospício<sup>70</sup>; a propagação da sífilis, tendo o comportamento sexual feminino e masculino como território fértil na procura de sinais que pudessem evidenciar as doenças mentais (ENGEL, 2008). A construção da autoridade médica se sedimentou na viabilidade de trazer soluções para compreender e tratar as doenças, e seu ethos profissional se consolida conforme esses discursos adentram a vida cotidiana dos indivíduos, balizando boas condutas, seja na atenção à infância (REIS, 2000), no comportamento feminino (ENGEL, 2004) e da classe trabalhadora do país (SANTOS; VERANI, 2010). A circulação do discurso da psiquiatria eugenista, materializada pela Liga Brasileira de Higiene Mental<sup>71</sup>, tem uma importância significativa neste contexto.

<sup>70</sup> REVISTA DA SEMANA, 07/01/1928, ed. 3, pp. 5.

<sup>71</sup> A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) foi fundada no Rio de Janeiro, em 1923 e liderada por médicos psiquiatras e tinha como membros uma elite da classe médica carioca (CARVALHO, 1999).

Um resumo do que demonstrou, mostra como a questão do prestígio foi explorada pela imprensa e pelos médicos, traçando distinções simbólicas desse grupo de médicos, que estavam sempre cercados de autoridades, pares, em eventos sociais e visitas deixando sempre um registro visual das posições onde esses indivíduos ocupavam e transitavam. Os médicos eram retratados como grandes personalidades do Brasil, onde seus *habitus*, atividades e mesmo seus conhecimentos eram alvo de interesse e prestígio social, que consolidavam suas virtudes e seu papel na sociedade.

A disposição estética das fotografias desses médicos privilegia as tomadas e situações onde a suas presenças se destacam, mostrando um estilo de vida característico da elite intelectual: cercado dos pares, visitas ilustres, autoridades, dimensões da vida privada que engaria capital simbólico à vida pública e toda a pompa que demarca visualmente a sofisticação estética.

As fotografias nos sugerem um cenário, um repertório que fala sobre como esse grupo de psiquiatras queriam ser vistos e as estratégias visuais mobilizadas para conferir maior autoridade, cientificidade e prestígio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos analisar diferentes usos e funções das fotografias na psiquiatria brasileira no seu processo de institucionalização, quando buscamos salientar que essas foram mobilizadas com fins diversificados mas que colaboraram para conferir maior autoridade e capital simbólico à prática psiquiátrica.

Através da análise dos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* e *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, o primeiro periódico especializado no campo e que esteve regularmente em circulação até a década de 1950, foi possível constatar como a fotografia tornou-se uma ferramenta significativa de apoio à pesquisa médica e o modo pelo qual, ao longo dos seus quase cinquenta anos de publicação, estiveram ali presentes de modo a dar maior objetividade e confiabilidade à prática psiquiátrica. Através delas, a psiquiatria fez demonstrações visuais do seu objeto de estudo, fortalecendo assim as categorias diagnósticas para estabelecer uma consensualidade entre os médicos, além de servir de suporte didático para pesquisas e ensino. A objetividade foi um eixo norteador dessas fotografias, o que pôde ser observado no esforço pela demonstração de imparcialidade com que os médicos buscavam retratar seus objetos. Os pacientes, por exemplo, estavam ali não enquanto sujeitos, mas enquanto recortes de carne amparando sintomas e categorias nosológicas, com vistas a construção de um tipo ideal para o estabelecimento do diagnóstico. No período em que essa história se desenrola, a objetividade torna-se o conceito chave que mobiliza diversos campos científicos e a produção de imagens técnicas, e a psiquiatria operacionalizou estas fotografias dentro de suas particularidades. “Ontologicamente, as imagens imaginam o mundo e as imagens técnicas imaginam textos que imaginam o mundo” (FLUSSER, 2011:13). E assim, essas fotografias atuaram como elemento objetivo e técnico, evidência da realidade, prova visual do texto, da teoria, onde os sujeitos por trás da câmera, acreditava-se, não intervinham. Neutralidade, realidade e objetividade eram garantidas pela comprovação técnica e sem alma das imagens. Pacientes e instrumentos eram fotografados e publicados para asseverar que a psiquiatria, enquanto um campo que se consolidava, também se pautava nos critérios de cientificidade a fim de garantir credibilidade.

Vimos também como as fotografias foram aliadas importantes da psiquiatria na busca por reconhecimento público de seus feitos e sua construção de sua autoridade. Essas imagens foram mobilizadas para atestar as eventuais mudanças empreendidas na estrutura asilar, bem como demonstrar a boa aplicabilidade dos recursos públicos no tratamento e assistência dos seus loucos, o que sinalizava o avanço da medicina mental e a lisura de seus profissionais, o

que acompanhava o tão almejado progresso do país. Ainda que muitas dessas imagens tenham sido feitas de autoridade para autoridade, muitas delas ultrapassaram o muro institucional e figuraram as páginas da imprensa.

Ainda que não houvesse regularidade na maior parte dos espaços específicos para tratar das ciências de um modo geral e da medicina na imprensa leiga (CERQUEIRA, 2019: 20), é notório que seus atores conseguiram circular nesses suportes, seja através dos eventos, congressos, banquetes e encontros ou mesmo pelas fotografias soltas desses personagens pelas páginas. Do mesmo modo, espero ter demonstrado que os temas da psiquiatria eram constantemente abordados nestes periódicos, na forma de reportagens sobre o hospício, notas médicas, acontecimentos do cotidiano asilar; e que isso espelha que a psiquiatria e o seu processo de institucionalização foi um assunto que esteve na ordem do dia.

Esta visibilidade, dadas de muitas formas, como vimos ao longo dos três capítulos, colaborou para o fortalecimento e institucionalização do campo psiquiátrico, uma vez que suas pautas eram divulgadas e despertavam interesse de jornalistas e alimentava o público geral, o que pode ser considerado significativo neste momento histórico em que a psiquiatria local alierçava suas bases científicas.

Se hoje vivemos num mundo bombardeado por fotografias e técnicas de manipulação e procedimentos, que muitas vezes se afastam da realidade para atender a demanda do espetáculo visual, no período estudado nesta pesquisa, a fotografia tinha um papel inverso: trazia a promessa da fidedignidade do real, do reflexo da transparência, *mimesis*. As fotografias representavam uma centelha dentro da inifinitude de estar no mundo, e também de ver o mundo. E como diz Wolff:

A imagem mostra. Mas ela conhece apenas uma maneira de fazê-lo: pela afirmação. Ela ignora a negação. Toda imagem diz uma única palavra: “vejam!”. Ou “ai está!”. A imagem de um cachimbo diz, sem o dizer: “isto é um cachimbo”. Nenhuma imagem, de cachimbo ou outra coisa, pode dizer “isto não é um cachimbo”. Tudo o que está na imagem está apresentado. (WOLFF, 2004:26)

Destarte, podemos afirmar que dentre as inúmeras leituras possíveis de se realizar sobre as fotografias mobilizadas pela psiquiatria, estas foram aliadas muito importantes neste período de institucionalização do campo. Através delas, os médicos psiquiatras puderam desenvolver pesquisas equiparada a outros campos científicos que já se utilizavam desta técnica como instrumento de produção de conhecimento; atestaram a eficácia e afirmaram as boas práticas de suas atividades através das fotografias, como testemunhas do avanço científico; e

fortaleceram sua autoridade e capital simbólico através dos clichês que circulavam pela imprensa divulgando suas atribuições e encontros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

#### Periódicos especializados:

*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905-1906)  
*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* (1910 - 1914)  
*Boletim de la Oficina Sanitaria Panamericana* (1945)  
*Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria* (1919 - 1938)  
*História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (2010)

#### Tese:

CRUZ, Oswaldo. *A vehiculação microbiana pelas águas*. 152f. Tese (Livre-Docência na Cadeira de Higiene e Mesologia), Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1893.

#### Legislação:

BRASIL. Decreto nº 8.024, de 12 de março de 1881. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8024-12-marco-1881-546191-publicacaooriginal-60103-pe.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Decreto nº 142-A, de 11 de janeiro de 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-142-a-11-janeiro-1890-513198-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 23, de 30 de outubro de 1891. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-23-30-outubro-1891-507888-norma-pl.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Decreto nº 1.132 de 22 de dezembro de 1903. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902-pl.html#:~:text=Fa%C3%A7o%20saber%20que%20o%20Congresso,a%20um%20estabelecimento%20de%20alienados>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Decreto nº 4.634, de 08 de janeiro de 1923. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4634-8-janeiro-1923-566570-norma-pl.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Decreto n. 5.148-A de 10 de janeiro de 1927. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5148-a-10-janeiro-1927-563139-publicacaooriginal-87269->

pl.html#:~:text=Art.,a%20estabelecimento%20apropriado%20para%20tratamento. Acesso em: 09 dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

### **Relatório:**

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Relatórios dos anos de 1904 e 1905 apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Disponível em: <http://www.crl.edu>. Acesso em: 09 dez. 2020.

### **Jornais e Revistas:**

*A Noite* (RJ) – 1922. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*A Noite* (RJ) – 1926. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*A Noite* (RJ) – 1933. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Correio da Manhã* (RJ) – 1925 a 1926. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemerotecadigital/>. Acesso em: Acesso em: 21 jul. 2021.

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 1912. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemerotecadigital/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Jornal do Commercio* (RJ) – 1902. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 21 jul. 2021.

*Jornal do Commercio* (RJ) – 1922. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 21 jul. 2021.

*Leitura Para Todos* (RJ) – 1905. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br//acervo-digital/Leitura-Para-Todos/348074>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Leitura Para Todos* (RJ) – 1920. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br//acervo-digital/Leitura-Para-Todos/348074>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*O Careta* (RJ) – 1927. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/careta/careta\\_1927/careta\\_1927.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1927/careta_1927.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

*O Malho* (RJ) – 1925. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=102059>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*O Paiz* (RJ) - 1896. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_02&Pesq=%22Marcio%20Nery%22&pagfis=15854](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&Pesq=%22Marcio%20Nery%22&pagfis=15854)[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_02&Pesq=%22Marcio%20Nery%22&pagfis=15854](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&Pesq=%22Marcio%20Nery%22&pagfis=15854). Acesso em: 01 dez. 2020.

*Revista da Semana* (RJ) – 1900. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista da Semana* (RJ) – 1905. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista da Semana* (RJ) – 1923. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista da Semana* (RJ) – 1926. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista Fon-Fon* (RJ) – 1909. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1909/fonfon\\_1909.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1909/fonfon_1909.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista Fon-Fon* (RJ) – 1913. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1913/fonfon\\_1913.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1913/fonfon_1913.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista Fon-Fon* (RJ) – 1927. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1927/fonfon\\_1927.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1927/fonfon_1927.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

*Revista Kosmos* (RJ) – 1906. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>. Acesso em: 21 jul. 2021.

### **Acervo Pessoal:**

Acervo Pessoal de Lígia Brandão.

## Bibliografia

ALCÂNTARA, Josiane Silva de. *Vitrine das ciências: a divulgação científica nas revistas cariocas Kósmos, Século XX e Renascença (1904-1909)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2016.

ALVES, Lourence Cristine. *O Hospício Nacional de Alienados: Terapêutica ou higiene social?* 2010. Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

ARAÚJO, Priscila de Oliveira. *Imagem e ciência: Produção e usos da fotografia em periódicos especializados no Rio de Janeiro (1905-1930)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2020.

AUSTREGESILO, Antonio. GOTUZZO, Humberto. Três casos atípicos de esclerose em placas. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, v.2, n.1, 1906, pp. 136.

BILAC, Olavo. “No Hospício Nacional – Uma visita à seção das ciranças”. In: *Kosmos Revista Artística, Científica e Litteraria*. Rio de Janeiro, ano 2, fevereiro de 1905.

BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Uma viagem na história da enfermagem psiquiátrica no início do século XX. *Escola Anna Nery*, v. 10, n. 4, dez. 2006, pp. 725–729.

BOURDIEU, Pierre. “Gostos de classe e estilos de vida”. In ORTIZ, Renato. (Ed.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983a., pp. 82–121.

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”. In ORTIZ, Renato. (Ed.). *Col. Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, André Luiz de Carvalho. *O Serviço Nacional de Doenças Mentais no Governo JK: a Assistência Psiquiátrica Para o Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2013.

CAMARGO, Angelica Ricci. *Ministério da Justiça e Negócios Interiores: um percurso republicano (1891-1934)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015.

CAPELA, Raisa Monteiro. *Imagens da loucura: a fotografia no Hospício Nacional de Alienados*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CAPONI, Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

CAPONI, Sandra. Para uma genealogia de la psiquiatria ampliada. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, v. 3, n. 6, 2012, pp. 106-125.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 6, n. 1, jun. 1999, pp.133–156.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e o seu papel na institucionalização da Psiquiatria (1907-1928). *Simpósio Nacional de História*, 2013, pp.1–13.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

CLODE, João José Edward. História da fotografia e da sua aplicação à medicina. *Cadernos de Otorrinolaringologia*, 2010, pp.1–23.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-193*. Editora Record, 1999. pp.304.

COFFIN, Jean-Christophe. *La transmission de la folie (1850-1914)*. Paris: L'Harmattan, 2007.

CORREIA, Fernando. A ilustração científica: “santuário” onde a arte e a ciência comungam. *Visualidades*, v. 9, n. 2, 2011, pp. 223–241.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

COSTEIRA, Elza Maria Alves. Arquitetura hospitalar: história, evolução e novas visões. *Revista Sustinere*, v. 2, n. 2, 2014, pp.57–64.

DA CUNHA GONÇALVES, Tatiana Fecchio. A fotografia psiquiátrica no século XIX: Hugh W Diamond. *Visualidades*, v. 6, n. 1 e 2, 2012, pp. 73-83. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/18071>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

DANTAS, Caroline Vieira. Fon-Fon. *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: FGV, [s/p] [s.d.]. Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2021.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *Objectivity*. New York: Zone Books, 2007.

DE OLIVEIRA, Carlos Francisco; DALGALARRONDO, Paulo; NOGUEIRA, Alexandre. Evolução das classificações psiquiátricas no Brasil: um esboço histórico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 52, n. 6, 2003, pp. 433–446.

DIAS, Allister Andrews Teixeira. *Dramas de Sangue na Cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

DIAS, Allister Andrews Teixeira; CAPELA, Raisa Monteiro. Del Hospício de Pedro II al Hospital Nacional de Alienados: cien años de historias (1841-1944). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 26, n. 4, 2020, pp. 1203–1210.

EDLER, Flávio Coelho. A medicina no Brasil imperial: fundamentos da autoridade profissional e da legitimidade científica. *Anuario de Estudios Americanos*, v. 60, n. 1, 2003a, pp. 139–156.

\_\_\_\_\_. AFRÂNIO PEIXOTO: Una cruzada civilizadora por la nación posible. *Revista Biomédica*, v. 23, n. 3, 2012, pp. 121-130.

ENGEL, Magali. As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 5, n. 3, 1999, pp.547–563.

\_\_\_\_\_. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fio, 2001.

\_\_\_\_\_. “Psiquiatria e feminilidade”. In DEL PRIORE, M. (Ed.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p.322-361.

\_\_\_\_\_. Sexualidades interditas: loucura e gênero masculino. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 15, n. suppl, 2008, pp.173–190.

FABRICIO, André Luiz da Conceição. *A Assistência Psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6104>>.

FABRIS, Annateresa. (ed.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.

\_\_\_\_\_. A fotografia oitocentista ou a ilusão da objetividade. *Revista de Artes Visuais*, v. 5, n. 8, 1993, pp.7–16.

FACCHINETTI, Cristiana. “O brasileiro e seu louco: notas preliminares para uma análise de diagnósticos”. NASCIMENTO, Dilene et al In *Uma história brasileira das doenças*. [s.l.] Editora Paralelo, 2004. pp. 295–307.

FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, 2010, pp. 733-768.

FACCHINETTI, Cristiana.; CUPELLO, Priscila Céspedes; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. suppl 2, dez. 2010, pp. 527–535.

FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila Céspedes. O processo diagnóstico das psicopatas do Hospital Nacional de Alienados: entre a fisiologia e os maus costumes (1903-1930). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 11, n. 2, 2011, pp. 697–718.

FACCHINETTI, C.; MUÑOZ, P. F. N. de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, n. 1, 2013, pp. 239–262.

FACCHINETTI, Cristiana; REIS, Cristiana Sá. O Hospício Nacional: arquitetura, política e população (1852-1902). *Clio-Psyché: Instituições, História, Psicologia*, 2014, pp. 95–123.

FACCHINETTI, Cristiana. “Un palacio imperial para la locura en Río de Janeiro: el Hospicio Nacional de Alienados, 1841-1944”. In MOLINA, A. R.; HONORATO, M. R. (Ed.). *De manicômios a instituições psiquiátricas. Experiencias en Iberoamérica, siglos XIX*. México: UNAM, 2021. (No prelo).

FERREIRA, Luiz Otavio; FONSECA, Maria Rachel Fróes.; EDLER, Flávio Coelho. “A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX”. In DANTES, M. A. (Ed.). *Espaços da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

FLORSHEIM, David Borges. A fotografia e a “descoberta” da histeria. *Psicologia USP*, v. 27, n. 3, 2016, pp.404–413.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da caixa preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michael. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GONÇALVES, Monique de Siqueira; EDLER, Flavio Coelho. Os caminhos da loucura na Corte Imperial: um embate historiográfico acerca do funcionamento do Hospício Pedro II de 1850 a 1889. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 12, n. 2, jun. 2009, pp. 393–410.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. Os primórdios da psiquiatria no Brasil: o Hospício Pedro II, as casas de saúde particulares e seus pressupostos epistemológicos (1850-1880). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 6, n. 1, 2013, pp. 60–77.

GOUVÊA, Maria de Fatima. *O Império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

HOCHMAN, Gilberto. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, fev. 2011, pp. 375–386.

JARDIM, Maria Estela.; PERES, Isabel Marília. *Imagens do Século XIX: Fotografia Científica. As imagens com que a Ciência se faz*. 2010, pp. 223-244. Disponível em: <<http://rgdoi.net/10.13140/RG.2.1.2461.2002>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

KEMP, Amy.; EDLER, Flavio Coelho. A reforma médica no Brasil e nos Estados Unidos: uma comparação entre duas retóricas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 11, n. 3, 2004, pp.569–585.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

KURY, Lorelai Brillhante. Entre nature et civilisation les médecins brésiliens et l'identité nationale (1830-1850). *Les Cahiers du Centre de recherches historiques*, n. 12, 1994, pp. 1-12. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ccrh/2751>>. Acesso em: 19 maio. 2021.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unep, 2000.

\_\_\_\_\_. Cognição e visualização: Pensando com olhos e mãos. *Terra Brasilis*, n. 4, 2015, pp. 1-40. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1308>>. Acesso em: 16 out. 2020.

LIBÉRIO, Carolina Guerra. Indústria fotográfica e fotografia do século XX ao XXI. *História da Mídia*, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/industria-fotografica-e-fotografia-do-seculo-xx-ao-xxi>>. Acesso em: 03 janeiro de 2021.

LIMA, Rodrigo da Silva.; AFONSO, Júlio Carlos; PIMENTEL, Luiz Cláudio Ferreira. Raios-x: Fascinação, Medo e Ciência. *Química Nova*, v. 32, n. 1, 2009, pp.263–270.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone Editora, 2007.

MACHADO, Roberto. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAGALHÃES, Eurydice de. Sobre um caso de doença de Heine-Medin na juventude. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, Ano XVIII, n. 3, 1935, pp. 144.

MAGIORKINIS, Emmanouil; DIAMANTIS, Aristidis. The fascinating story of urine examination: From uroscopy to the era of microscopy and beyond. *Diagnostic cytopathology*, v. 43, n. 12, 2015, pp. 1020-1036.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MARTINS, Ygor. Antonio Fernandes Figueira. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: *Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde*, 2018. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

MATHIAS, Cátia; NARDI, Antonio E. João Carlos Teixeira Brandão, the first Brazilian professor of Psychiatry. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 76, n. 10, out. 2018, pp.713–715.

MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24002>>. Acesso em: 12 de dez. de 2021.

MAUAD, Ana Maria. Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 10, n. 2, 1999, pp. 63–89.

\_\_\_\_\_. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 13, n. 1, jun. 2005, pp.133–174.

\_\_\_\_\_. O poder em foco-imagens reservadas de homens públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 11, n. 3, 2007, pp.119–149.

MAURENTE, Vanessa Soares. *Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21842>>. Acesso em: 18 de dez. de 2020.

MONTEIRO, José Cauby; CARDOSO, Adalberto Trindade. Weber e o individualismo metodológico. *Anais do 3o Encontro Nacional da ABPC–Associação Brasileira de Ciência Política*, 2002. pp.35–71.

MORAES, Monica Cristina de. *No canto do isolamento: loucura e tuberculose no Hospício Nacional de Alienados (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2020.

MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *Clínica, laboratório e eugenia: uma história transnacional das relações Brasil-Alemanha*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2018.

\_\_\_\_\_. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17721>>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

NASCIMENTO, Fernando Figueira do; MANDELBAUM, Belinda Piltcher Haber. A invenção da norma: a psicologia na Liga Brasileira de Higiene Mental. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 27, n. 4, out. 2020, pp.1149–1167.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22, n. 4, dez. 2000, pp. 178–179.

OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de; CONDURU, Roberto. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 11, n. 2, ago. 2004, pp.335–384.

OLIVEIRA, William Vaz de. *A assistência a alienados na capital federal da primeira república: discursos e práticas entre rupturas e continuidades*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1489.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 2, abr. 2001, pp.3–12.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: Corporeidade, Tecnologias Médicas e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

PACHECO E SILVA, Antônio Carlos. A proteção aos insanos no Segundo Reinado. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 36, n. 5, 2009, pp.208–215.

PARENT, Andre. Duchenne De Boulogne: A Pioneer in Neurology and Medical Photography. *Canadian Journal of Neurological Sciences / Journal Canadien des Sciences Neurologiques*, v. 32, n. 3, ago. 2005, pp. 369–377.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 3, set. 2008, pp.490–496.

\_\_\_\_\_. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 12, n. 2, jun. 2009, pp.379–386.

PICHEL, Beatriz. From Facial Expressions to Bodily Gestures: Passions, Photography and Movement in French 19<sup>th</sup> -Century Sciences. *History of the Human Sciences*, v. 29, n. 1, fev. 2016, pp.27–48.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

PUECH, Luis Antonio. Tabes dorsualis e tabes associada: Estudo sobre um caso de tabes associada. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, v. 2, n. 1, 1906, pp. 69.

REIS, José Roberto Franco. “De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 7, n. 1, 2000, pp.135–157.

RIBEIRO, Daniele Corrêa. *Os sentidos do Hospício de Pedro II: dinâmicas sociais na constituição da psiquiatria brasileira (1842-1889)*. 241 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

\_\_\_\_\_. Márcio Philaphiano Nery. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: *Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde*, 2018.

RUSSO, Jane. *O mundo PSI no Brasil*. Rio de Janeiro: Editor Zahar, 2002.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 16, n. suppl 1, jul. 2009, pp. 333–348.

SAIOL, José Roberto Silvestre. O debate legislativo sobre a assistência psiquiátrica na primeira república. *Epígrafe*, v. 6, n. 6, nov. 2018, pp. 15–43.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. suppl 2, dez. 2010, pp. 400–420.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro; FARIA, Lina. O ensino da saúde pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4, n. 2, set. 2006, pp. 291–324.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Rio de Janeiro na era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Editora FGV - Fundação Getúlio Vargas, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Dos Males da Medida. *Psicologia USP*, v. 8, n. 1, 1997, pp.33–45.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCORSATO, Helen. O uso da fotografia em processos de identificação e o método Bertillon—século XIX. *Estudios Historicos*, v. 9, n., 2012, s/p. Disponível em: <<https://estudioshistoricos.org/edicion9/eh0911.pdf>>. Acesso em: 19 de jan. de 2021.

SILVA, James Roberto. Fotografia e ciência: a utopia da imagem objetiva e seus usos nas ciências e na medicina. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v.9, n. 2, 2014, pp. 343-360.

\_\_\_\_\_. *Doença, fotografia e representação: revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. 276f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17072007-120426/publico/TESE\\_JAMES\\_ROBERTO\\_SILVA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17072007-120426/publico/TESE_JAMES_ROBERTO_SILVA.pdf)>. Acesso em: 05 de out. de 2020.

SILVA, Renata Prudêncio. Medicina, Educação e Psiquiatria para a Infância: O Pavilhão-Escola Bourneville no Início do Século XX. 180f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *As ciências de Afrânio Peixoto: higiene, psiquiatria e medicina legal (1892-1935)*. 361 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. [s.l.] Mauad Editora Ltda, 1998.

TAGG, John. *The burden of representation: Essays on photographs and histories*. [s.l.] University of Minnesota Press, 1993.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. A. *Na arena de esculápio: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)*. São Paulo: UNESP, 2007.

TEIXEIRA, Manoel Olavo. *Deus e a ciência na terra do sol: o Hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil*. Instituto de Psiquiatria/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

TEIXEIRA, Manoel Olavo.; RAMOS, Fernando de Cunha. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 15, n. 2, 2012, pp.364–381.

TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno.; MOREIRA, Ildeu de Castro. Um manuscrito de Einstein no Brasil. *Ciência Hoje*, v. 21, n.13., 1996, pp.22–9.

VENANCIO, Ana Teresa. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 10, n. 3, 2003, pp.883–900.

VENANCIO, Ana Teresa; CARVALHAL, Lázara. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. In RUSSO, J.; DUARTE, L. F. D. (Ed.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. pp.65–83.

VENANCIO, Ana Teresa; SAIOL, José Roberto. El Hospicio Nacional de Alienados en la prensa de Río de Janeiro (1903-1911). *Asclepio*, v. 69, n. 2, dez. 2017, pp.190.

WOLFF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In NOVAES, Adauto (org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac, 2004. p. 16-45.